

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI - UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

RODRIGO MARLEY DE QUEIROZ LIMA

“DO ALFORJE DA MEMÓRIA”: POSSIDÔNIO QUEIROZ, OEIRAS (PI) E AS  
NARRATIVAS DE SI

TERESINA/PIAUI

2017

RODRIGO MARLEY DE QUEIROZ LIMA

“DO ALFORJE DA MEMÓRIA”: POSSIDÔNIO QUEIROZ, OEIRAS E AS  
NARRATIVAS DE SI

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letas, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

TERESINA/PIAUI  
2017

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

L732a      Lima, Rodrigo Marley de Queiroz.  
              “Do alforje da memória”: Possidônio Queiroz, Oeiras  
              e as narrativas de si / Rodrigo Marley de Queiroz Lima. –  
              2017.  
              158 f. : il.

              Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –  
              Universidade Federal do Piauí, 2017.  
              Orientação: Prof. Dr. Francisco Alcides do  
              Nascimento.

              1. Arquivo Privado. 2. Autobiografia. 3. Escrita de SI.  
              I. Queiroz, Possidônio Nunes de. II. Título.

CDD 928.69

RODRIGO MARLEY DE QUEIROZ LIMA

“ALFORGES DA MEMÓRIA”: POSSIDÔNIO QUEIROZ, OEIRAS (PI) E AS  
NARRATIVAS DE SI

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa (Examinador Externo)  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Examinador Interno)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia Cristina da Silva Fontineles (Suplente)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

À minha avó, Melinha Queiroz (Maria Amélia), a quem devo a iniciação na vida, quem me ensinou que a maldade se vence fazendo o bem, de quem herdei a inspiração sobre a fortuna da calmaria. À minha esposa dedicada, Ana Cecília, sem seu incentivo o Mestrado não teria sido possível. Obrigado pelos diálogos e por sempre me ouvir.

## AGRADECIMENTOS

Há algum tempo, venho percebendo que é na dúvida que consigo dar certo sentido às coisas da vida. Percebi, também, que nos erros e nas derrotas construí experiências mais sólidas e que me fizeram olhar ao redor com mais candura. Por isso, queria iniciar agradecendo ao Universo e a toda Consciência Cósmica por todos os desafios e, acima de tudo, pela beleza que brota a partir do caos.

Queria agradecer à minha esposa por cada celebração da vida, incentivo e que sem ela o mestrado não teria sido possível da forma como aconteceu. Agradeço a ti, Ana Cecília Saraiva de Alexandria, por ser a maior espectadora dessa conquista.

Queria agradecer à minha família, unindo aqui todos os Queiroz e Barbosa Saraiva, que torceram o tempo todo por mim, que presenciaram minhas angústias, que perguntavam como estava e que compreenderam, dentro do possível, o que significava tudo isso. Desse grupo maravilhoso, agradeço especialmente à minha mãe, Ceiça Queiroz (Conceição de Maria Queiroz Lima), que desde a graduação me apoiava. Não esqueço dos dias da semana que acordavas bem cedo para organizar meu almoço para que eu pudesse levar para a UESPI, onde trabalhava e estudava. Minha sogra, Sandra Selma Barbosa Saraiva, também possui um lugar especial, pois viu de perto minha angústia para escrever este trabalho.

Agradeço aos professores do Programa do Mestrado em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, pelos enriquecedores debates. Obrigado Johny Santana e Edwar de Alencar Castelo Branco.

Obrigado à professora Claudia Fonteneles por ler, com tanto carinho, o texto para qualificação, apresentando relevantes observações sobre o trabalho.

Obrigado à professora Teresinha Queiroz que me ajudou a pensar a estrutura da dissertação. As aulas de História e Literatura são a poesia que precisamos para enxergar outros mundos.

Um agradecimento especial ao Prof. Francisco Alcides do Nascimento por cada palavra, cada emoção arrancada em suas aulas. Ensinaste que ser professor é ponderar, que ensinar é deixar a informação mais justa, equilibrada e que é necessário deixar como legado, em meio a toda essa ponderação, uma sensível e sincera relação entre conteúdo e vida.

Agradeço à coordenação do programa em nome do Prof. Francisco de Assis Nascimento. À secretária, Dona Eliete, com quem dialoguei muito nos últimos momentos, na

decisão sobre as datas e sobre o depósito do texto, suavizando a pressão que existe nessa época. Agradeço, também, à Rairana Moita.

Agradeço apaixonadamente ao *Grupo Paralelo*, forma carinhosa e cheia de cumplicidade, em que um grupo de dez amigos trataram-se com muito amor uns aos outros durante esses anos. Desde os primeiros meses do curso, nossa união serviu de base para cuidar, zelar, compartilhar e nutrir muita afetividade: Pablo Carvalho, Sabrina Verônica, Lorena França, Vinícius Cardoso, Daniel Sá, Camila Melo, Nayane Costa, Lizianny Leal(Gigi) e Elierson Moura.

Agradeço, especialmente, ao Elierson Moura. É uma marca na minha vida. Nossas conversas sempre foram aprendizado, troca, compartilhamento. Deixas saudades ao ir morar no Pará, mas sabemos que está sendo bem cuidado.

Agradeço à Sabrina Steinke, por ter vindo de longe e provocado tanto “alvorço”.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Agradeço, por último, aos esquecidos temporariamente. Somos passíveis desse esquecimento involuntário.

*“A lógica do tempo foge a qualquer linha reta, ela monta-se nas curvas mais incríveis, nos abismos recentes e antigos que se cruzam como velhos amigos. A densidade afetiva da vida nunca deve ser alijada da história. Como afirma a obra freudiana, ela está articulada com os vestígios mínimos de felicidade que conseguimos viver ou mesmo fantasiar”.*

Antônio Paulo Rezende



## RESUMO

O arquivo privado do homem de letras Possidônio Nunes de Queiroz constitui-se de um leque de documentos que vão desde as correspondências, memórias, rascunhos de trabalhos para publicação e colaborações, recortes de jornais, almanaques e revistas, fotografias e uma vasta biblioteca. Trata-se não somente de matérias escritas e datilografadas por ele, mas uma diversidade de documentos que demonstram a múltiplas atividades e representações de si e que foram sendo arquivadas na medida em que pensou em *arquivar a própria vida* e as formas de como quis ser lembrado. Ao tempo em que narra sua atividade como intelectual mediador da cultura de Oeiras, no Estado do Piauí, apresenta impressões sobre suas experiências na música, no funcionalismo público, como orador, cronista, redator de jornal, professor, historiador e membro de instituições que atuam diretamente no âmbito sociocultural da cidade. Pretendemos, através deste trabalho, analisar de que forma Possidônio Queiroz arquiteta suas representações, faz o uso da memória e do tempo, através do seu arquivo privado, para montar um acervo constitutivo de uma narrativa autobiográfica. Veremos como elaborou e guardou, de forma organizada, as produções textuais através de crônicas, cartas, artigos de história, relatórios da União Artística e Instituto Histórico de Oeiras, representações da sua trajetória intelectual e da cidade. Por fim, analisamos como, através das cartas, constrói uma rede de sociabilidade que ultrapassa os muros da cidade onde relata uma diversidade de temas ao tempo que constrói uma escrita de si. Para dar conta desses objetivos buscamos entender de que maneira um arquivo privado produz significações para a experiência de um indivíduo, analisando as fontes contidas nele em diálogos da relação entre história e literatura, bem como a escrita de si como escrita da história.

Palavras-chave: Possidônio Queiroz; arquivo privado; autobiografia, escrita de si

## ABSTRACT

Possidônio Nunes de Queiroz's private archive consists of a range of documents ranging from correspondence, memoirs, drafts of works for publication and collaborations, newspaper clippings, almanacs and magazines, photographs and a vast library. It is not only written and typewritten by him, but a diversity of documents that demonstrate the multiple activities and representations of oneself and that were being filed to the extent that he thought about filing his own life and the ways he wanted to be remembered . At the same time as he narrates his activity as an intellectual mediator of the culture of Oeiras, in the State of Piauí, he presents impressions about his experiences in music, public service, as a speaker, chronicler, newspaper editor, teacher, historian and member of institutions that work directly within the socio-cultural scope of the city. Through this work, we intend to analyze how Possidônio Queiroz designs his representations, makes use of memory and time, through his private archive, to build a collection constitutive of an autobiographical narrative. We will see how he has organized and organized, in an organized way, textual productions through chronicles, letters, articles of history, reports of the Artistic Union and Historical Institute of Oeiras, representations of his intellectual and city trajectory. Finally, we analyze how, through the letters, he builds a network of sociability that surpasses the walls of the city where he relates a diversity of themes to the time that he constructs a writing of the self. In order to realize these objectives we seek to understand how a private archive produces significations for the experience of an individual, analyzing the sources contained in it in dialogues of the relation between history and literature, as well as writing of the self as writing of history.

Keywords: Possidônio Queiroz; Private archive; autobiografic, writing of de self

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01- Francisca Soares de Queiroz e o filho Possidônio Nunes de Queiroz.....	23
FIGURA 02 - Vista aérea década de 1950-60.....	25
FIGURA 03 - Recibo do Externato Oeirense, 1917.....	32
FIGURA 04 - Nomeação para o cargo de Ajunto de Promotor Público.....	48
FIGURA 05 - Orquestra Renascença, 1930 .....	52
FIGURA 06 - Almanaque do Pensamento,1955.....	57
FIGURA 07- Praça da Bandeira em primeiro plano.....	85
FIGURA 08 - Possidônio Nunes de Queiroz, aos 22 anos.....	89
FIGURA 09 - Mesa redonda constituída por solicitação do Instituto Histórico de Oeiras, para pesquisar-se, discutir-se e dizer qual a data que se deve tomar como dia do Município.....	107
FIGURA 10 - Possidônio e seu filho Gerardo Queiroz. Oeiras. Casa da Pólvora antes da reforma feita pela Prefeitura Municipal.....	109
FIGURA 11 - Raimundo da Costa Machado posando em frente à sede da União Artística Operária Oeirense.....	123
FIGURA 12 – Grupo Escolar Costa Alvarenga (1929) .....	132

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – TRAÇOS BIOGRÁFICOS: NOTAS SOBRE INFÂNCIA, JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS.....</b>	<b>20</b>
1.1 Infância e trabalho .....	22
1.2 Cotidiano e música .....	33
1.3 As primeiras incursões no mundo das letras .....	42
1.4 Casa Queiroz: o comerciante solicitador .....	53
<b>CAPÍTULO II – IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DE OEIRAS .....</b>	<b>72</b>
2.1 A decadência: debates sobre uma história muito bem contada .....	73
2.2 “Recordar a década de novecentos e vinte e viver traços emocionantes do cotidiano oeirense ...” .....	86
2.3 Jornal <i>O cometa</i> .....	94
2.3.1 Oeiras sempre Oeiras: a criação de um jornal e uma identidade .....	101
2.4 Nasce o Instituto Histórico de Oeiras .....	103
<b>CAPÍTULO III – CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS.....</b>	<b>115</b>
3.1 Entre amigos: táticas cordiais pensando a cidade .....	115
3.2 Notas sobre o Rotary Club de Oeiras .....	127
3.3 Cartas que são crônicas: relatos sobre o caso Ginásio Municipal e o Banco do Brasil.....	130
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

Possidônio nos conduz por um intenso labirinto, mas nos conduz. A afirmativa está relacionada ao desafio que é acessar o arquivo privado de Possidônio Nunes Queiroz com suas lacunas, mesmo assim recebendo inspiradoras “rajadas” de provocações. Iniciamos o percurso da pesquisa tendo Possidônio Queiroz como protagonista principal ainda na graduação quando escrevemos sobre sua atividade musical em Oeiras – Piauí, cidade na qual nasceu e viveu durante toda sua vida, ausentando-se dela poucas vezes, especialmente para tratamento de doenças.

Desde jovem estudou música, entretanto não se descuidou de outros temas. Em sua biblioteca foram encontrados livros de escritores como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Menotti del Picchia, Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Aparício Fernandes, entre outros. As marcações que fez nos livros podem ser indício de que os admirava. Foi encontrada, também, uma obra do filósofo William James, mas, em seus escritos, cita outros filósofos. Além disso, foram localizados escritos nos quais Possidônio cita Camões e é possível que conhecesse, também, Eça de Queiroz, pela mesma razão, só para ficar nesses dois escritores portugueses.

O desafio continuou, agora nesta dissertação de mestrado, partindo da relação de Possidônio Queiroz com Oeiras, quando este construiu e guardou um lapidário de si, pois a “Cidade Invicta”, como era costume seu registrar o qualificativo, era o tema preferido de seus escritos, conferências e palestras. Era tido, entre os seus pares, como o historiador-mor de Oeiras. Possidônio tem sido, ao longo da minha vida de estudante da História do Piauí, motivo de inquietações. Igualmente filho de Oeiras, vejo o personagem central desta trama como um homem ativo, inquieto e que ficou conhecido por muitos como “Professor Possidônio Queiroz” ou, quando o interlocutor fazia parte do círculo mais fechado de amizade, o tratava de forma carinhosa de *Possí*.

Possidônio representou Oeiras de múltiplas formas e linguagens. Construiu memórias através de debates seja na forma escrita ou na forma oral, por meio de conferências, palestras e debates. Sonhou com uma cidade progressista, isso significando escola, especialmente na luta em favor da implantação do curso ginásial em Oeiras. Mas, em muitas oportunidades, narrou sobre um período no qual a primeira capital foi chamada “cidade decadente”, repercutindo o sentimento de ressentimento que perdurou por longo tempo depois da transferência da capital da província de Oeiras para Teresina. Anotou em outros momentos as

características da cidade, quais sejam: pacata, progressista e invicta<sup>1</sup>. Mesmo sendo a favor do progresso, reclamou, em algumas oportunidades, contra as formas e as estruturas da modernidade acelerada, apressada e sob o realismo brutal<sup>2</sup>.

Como é comum entre os intelectuais, o acervo privado de Possidônio Queiroz registra sua trajetória, ou seja, compõe maneiras de como desejava ser visto, por ele mesmo e pelos outros. Trabalhou durante anos na construção de identidades que o caracterizavam como sendo um ativista cultural. Participou de movimentos sociais que envolveram, em momentos distintos, todos os segmentos sociais da urbe. Ao narrar essas atividades, lida com as relações cotidianas, abordando os sucessos e os insucessos das ações das quais participou. De forma muito polida e cuidadosa, relata as decepções com o “mundo político” do qual fazia parte. Creio que as atividades desenvolvidas no meio artístico e cultural permitem que Possidônio seja chamado de *Intelectual mediador*.

Angela Maria de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) designam *Intelectuais Mediadores* aquelas figuras responsáveis pela produção direta e indireta de conhecimento bem como a circulação de ideias que perpassem pela intervenção político-social. Tal categoria, passa por profundas reflexões em estudos fundados pelo conceito de apropriação cultural de Roger Chartier, através dos quais se verificam as intenções dos autores/criadores; bem como de recepção cultural de E. P. Thompson onde os bens culturais passam por reelaboração ao serem apropriados e, a noção de “brecha”, de Michel de Certeau, que sugere que um sujeito histórico, mesmo se apropriando e consumindo produção, ao assimilá-la pode subvertê-la, possibilitando diversas ressignificações<sup>3</sup>.

As leituras que fizemos sobre o que aqui é chamado de homens de letras<sup>4</sup> permitem afirmar que eles passam boa parte do seu tempo no escritório. Nesse caso em específico, trabalhou incansavelmente no seu escritório, acompanhado de muitos livros e de sua máquina de escrever, enquanto teve condições físicas de datilografar os seus escritos (cartas,

<sup>1</sup> Referência que se faz ao hino da cidade nos versos que formam o refrão: “Oeiras, invicta/ tu sempre serás/ Ó terra bendita/ De amor e de paz”. HINO DA CIDADE DE OEIRAS. Letra de José Expedito de Carvalho Rêgo. Música de Dionísio Rosa Reis. Disponível em: <<http://oeiras.pi.gov.br/hino-da-cidade/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

<sup>2</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Carta endereçada à Miridan Britto Knox Falci, Oeiras (PI), 23 nov 1990.

<sup>3</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 10.

<sup>4</sup> O entendimento, com o qual fazemos uso nesta pesquisa, sobre a noção de intelectuais/homens de letras é inspirado nas concepções de autores relacionado nas obras a seguir: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha – 2 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472p.; ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. **De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo**. Trajetos. Revista do Programa de Pós-História, v.3, n.6, p.43-66, 2005.

conferências e *scripts* de programas de rádio) e discursos para ele próprio e para os outros que tropeçavam nas palavras escritas por Possidônio Queiroz. Os discursos da lavra deste contêm *vestígios* que nortearam a escrita desta dissertação. Com todas as fontes, com as quais tecemos nossas narrativas, tivemos a preocupação de trabalhar o mais criticamente possível. Muitos textos tratam, de forma direta ou indireta, da trajetória de vida do personagem central deste trabalho acadêmico. É perceptível que Possidônio, por vezes, usa de falsa modéstia; noutros momentos realiza descrições de atividades e análises intermináveis, inacabadas<sup>5</sup>.

Há pelo menos duas ou três décadas, vem aumentando a produção de obras que versam sobre os intelectuais e as correspondências trocadas entre eles. No período aqui estudado, apesar do telefone já existir, este era um produto proibido para a maioria da população e as emissoras de rádio no Piauí eram o grande meio de comunicação de massa, entretanto, as cartas e os telegramas eram instrumentos de comunicação de grande relevância, especialmente nos grotões do Nordeste brasileiro. Daí a quantidade substantiva de livros que possuem a compilação de cartas entre homens de letras, mas também existem exemplos de livros e artigos de cartas familiares.

O crescente interesse pela produção de cunho autobiográfico ou biográfico estende-se, também, para o quadro de produção acadêmica, contendo perspectivas distintas sobre os missivistas, suas obras e/ou as lapidações de suas trajetórias - grande parte desses literatos eram reconhecidos em âmbito nacional e internacional<sup>6</sup>.

O número de pesquisas acadêmicas que lidam com as trajetórias e as construções de si, a partir do acervo privado ou por parte dos documentos neles contidos, é cada vez maior entre os historiadores. Inspirei-me nalgumas teses de doutorado como, por exemplo: *Arquivos da Vida, arquivos da História: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo*, de Natália Conceição Silva Barros, UFPE (2012); *Escrita dos Movimentos Interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*, da Ana Cristina Meneses de Sousa pela UFPE (2012); *Como um Castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Raquel de Queiroz (1901-1964)*, de Natália de Santanna Gerellus, pela UFF (2015) e *Rede Mafrensina: sociabilidade e diálogo epistolar entre intelectuais piauienses de 1980 a 1995*, Audrey Maria Mendes de Freitas Tapey, pela PUC-SP (2016). Dissertações: *Construindo um lugar na*

<sup>5</sup> Sobre os riscos que alguns documentos apresentam ao pesquisador quanto às intenções subjetivas relacionadas à sua composição, ver: PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade”! Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, pp. 105-119.

<sup>6</sup> GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

*história: o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996), de Thais Jeronimo Svicero, pela UNESP (2012) e Literatura história e memória nas crônicas de A. Tito Filho, de Jordan Bruno Oliveira Ferreira, pela UFPI (2014).*

As cartas e os diários sempre aguçaram a curiosidade dos pesquisadores, mas entre os historiadores o emprego desse tipo de fonte é recente. Desse modo, os pesquisadores filiados à Escola de Clio são obrigados a desenvolver metodologias que permitam o trabalho. Nesse sentido “mudaram as perguntas dirigidas do presente para o passado, por certo, por que a realidade mudou, os homens são outros, com outros problemas, assim como se alteram os temas e os objetos”<sup>7</sup>.

O reconhecimento da relevância do acervo privado tornou essa fonte privilegiada. Daí ser necessário lembrar que pesquisar com as fontes mencionadas no parágrafo anterior cria, quase sempre, dificuldades para os pesquisadores, uma vez que os guardiões de tais fontes, no geral familiares, criam dificuldades para abrir as portas dessas memórias para pesquisadores e instituições<sup>8</sup>.

A *escrita de si* será tratada aqui como abordagem conceitual, pois lida com a escrita interior, analisando sentimentos, sociabilidades, afetividades. Neste sentido o trabalho pretende se enquadrar no âmbito da temática das sensibilidades. Assim, dá-se a aventura no mundo epistolar do arquivo de Possidônio Queiroz, principalmente, no que diz respeito às cartas, aos registros autobiográficos, às memórias, às crônicas e aos artigos publicados em jornais, almanaques e revistas. Partimos do pressuposto de que a sociedade constrói diversas representações pela necessidade de uns e para o desconforto de outros. Neste sentido

As práticas da escrita de si possibilitam evidenciar, com clareza, uma trajetória individual, que tem um percurso, que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Nesta perspectiva, a vida de uma pessoa pode ser “decomposta” em tempos e ritmos diversos: um tempo de casa, um tempo de trabalho etc<sup>9</sup>.

O arquivo pessoal de Possidônio consta de uma gama de itens de documentos pessoais, datilografados, escritos e construídos por ele, mas, também, por outros. Trata-se de textos pertencentes não somente de cunho particular, mas de algumas representações públicas

---

<sup>7</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pensar com o sentimento, sentir com a mente. In: RAMOS, Alcides Freire; ATOS, Maria Izilda Santos; PATRIOTA, Rosângela (orgs). **Olhares sobre a história: culturas, sensibilidades, sociabilidades**. – São Paulo: HUCITEC; Goiás: PUC Goiás, 2010, p.19.

<sup>8</sup> PROCHASSON, Christophe. “**Atenção verdade**”! Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, pp. 105-119.

<sup>9</sup> CARVALHO, Luisa Maria Delgado de. Um acervo como ponto de partida. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.14, p. 217 - 234. jan./abr. 2015.



e institucionais que acabaram, com o tempo, sendo guardados sob sua tutela. Bilhetes recebidos, presentes, indicações e trocas intelectuais, que instantaneamente nos chamam atenção. São eles: uma biblioteca com aproximadamente 500 exemplares de livros ainda não catalogados (literatura, historiografia, filosofia, religião, política, manuais do governo, estatísticos, revistas de institutos históricos e geográficos<sup>10</sup>, direito, folclore, cultura, medicina, psicologia); cartas com correspondências organizadas em pastas classificadoras (muitas vezes destinadas a um único correspondente – intelectuais do estado e fora dele como, por exemplo, Bugyja Brito, Miridam Brito, A. Tito Filho, Cônego Cardoso de Vasconcelos, Francelino Sousa, Clementino Moura etc. Outras pastas com correspondências diversas, cujo título é *Pessoas Ilustres, Diversos, Colaborações* etc.); correspondência com familiares; registros de memória, pequenos diários de viagens, periódicos, bilhetes, livro conta corrente, documentos oficiais, entre outros.

Para esta pesquisa, daremos atenção a essa diversidade de materiais que consideraremos como fontes, por serem responsáveis pelas descrições íntimas que elas ofertam para o historiador, e, noutros momentos, para compor os cenários necessários para nossa narrativa. Seu acervo pessoal nos faz perceber que a vida e as experiências passam pela tela da lembrança, mas “estas e outras coisas que o tempo tira do alforje da memória e joga fora...”<sup>11</sup> são vítimas do esquecimento e, também, da seleção e das escolhas daquilo que ele quis que fizesse parte da sua história. É desse alforje, de imenso conteúdo, que ele se inventa, troca ideias, cria representações e constrói sociabilidades.

Nada é efêmero para os observadores do cotidiano. Ou, para tentar ser mais preciso, o efêmero pode se tornar eterno através da escrita. “Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito”<sup>12</sup>. O isolamento do tempo como se este pertencesse ao escritor das memórias, que isola tudo que está a sua volta, elevando o momento lembrado como digno de ser registrado, é a maneira pela qual traça implicitamente sua autobiografia e descreve as sociabilidades de sua cidade. Pensando assim, não poderíamos achar que, ao escrever essas memórias, não estaria Possidônio compondo arranjos historiográficos para uma das diversas histórias de Oeiras? Assim Priscila Fraiz observa que:

---

<sup>10</sup> Edições de diversos municípios e estados.

<sup>11</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Carta encaminhada à Miridan Britto Knox Falci. Oeiras, 18 out 1990.

<sup>12</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: o pintor da vida moderna [organizador Teixeira Coelho]. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. — (Coleção Leitura).

[...] uma característica essencial dos arquivos pessoais reside na preponderância do valor informativo de seus documentos, isto é, seu valor de uso para fins históricos. O valor de prova legal, característica essencial dos documentos públicos, perde esse sentido estrito para os papéis privados<sup>13</sup>.

Podemos notar, então, que Possidônio é um guarda-memória<sup>14</sup> e que seus documentos conspiram para o processo de construção do eu, carregado de representações que trazem consigo marcas de um tempo, de grupos, dos signos de uma compreensão da sociedade. Consequentemente, essas representações da cidade servem de matéria prima para a construção de identidades e é nessa perspectiva que pretendemos traçar um olhar sobre como se dão essas relações que, possivelmente, construirão muitas imagens sobre a cidade de Oeiras e de seu personagem em destaque.

A dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro recebeu o título de **TRAÇOS BIOGRÁFICOS: NOTAS SOBRE INFÂNCIA, JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS**. Nele localizamos o personagem nos seus primeiros anos de vida, apresentando elementos do cenário da cidade em que nasceu e iniciou os primeiros estudos. A década de 1920 foi privilegiada por Possidônio porque nela o sujeito da pesquisa narra o tempo de sua juventude, o tempo da beleza, da simplicidade, da cidade pacata e de algumas manifestações das tradições de religiosidade, música e registra as primeiras intervenções do Estado no tecido urbano. Procuramos entender em que circunstâncias Possidônio insere-se no serviço público, quando assume o cargo de Secretário do município de Oeiras.

Nesse contexto, a trajetória do homem de letras (mas também ourives, pai, músico, professor entre tantas outras atividades, por ele desenvolvidas) ganha volume em virtude do momento político experimentado pelo Brasil. É na “Era Vargas” que observamos grande parte das transformações ocorridas na paisagem urbana e que foram registradas pela pena de Possidônio Nunes de Queiroz. Dialogamos neste capítulo, principalmente, no âmbito bibliográfico e teórico com *Francisco Alcides do Nascimento*<sup>15</sup>, *Teresinha de Jesus Mesquita*

<sup>13</sup> FRAIZ, Priscila. *A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema*. **Revista Estudos Históricos**, 1998, p.62.

<sup>14</sup> LEJEUNNE, Philippe. *O guarda-memória*. *Revista Estudos Históricos* n° 19, 1997.

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A revolução de 1930 no Piauí: 1928 – 1934*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994; \_\_\_\_\_. *As cidades de Possidônio*. Vi Simpósio Nacional de História Cultural. *Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar*. UFPI, 2013. \_\_\_\_\_. *Oeiras por meio das cartas de Possidônio*. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 10, Ano X, n° 1, 2013; \_\_\_\_\_. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937 a 1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2015, p.40.

de Queiroz<sup>16</sup>, Sandra Pesavento, Gisele Martins Venâncio<sup>17</sup>, Ângela de Castro Gomes<sup>18</sup>, Christophe Prochasson<sup>19</sup>, Eclea Bosi<sup>20</sup> e Pierre Nora<sup>21</sup>.

No segundo capítulo, **IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DE OEIRAS**, construímos uma narrativa que apresenta o discurso ressentido de decadência da cidade no início do século XX e como Possidônio, juntamente com seus pares, reage a esse discurso em detrimento da realidade em que lidam. Tratamos sobre trabalhos que representam a cidade, analisando a documentação e, a partir deste trabalho, construindo uma narrativa historiográfica que passa pela criação do jornal “O Cometa” e do Instituto Histórico de Oeiras. A partir daí, procuramos entender como se deu o processo de união de interesses para construir identidades sobre a cidade, partindo das instituições supracitadas. Para entender essa trama, contamos com o auxílio dos trabalhos desenvolvidos por Francisco Alcides do Nascimento, Teresinha de Jesus Mesquita de Queiroz, Nicolau Sevcenko<sup>22</sup>, Sabina Loriga<sup>23</sup>, Pierre Ansart<sup>24</sup>, Michel de Certeau<sup>25</sup>, Roger Chartier<sup>26</sup> e Joel Candau<sup>27</sup>.

Para **CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS**, último momento deste trabalho, foi dada especial atenção às correspondências, pensando de que forma elas foram utilizadas como táticas para se pensar a cidade. Primeiramente, tratamos da relação de Possidônio Queiroz com os amigos Raimundo da Costa Machado e o Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos. No rol de missivas trocadas entre os três homens de letras, ficamos atentos para o modo como propõem e representam projetos institucionais e pessoais para Oeiras.

---

<sup>16</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiránias do Tempo. 3. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2011, p. 466.

<sup>17</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *Presentes de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001; \_\_\_\_\_, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

<sup>18</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Letras em Série); \_\_\_\_\_. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>19</sup> PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade”! Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998.

<sup>20</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

<sup>21</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, vol. 10, novembro 1998 – p.07 – 28.

<sup>22</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003

<sup>23</sup> LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998

<sup>24</sup> ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In, *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Org: Stella Bresciani e Márcia Naxara. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1º tomo - Artes de Fazer. 3ª edição Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1998

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo, 2ª edição – DIFEL – 2002

<sup>27</sup> CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1e.d., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014

E, por fim, procuramos pensar sobre as estratégias da memória na luta contra o envelhecimento, resultando na “construção do arquivo e a escrita como experiências significativas do ponto de vista consciente e inconsciente”, a partir dos relatos sobre o caso do Ginásio Municipal de Oeiras e um projeto frustrado de se criar o Banco do Brasil. Apoiamo-nos em: Walter Benjamin<sup>28</sup>, especialmente no conceito de narrador; na formação das lembranças, ressentimentos em Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante<sup>29</sup>; e na obra organizada por Marina Ertzogue e Temis Gomes Parente, *História e Sensibilidade*<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

<sup>29</sup> CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Lembranças, ressentimento e história. Em, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

<sup>30</sup> ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

## Capítulo I - Traços biográficos: notas sobre infância, juventude e trajetórias.

A representação mais trabalhada por Possidônio foi a *persona* intelectual. Nela construiu uma trajetória de multiplicidade, embora tenha resumido sua inspiração e obra nos serviços que prestou a sua cidade natal – Oeiras – e na estima pelos livros, quando indagado sobre as lições que tirou da vida<sup>31</sup>. A imagem associada a essa assertiva é referenciada pela representação das atividades do intelectual. Ficou conhecido como: Professor Possidônio Queiroz, o intelectual, o escritor, o orador, a inteligência de prol da cidade. Ainda hoje é lembrado dessa forma. “Quem for a Oeiras e não palestrar com Possidônio Queiroz, não diga que conheceu a cidade”<sup>32</sup>. Com essa frase José Expedito Rêgo inicia o texto *Possidônio, o esquecido*, publicado em 1992, no jornal “O Dia”, em Teresina.

Neste capítulo, analisaremos alguns aspectos da trajetória que Possidônio experimentou e, diante das fontes encontradas em seu arquivo privado pessoal, poderemos perceber o que sentiu, o que o marcou, o que esperava e as revelações daquilo que, em parte, é conhecido pela sociedade oeirense, elaborado sob os trilhos inseridos pelos gestores públicos, homens de representatividade e que se encaixam nas conveniências e intenções dos grupos, não esquecendo, portanto, dos conflitos que entre eles serão possíveis observar.

O ofício nos inspira a obrigação de indagar sobre o conceito de intelectual e, conseqüentemente, de entender a associação entre a *libido scienti* e as trajetórias que forjaram tal identidade. Nesse caso, ao percorrer o arquivo privado de Possidônio Queiroz, procuramos identificar como ficou guardada sua tentativa de se representar com imagens que foram autorizadas, por parte dos seus pares, ao longo dos anos que viveu<sup>33</sup>.

Não se trata aqui de entender que um arquivo privado<sup>34</sup> e seus documentos guardam a verdade em si, mas de perceber do que é constituído, o quanto ele pode ser útil, como objeto

<sup>31</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Entrevista concedida a Elpídio de Sá Cavalcante Júnior. Oeiras/PI. 17 de maio de 1986. A entrevista foi realizada no dia da comemoração dos 80 anos.

<sup>32</sup> RÊGO, José Expedito. Possidônio, o esquecido. IN: Memórias Piauienses – Possidônio Queiroz. Fundação José Elias Tajra – Teresina, 1995

<sup>33</sup> 89 anos; 7 meses; 2 semanas; 1 dia.

<sup>34</sup> Entendemos, aqui, a noção de arquivo privado através dos escritos que refletem sua importância para a escrita da história através de pesquisadores como Prochasson, Ângela de Castro Gomes, Maria Teresa Santos Cunha, Priscila Fraiz. Assim os arquivos privados no dão condições para pensar as possibilidades oferecidas por estes, quando historiadores, inspirados pela história cultural, passaram a diversificar os olhares e, por considerarem "a 'experiência' dos homens em seu tempo e lugar como crucial para o entendimento de processos sociais". E se extrair fragmentos das experiências é o *métier* do tipo de historiador em questão, então é no arquivo privado o lugar por excelência onde se pode arquivar a própria vida. Sobre as especificidades dos arquivos privados ver: ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 21, 1998. pp. 9-34. BARROS, Natália Conceição Silva. **Arquivos da vida, arquivos da história**: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História – Recife: O autor, 2012. CARVALHO, Luisa

de estudo, e como *locus* investigativo para a história. No percurso, em meio à diversidade de documentos, deve-se levar em conta as armadilhas, as “malhas do feitiço”<sup>35</sup> que rondam as fontes íntimas. “Nada corre o risco de ser mais falso do que a ‘bela carta’ ou o arquivo privado ‘que se basta a si mesmo’, que é ‘tão revelador’. Há aí algumas armadilhas preparadas”<sup>36</sup>.

Seu acervo dá vazão para o não dito – o que não corre nos corredores das crônicas, dos romances, da história oficial da cidade. Revela outras camadas de memória empoeiradas nos papéis guardados, nas cartas, nos livros encaixotados. As tessituras que descreveremos aqui são retiradas das “metáforas a serem decifradas”<sup>37</sup> do seu arquivo privado pessoal, pois como afirma Giselle Martins Venâncio “arquivar-se é pôr-se no espelho de tal forma a exibir a exemplaridade da própria existência, redefinindo-se na pluralidade dos acontecimentos”<sup>38</sup>.

Mas para chegar até a noção de intelectual precisamos tentar rastrear alguns aspectos da infância e do desenvolvimento da vida. No ofício do historiador, Clio sussurra efêmeras melodias no silêncio como “conteúdo trágico do instante pós-moderno”<sup>39</sup>.

O historiador Antônio Paulo Rezende traça importante análise sobre a relação entre as realizações dirigidas no cotidiano, o efêmero e suas observações para a construção da história. Em suas *seduções do efêmero*, o referido autor trata da literatura e do comportamento para demonstrar a difícil tarefa de perceber as inconstâncias do real no mundo contemporâneo. Para ele, o tempo às vezes se perde e nele “o efêmero não tem medida de horas, minutos, séculos pode ser a própria eternidade que balança solta no seu universo procurando deuses, todos sem ânimo para recordar suas criações”<sup>40</sup>.

Essa revelação das tessituras do efêmero é um chamamento para o que o historiador deve ter ao pensar a escrita da história utilizando o gênero biográfico, já que o efêmero, este aspecto do cotidiano, também faz parte dos elementos que constituem a narrativa

Maria Delgado de. **Um acervo como ponto de partida**. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.14, p. 217 - 234. jan./abr. 2015. FRAIZ, Priscila. **A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Augusto Capanema**. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº21, 1998. pp. 50 – 87. LEJEUNNE, Philippe. **O guarda-memória**. *Revista Estudos Históricos* nº 19,1997. PROCHASSON, Christophe. **“Atenção verdade”!** Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, pp. 105-119.

<sup>35</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados**. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, número 21, 1998.

<sup>36</sup>PROCHASSON, Christophe. **“Atenção verdade”!** Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, p. 112.

<sup>37</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 17.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>39</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo**. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.39.

<sup>40</sup> *Ibid.* id.

autobiográfica. Um arquivo privado é constituído, em grande parte, por documentos que refletem a vida do seu dono. No arquivo privado de Possidônio Queiroz, sua biblioteca, pastas de correspondências, notas, diários de viagem, crônicas etc., colaboram com as narrativas de si, permeadas por esses elementos efêmeros que foram analisados para a construção dessas notas biográficas.

Assim, nessa suavidade do tempo, quando partindo do presente, decidimos olhar para trás, confirmando que “o movimento do tempo, a velocidade, a pressa nem sempre são anúncios da criação”<sup>41</sup>. Nesse trilho, onde se desenvolve a história, acertado pelas reflexões de Antônio Paulo Rezende, Possidônio Nunes de Queiroz foi montando os sentidos da vida. Entendendo o mundo em que vivia, pensou os tempos que se passaram, as épocas que marcaram, as instituições que ingressou, aquelas que compartilhou no momento da criação e construiu, pouco a pouco, as marcas que registram seu nome e as formas que se apresentou em cada acontecimento.

### 1.1 – Infância e Cenário

A cidade de Oeiras era “pacata”, marcada por ressentimentos construídos através de uma memória coletiva, elaborada sob o recalque da perda do *status* de capital da Província do Piauí, em 1852. Esse sentimento movimentou inspiração e ações na sociedade que levaram a entoar, repetidas vezes, as nomenclaturas *Velhacap*, *velhinha dos cabelos brancos*<sup>42</sup>, *ex-metrópole*, *terra mater do Piauí*. Estas serão vistas tanto neste como nos capítulos que se seguem, mas no segundo capítulo será abordado o problema da relação entre memória e ressentimento.

No início do século XX, dois anos antes de nascer, seu pai, que já morava nas imediações do Largo do Mercado, comprou uma casa comprida, situada na antiga Rua da Conceição (passava pelos fundos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição formando o largo da Conceição)<sup>43</sup>. Foi lá onde nasceu e desfrutou a infância com liberdade para percorrer os

<sup>41</sup> Ibidem, p.36.

<sup>42</sup> Em entrevista à *Revista Oeiras*, publicada pelo Banco do Nordeste do Brasil, Possidônio afirma ter sido o poeta Luiz Carvalho que cunhou a expressão “Doce velhinha dos cabelos brancos”. No entanto não encontramos o poema a que refere à cidade. QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Depoimento do Professor Possidônio Queiroz** – Oeiras, Piauí, julho de 1989. *Revista Oeiras*. Edição Gabinete da Presidência – BNB – Coordenadoria de Divulgação e Promoção – CODIV, Fortaleza, setembro de 1990, p.12. Na crônica “O Mocha”, publicada primeiramente no jornal o “O Cometa” e posteriormente transcrita para a *Revista do Instituto Histórico de Oeiras* Nº 3, de 1980, afirma que o poeta Prof. Dr. Luiz Carvalho era conterrâneo, e que este percebeu que “velhinha de cabelos brancos amargurou-se penosamente com a mudança da capital para a Chapada do Corisco (Teresina). QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **O Mocha**. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, Nº 08, 1980, p.77.

<sup>43</sup> Hoje leva o nome de Rua Zacarias de Góis Vasconcelos.

espaços entre o Largo do Mercado, da Conceição e as propriedades que o pai possuía. Era filho de uma família de proprietários rurais, que tinha como prática morar nas fazendas e passar o final de semana ou os dias de feira na cidade para vender a produção.

No entanto, com Possidônio essa regra não se deu. Francisca Soares Queiroz, sua mãe, residia na cidade. O jornal “Correio de Oeiras”, do dia 15 de maio de 1909, dá notícias suas como uma das responsáveis, juntamente com Maximiana Ferreira Magalhães, pela quarta noite do Noitário da “Festividade de Nossa Augusta Padroeira Nossa Senhora da Vitória”<sup>44</sup>. Essas práticas eram periódicas e se faziam sempre com os mesmos grupos, migrando com a imagem cultuada para casas de familiares diferentes. Profundamente religiosa

Mãe Chiquinha<sup>45</sup> não dispensava a presença dos membros da família nas principais atividades da igreja e segundo Possidônio acordava de madrugada toda a família para assistir à missa aos domingos. Costumava Possidônio dizer que teve uma infância muito feliz, pois seus pais, na medida do possível, procuravam satisfazer seus pequenos caprichos<sup>46</sup>.



**Figura 1:** Francisca Soares de Queiroz e o filho Possidônio Nunes de Queiroz. Cenas do cotidiano, com a casa ornamentada por imagens da religiosidade católica. Atenção, também para as vestimentas. Suas fotografias mostram que apenas as mãos, pés e a cabeça ficavam descobertas.  
**Fonte:** Acervo pessoal de Possidônio Queiroz. S/d. Provavelmente 1960 ou 1970.

<sup>44</sup> Noitários. *Correio de Oeiras*. Ano I. Oeiras, 15 de maio de 1909.

<sup>45</sup> Como ficou conhecida na cidade.

<sup>46</sup> SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. **Apresentação**. In: Memória Piauiense – Possidônio Queiroz. Fundação José Elias Tajra – Teresina, 1995, p.09.



Sobre sua juventude as lacunas são grandes. Talvez impreenchíveis. A localização da casa em que a família morou na cidade está ligada ao largo do mercado, posteriormente transformado em Praça do Mercado, a partir dos melhoramentos modernizantes que começaram a ser feitos, principalmente, após os anos 30.

O jornal de partilha, arrolado em 1958<sup>47</sup> (um ano após a morte do seu pai), registra os bens foram divididos entre os herdeiros, após anos adquirindo casas e propriedades desde o início do século. Nas glebas e roças produzia cereais como arroz, feijão e milho. Tinha também um rebanho de gado vacum para produção de leite, carne e couro. Nas outras áreas plantava cana-de-açúcar para produção do melaço e da rapadura. Explorava, também, o pó da carnaúba, uma vez que as terras adquiridas eram cobertas desta palmeira. Do casamento, tiveram cinco filhos<sup>48</sup>, destes Possidônio foi o segundo.

Através das fontes judiciais referentes ao registro de imóveis, do termo de aforamento de terrenos, das casas e do jornal de partilha, encontramos descrições auxiliares para o processo de construção da imagem que podemos elaborar sobre o cenário da frente das casas que ficavam direcionadas para o oeste ou poente, no Largo do Mercado Público. Percebemos que esta região da cidade aparece pouco na literatura acessada.

A explicação para esse fenômeno pode dá-se por dois fatores, quais sejam: o primeiro deles é que o cenário mais representado da cidade é o Largo da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, local de “origem” e/ou de onde parte o crescimento da cidade. O segundo, que está completamente ligado ao primeiro, é que ao redor da Igreja moravam as principais famílias e, conseqüentemente, os grupos familiares menos importantes iam, em *dégradé*, aconchegando-se mais periféricamente.

A Igreja, hoje Matriz de N. S. das Vitórias, é um marco histórico e arquitetônico que remonta ao período do Brasil colônia, com conclusão datada de 1733. Em decorrência do crescimento populacional, mesmo sendo tímido, deu-se a necessidade de construir uma igreja para “interceder” aos fiéis que estão no intermédio entre o público do Largo das Vitórias e da Igreja do Rosário (construída, também, no século XVIII – espaço que foi sendo ocupado pelos negros principalmente após abolição).

Daí a construção da igreja da N. S. da Conceição, na época, região limite da cidade, ser considerada ainda na década de 1940 como uma zona suburbana. De acordo com o historiador oeirense Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior, ela é do fim do século XVIII, mas

---

<sup>47</sup> O documento foi registrado em cartório a 25 de fevereiro de 1958. Seu pai, Raimundo Queiroz também era chamado no seio familiar por *Bembém*. Foi proprietário, lavrador e credor. Faleceu em 25 de junho de 1957.

<sup>48</sup> João Geraldo de Queiroz - 1902, Possidônio Nunes de Queiroz - 1904, Maria da Anunciação de Queiroz - 1906 e Vicente Paula de Queiroz - 1907.

em “1839 ainda estava por concluir [...] Em 1909, por exemplo, a igreja não estava em condições de servir”<sup>49</sup>.

Com escritura registrada no ano de 1914, Raimundo Queiroz comprou uma casa com a frente virada para o poente (oeste – frente para o mercado) e os fundos para o nascente. Nesta instalou a moradia da família e ela, talvez, represente a expansão dos imóveis desta região de casas com a frente direcionada para o poente, pertencentes ao largo do comércio<sup>50</sup>.



**Figura 2:** Vista aérea década de 1950-60. Fizemos um recorte, da fotografia original, para destacar o Largo do Mercado e a igreja de N. Senhora da Conceição (área mais ao norte da foto).

**Fonte:** Acervo de Carlos Rubens Campos Reis.

Durante as pesquisas encontramos rastros de outras propriedades, seja na zona urbana, seja na zona rural, sendo que a aquisição delas deram-se entre as décadas de 1930 e 1940. Algumas casas no centro urbano foram recebidas na quitação de dívidas contraídas junto a Raimundo Queiroz. Os empréstimos realizados por pessoas com posses a pessoas com dificuldades financeiras foram muito comuns, na ausência de agentes financeiros oficiais, como os bancos, por exemplo. Foram vinte casas e terrenos foreiros dentro da cidade. Eram cinco as que ficavam no largo do Mercado Público.

<sup>49</sup> CARVALHO JR. Dagoberto Ferreira de. **Passeio a Oeiras**. 5ª ed. – Recife: Editorial Tormes, 2004, p. 159.

<sup>50</sup> Para melhor entendimento, quando escrevemos “Largo do Comércio”, trata-se da área que compreende o mercado público e a Igreja da Conceição.

Até o final dos anos 1940, os fundos dessa linha de moradas eram uma região quase pantanosa, com pequenas lagoas, chamadas Veredinhas, que no sentido norte limitava-se com a antiga estrada Rodagem Oeiras-Picos<sup>51</sup>. Da Veredinha em direção ao leste (nascente) só havia quintas, estradas e, mais a frente, no tempo e no espaço, o campo de avião, construído nos anos quarenta. A fotografia fornece indícios de que tomada entre os anos de 1950 e 1960, uma vez que é possível localizar o largo do Mercado, ladeado pelo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em frente à parte leste do mercado (excluindo o imóvel da esquina) encontram-se o conjunto das casas, em sequência, que pertenciam à família Queiroz.

Para uma melhor compreensão do cenário estruturante dos primeiros anos da vida de Possidônio Queiroz, é necessário destacar como se encontrava a estrutura econômica da cidade e da região. É interessante, para isso, observar a importância do extrativismo e da cera de carnaúba.

As dificuldades de integração do Piauí no cenário econômico brasileiro foram diversas, entre elas a perda da posição de principal exportador de gado. Pesa sobre esse fator, também, a ideia de que fazer parte da economia brasileira é integrar a lista de estados exportadores no mercado internacional.

Essa integração só começa a se manifestar no contexto internacional no início do século XX. As dificuldades no Piauí, de ordem financeira, ainda se davam por conta das tensões impostas pelas cobranças de tarifas dos produtos piauienses que atravessavam para o estado do Maranhão, quando da exportação. A falta de um porto no Piauí forçava a exportação pelo Porto de São Luiz e o controle de arrecadação entre os dois estados saía dos trilhos, pois a política de “diminuição das tarifas nas margens do Rio Parnaíba, pelo fisco do Maranhão – [...] incentivava o contrabando dos produtos piauienses”<sup>52</sup>.

Antes do início do século XX não se tinha atenção para a bacia hidrográfica do Rio Parnaíba, pois a força da economia que se encontrava na pecuária e os caminhos exportadores não usufruíam desse recurso como principal meio de transporte. Somente o extrativismo vegetal chamou atenção para a realização de atividades econômicas através do Rio Parnaíba.

---

<sup>51</sup> Essa estrada interligava a cidade de Oeiras à de Picos até ser substituída pela construção da rodovia Transamazônica (BR – 230), na década de 1970. Sobre a construção da Transamazônica a partir da cidade de Picos, como estratégia de integração nacional e combate ao perigo da subversão, durante os governos militares, dos anos setenta, ver MOURA, José Elierson de Sousa. A pobreza em disputa: ditadura, políticas de integração nacional e o combate ao perigo da “subversão” em Picos-PI. 235f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) -, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

<sup>52</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. **Literatos e a república**, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiraniyas do Tempo. 3. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2011, p.27.

De acordo com Felipe Mendes, “assim é que o norte começou a superar o sul do Estado antes mesmo da mudança da capital, o que foi, aliás, um forte motivo para a transferência”<sup>53</sup>.

Entre 1850 e 1870 o algodão ocupou um bom lugar na receita do Estado como produto de exportação, enquanto que a cana-de-açúcar era parte da realidade local responsável pelo abastecimento do mercado local e, também, era produzida como agricultura de subsistência, através da produção de rapadura e de aguardente.

Um pouco antes do final do século XIX, começa a exploração da carnaúba da qual se extraía o pó, este usado para fabricar a cera para exportação. Transpassado o século, tem início "na região semiárida, a exploração da maniçoba para a fabricação de borracha, atividade que teve grande importância nas duas primeiras décadas"<sup>54</sup>. Essa atividade intensificou a navegação fluvial, condição para que, somente na primeira década do século seguinte, o Rio Parnaíba venha a tornar-se o principal meio de transporte para o escoamento da produção rumo os portos no delta. Para Teresinha Queiroz:

A intensificação das trocas com o exterior por meio da borracha de maniçoba, punha a descoberto a total dependência do Piauí para o comércio do Maranhão, que praticamente monopolizava os fornecimentos ao Estado e cujo porto dava acesso aos outros Estados e países. As reclamações são inumeráveis, com relação aos altos preços das mercadorias, em torno da exorbitância dos fretes, no que concernia às especulações com o câmbio, isso sem falar dos impostos e taxas, que os comerciantes piauienses reputavam não só como escorchantes, mas igualmente como ilegais<sup>55</sup>.

Teresinha Queiroz informa, ainda, que entre 1917 e 1920 a cera de carnaúba estava colocada como principal produto de exportação do Piauí, “seguido do babaçu, do algodão e da borracha de maniçoba”<sup>56</sup>. Nos anos seguintes, as exportações cresceram significativamente gerando uma valorização no preço da tonelada, entre 1932 e 1936, de 200%. Os principais compradores do produto piauiense eram “em ordem de importância os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha e a França”<sup>57</sup>. As principais cidades produtoras foram, em 1931, “Campos Maior, Altos, Piracuruca, Barras, Floriano e Oeiras”<sup>58</sup>.

<sup>53</sup> MENDES, Felipe. Formação Econômica. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Piauí: Formação - Desenvolvimento - Perspectivas**. Teresina, Halley, 1995, p.67.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>55</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as Tirânicas do Tempo. 3. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2011, p.22.

<sup>56</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita de. **Economia Piauiense – da pecuária ao extrativismo**. Teresina: APeCH/ UFPI (Coleção Curto Circuito), 1993, p.26.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p.27.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.28.

Essa manifestação causou transformações na estrutura social, provocadas pelo fenômeno econômico, pois desde o processo de extração até a exportação do produto a cadeia de agentes envolvidos pôde ser beneficiada. Esse efeito causou uma enorme dependência financeira que ia do setor privado ao público.

A sociedade dinamizou-se em diversos setores, movimentou o comércio, o setor de serviços, possibilitou a emergência de novos grupos sociais e incrementou as receitas públicas. Esta última chegando ao ponto de, na década de 1940, causar dependência da produção, “quando do auge das exportações, as receitas públicas chegaram a ser compostas, de cerca de 70%, de impostos cobrados sobre a cera”<sup>59</sup>.

Oeiras sentia os reflexos da exploração de produtos extrativistas e a baixa na atividade pecuária da região no Piauí, o que criava muitas dificuldades para as administrações municipais e para os habitantes do município, colaborando para as representações de abandono pelo executivo do Estado. Alguns comerciantes e produtores conseguiam seguir, apesar da contracorrente, e se mantinham com a venda de couro e da cera carnaúba.

A conjuntura socioeconômica determinou, de alguma forma, motivações locais para as reivindicações de melhorias urgentes. Sua economia, como em outras cidades, era baseada na interdependência entre campo e cidade. A parte urbana compreendia um pequeno espaço de construções que cercavam as três igrejas católicas, a saber: do Rosário, da Vitória e da Conceição. Esse é um momento em que a maior concentração da população encontra-se na zona rural.

A Cidade é marcada pela vida tradicional, principalmente no tocante ao viés econômico, necessitando do campo para a manutenção do mercado interno. Havia uma relação não de dependência entre campo e cidade, mas de troca entre tais serviços: um possibilitava a sustentabilidade ao outro, ou seja, o campo encontrava na cidade o que a zona rural não oferecia e vice-versa. São espaços que se confluem em forma de reciprocidade, embora que, quando se trata de organização interna, apresentem diferenças. O camponês mantém relações com a cidade principalmente para vender produtos extraídos do campo. A cidade era um centro de maior consumo; portanto, absorvia o que era produzido neste espaço, ainda que estes também usufruíssem do que a cidade oferecia, isto é, a aquisição de gêneros provindos de outros centros urbanos, já industrializados.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Ibidem, p.30.

<sup>60</sup> ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação**: as contradições na formação do espaço urbano oeiense (1900-1945) – Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015, p.35.

Esses cenários, que compõem a estrutura da cidade, e as condições econômicas do Estado possibilitam pensar como seu pai adquiriu capital financeiro para proporcionar algumas condições sociais para a família. Raimundo Nunes de Queiroz era negro, nascido em 23 de janeiro 1881, portanto, sete anos antes da abolição. Nos chama atenção o fato de não termos encontrado algo escrito sobre as memórias da família.

Diferentemente do amigo conterrâneo Antônio Bugyja de Sousa Britto, intelectual, conterrâneo e contemporâneo, que escreveu suas narrativas autobiográficas<sup>61</sup>, genealogias para construção identitária da linhagem familiar, Possidônio Queiroz parece seguir outro caminho. Embora não tenha escrito, ele publicou, escreveu e guardou tantas notas biográficas para homenagens, discursos, artigos e crônicas para as Revistas do Instituto Histórico de Oeiras. Além disso, parte do seu arquivo privado guarda documentos que foram constituídos pelas atividades profissionais que desenvolveu.

Aqui nos deparamos com lacunas na construção deste percurso. Sabina Loriga aponta que o grande problema na produção biográfica é que muitas vezes busca-se – obriga-se – uma coerência, uma unidade de sentido entre o meio e a vida de determinado indivíduo. Isso se deve, muitas vezes, à regra do ofício, que impõe a contextualização da pessoa em seu ambiente; regra essa que faz com que se difira a biografia histórica da biografia como gênero literário. Porém, esse princípio fundamental foi muitas vezes confundido com o da representatividade, o qual se busca no estudo da existência uma certa normalidade, uma conformidade com o todo social.

Todos os que trabalham com fontes biográficas (diários íntimos, correspondências, memórias etc.) sabem o quanto é frustrante essa busca de normalidade. É sem dúvida por isso que é tão tentador embotar a especificidade dos destinos pessoais: de maneira aparentemente inofensiva, procuramos na prática histórica limitar, quando não corrigir, os elementos egotistas da biografia – procedimento que lembra a eliminação das idiosincrasias individuais proposta pelos positivistas<sup>62</sup>.

No entanto, a autora mostra que estudos realizados nos últimos anos – exemplos como Menocchio e Rivière<sup>63</sup> – têm contribuído para mudar essa perspectiva. Assim, já “não é necessário que o indivíduo represente um caso típico, ao contrário, vidas que se afastam da

---

<sup>61</sup> BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Narrativas autobiográficas**. Folha Carioca Editora LTDA, Rio de Janeiro, RJ, 1977.

<sup>62</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.247.

<sup>63</sup> Seus biógrafos são Carl Ginzburg e Michel Foucault, respectivamente.

média levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social”<sup>64</sup>.

Isso nos leva a pensar nas possibilidades. De que forma o sobrenome Queiroz é herdado do lado paterno, nome este que dá noção de origem portuguesa? Renato Leite Marcondes e Miridam Britto<sup>65</sup> mostram-nos algumas luzes em seus trabalhos sobre escravidão na segunda metade de século XIX.

Para a dificuldade de se identificar ascendentes familiares possíveis do eixo familiar Queiroz, de pele negra em Oeiras, podemos pensar sobre a informação de que o número de pais que eram casados ou viúvos correspondia a menos da metade dos solteiros. “Tal desproporção aumentava entre os filhos, pois os nascidos de pais casados ou viúvos representavam uma parcela muito pequena dos filhos de pais solteiros”<sup>66</sup>. Logo supomos que não se torna fácil a busca pela memória muito menos discriminação, descrição e montagem genealógica dos cônjuges e entes familiares. Sua condição de filho de negros descendente de escravos dificulta essa tradição/prática. No entanto, esse é um assunto nunca tratado por Possidônio ou, ainda, não encontrado por nós.

Portanto, a população aberta a fluxos migratórios – o que para o Piauí, em fins do século XIX, seria mais provável no sentido de dentro para fora – e a grande quantidade de pais solteiros – especificamente mães – tornam-se obstáculos para identificação de origens mais profundas. Mas podemos pensar que é a partir da condição livre dos pais, do casamento entre eles – Raimundo Nunes de Queiroz e Francisca Soares de Queiroz –, com as circunstâncias sociais econômicas e culturais do início do século XX, que a família toma organização, de certa forma, ou do ponto de vista da tradição da época.

Assim foi possível, unindo a estrutura financeira com as propriedades, o boom do extrativismo vegetal (carnaúba e maniçoba), que a família construía o seu capital econômico e social. Acreditamos que a carnaúba tenha sido a atividade que mais deu condições para essa configuração<sup>67</sup>.

Possidônio fez uma interessante análise da carnaúba. Em novembro 1949, quando Oeiras participou do primeiro Congresso de Municípios Piauienses, ele elaborou uma tese,

---

<sup>64</sup> Ibidem, p.248.

<sup>65</sup> Professora e historiadora, da UFRJ e IHGB. Primeira filha do escritor, nascido em Oeiras, Antônio Bugyja de Sousa Britto, o Bugyja Britto.

<sup>66</sup> FALCI, Miridam Britto Knox; MARCONDES, Renato Leite. **Escravidão e reprodução no Piauí: Oeiras e Teresina (1875)**. Texto para discussão – Série Economia da FEA/ USP- Ribeirão Preto: Economia, administração e contabilidade, 2001, p. 11.

<sup>67</sup> Esta informação é baseada no Jornal de Partilha do Inventário de bens por morte de Raimundo Nunes de Queiroz e o Livro Conta Corrente, da Casa Queiroz (1940). Este último mostra a crescente receita da extração do pó da carnaúba, explorada nas glebas de terras registradas no citado Jornal de Partilha.

defendida no evento, que foi realizado em Teresina e intitulava-se *A defesa da cera de carnaúba como problema administrativo municipal: sugestões para amparo, assistência e tributação racional dos carnaubais e seu produto*. Excelente produtor, viu seu pai participando dos primeiros movimentos de arrendamentos de carnaubais devido à valorização da produção e exportação da cera no início do século. A articulação textual mobilizou intensa pesquisa que foi além dos conhecimentos históricos sobre a planta. Fez explicações sobre características da planta do ponto de vista botânico, utilidades e propostas em defesa de uma melhor regulamentação da produção e exploração.

Palmeira de talhe majestoso, esbelta, filha destes abrasados sertões do Nordeste do Brasil, não se confunde a carnaubeira com nenhuma outra árvore e a todas supera pela utilidade.

Forte, tendo raízes muito profundas e a copa muito alta, desafia sorridente e cheia de vida todas as injúrias climáticas da região que elegeu para seu habitat.

Fornece alimento, abrigo, vestuário, medicamentos, madeira, vários minerais e muitas outras cousas; o fruto pode ser usado para fazer alimento muito nutritivo para o gado, mas que pode ser igualmente usado para pessoas; as folhas são empregadas para fazer cestos, sacaria, para a cera, chapéus e vassouras.

A média da exportação nos três últimos anos foi de 200.000 quilos, no valor oficial de CR\$ 7.203.105,30 (por extenso).

A prefeitura desta cidade possui vastos palmeirais dessa árvore bendita, os quais, semelhantes a enorme serpe verde, derramam-se coleantes pela ribeira do Canindé, pondo, nos meses do estio, uma nota álcree, vívida, em flagrante contraste com a galharia desnuda, de cor azul-cinéreo, da mata, aparentemente morta. Oeiras estaria em 2º lugar, como produtora de cera, no Estado, se a cera dos carnaubais que ficam no seu município, aqui se exportassem<sup>68</sup>.

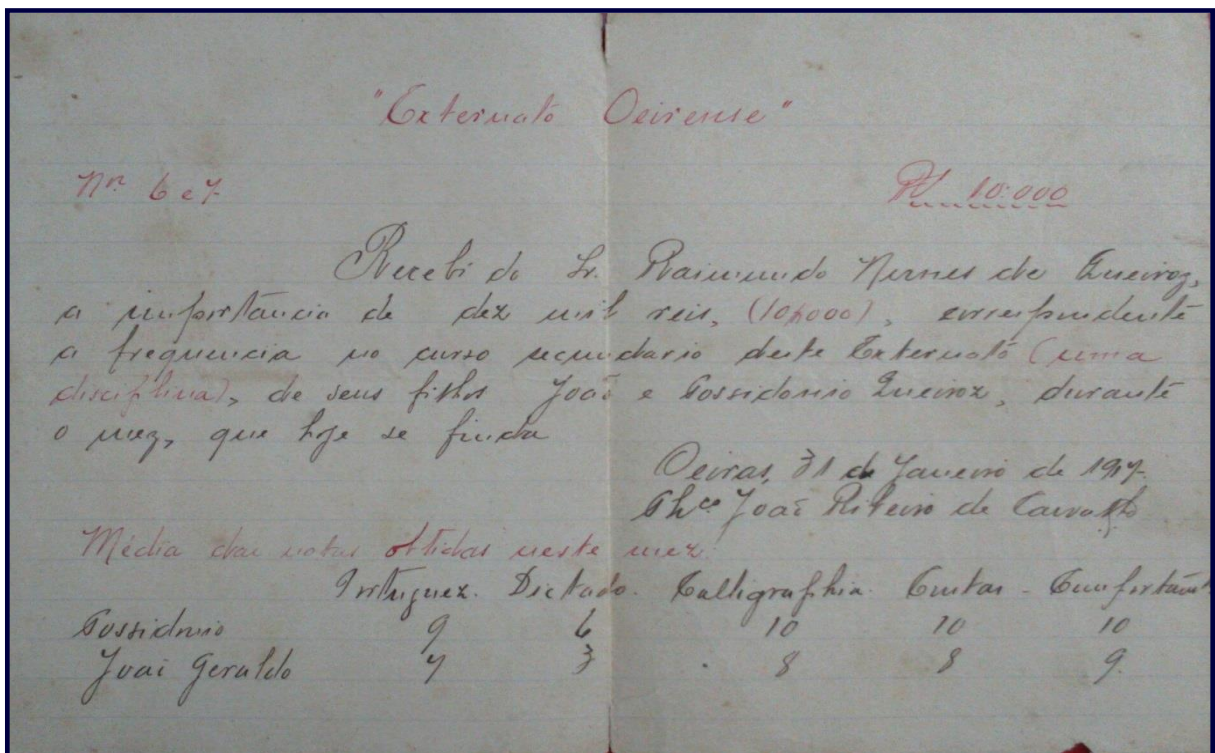
A instrução era uma preocupação clara por parte do seu pai. Do casal, era o único que sabia escrever. Logo Possidônio foi colocado para ter aulas particulares na casa de Dona Quininha Campos<sup>69</sup> “ainda sob o regime da palmatória que Possidônio aprendeu as primeiras

<sup>68</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **A defesa da cera de carnaúba como problema administrativo municipal**: sugestões para amparo, assistência e tributação racional dos carnaubais e seu produto. Oeiras, 25 de outubro de 1949. Na introdução, cita Oliveira Vianna quando observa o adentramento humano nos sertões brasileiros que, como nos primórdios do desbravamento, “prossegue dentro das mesmas normas primitivas”. E parafraseando Vianna cita o trecho “a expansão colonizadora vai se processando por infiltrações sucessivas, cobrindo os enormes vácuos, as imensas paragens longínquas, onde vagueiam ainda os restos de nossa selvageria tropical”.

<sup>69</sup> Joaquina Cândida Piauhyllino Campos. “Professora pública de provimento efetivo. Foi nomeada em 25 de abril de 1898. Iniciou sua carreira lecionando para 25 alunos do sexo feminino. Era tratada por todos carinhosamente pelo nome de Tia Quininha. Atendia também, particularmente, em sua casa, alunos e alunas iniciando-lhes na leitura, escrita e também trabalhos manuais”. Cf. REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006, p. 161.



letras. Com 11 anos de idade foi aluno de português do Dr. José Epifânio Carvalho [...]”<sup>70</sup>. Por algum tempo, teve com o Professor Candido Soares<sup>71</sup> e, posteriormente, com o farmacêutico João Ribeiro de Carvalho, que “quando moço, criou e dirigiu aqui, durante anos, o Externato Oeirense, que tantos serviços prestou na formação cívico-cultural dos jovens [...] Sociedades artísticas, dramáticas, recreativas, foram por ele ajudadas e incentivadas, com entusiasmo e boa vontade”<sup>72</sup>.



**Figura 3:** Recibo do Externato Oeirense. Oeiras 31 de janeiro de 1917.

**Fonte:** Arquivo pessoal de Possidônio Queiroz.

No documento acima, vemos que Possidônio e seu irmão, João Geraldo, foram alunos da escola mantida em regime de externato pelo farmacêutico. Na descrição vem a informação: “Recebi do Sr. Raimundo Nunes de Queiroz, a importância de dez mil reis, (10\$000),

<sup>70</sup> SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. **Apresentação**. In: Memória Piauiense – Possidônio Queiroz. Fundação José Elias Tajra – Teresina, 1995, p.09.

<sup>71</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes. Breve notícia sobre criação de escolas no Município de Oeiras. Oeiras, 22 de agosto de 1967. Documento elaborado sob encomenda.

<sup>72</sup> “João Ribeiro de Carvalho nasceu em Amarante, em 14 de outubro de 1890. Conhecido em Oeiras por João Carvalho. Fez estudos médios em Teresina. Dali se transportou para a capital da Bahia, onde se graduou, a 16 de dezembro de 1911, com brilhantismo em Farmácia, tanto que foi o orador da turma. Era farmacêutico químico. [...] se formou, casou-se em sua terra natal com a Srta. Raimunda Nonata Ribeiro Gonçalves, e logo se mudou para Oeiras, onde assentou canteiro de trabalho, com a disposição de aqui ficar definitivamente”. QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **João Ribeiro de Carvalho** – Notas fornecidas por Possidônio Queiroz. s/d.

correspondente a frequência no curso secundário deste Externato (uma disciplina), de seus filhos João e Possidônio Queiroz, durante o mês, que hoje se finda”.<sup>73</sup>

Mais abaixo, encerra o documento discriminando, em forma de tabela, as disciplinas e notas referentes aos respectivos alunos. São elas “Portuguez”, “Dictado”, “Caligraphia”, “Contas” e “Comportamento”. A nota mais baixa de Possidônio foi em “Dictado”, recebeu um 6, na sequência a de “Portuguez”, com 9, e as demais com 10. Creio que com esse documento pode ficar entendido que a cidade possuía, na década frisada, a possibilidade de ensino secundário<sup>74</sup>, embora fosse para aqueles que possuíam a possibilidade de efetuar o pagamento de 10\$000/ mês (dez mil reis).

O documento utilizado foi encontrado juntamente com um amontoado de papéis organizados em caixas de papelão. Soubemos que após a morte do Possidônio, um filho e um neto procederam no intuito de fazer uma triagem no arquivo, na busca de vestígios de materiais comidos ou transformados em residência de cupins. A ideia era proteger o acervo da praga que volta e meia atacava. Essa intervenção foi feita após o falecimento do intelectual, que aconteceu na madrugada de 01 de janeiro de 1996.

Mesmo com a reordenação e realocação de todo o acervo, é visível o senso de organização da construção de si através da dedicação das ordens dadas à sua biblioteca e ao arquivo pessoal. Pensado a certeza da intenção de ser lembrado, dada a dedicação na construção do acervo e a construção das fontes baseadas na experiência, acreditamos nas “atitudes, intenções e ações do nosso sujeito como indícios dos conflitos do inconsciente [...] confrontando com os silêncios das nossas fontes documentais”<sup>75</sup>.

## 1.2 – Cotidiano e música

Nos primeiros anos da década de 20, aprendeu e exercitou a profissão de ourives, iniciando como aprendiz na oficina de Salomão Sena e, logo depois, com Aristóteles Campos. Benedito Antunes também foi um destacado ourives na cidade. “Sedento das cousas da arte<sup>76</sup>”, tocava violino e por sorte foi padrinho de Possidônio. Na casa de Aristóteles havia um gramofone, aparelho que só chega ao Brasil no ano de 1899, além de vários discos gravados

<sup>73</sup> Recibo do Externato Oeirense. Oeiras 31 de janeiro de 1917

<sup>74</sup> No recibo do mesmo ano, mês seguinte, ele chama o nível de ensino *de curso médio*. Recibo “Externato Oeirense”: Oeiras, 28 de fevereiro de 1917.

<sup>75</sup> BARROS, Natália Conceição Silva. **Arquivos da vida, arquivos da história**: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História – Recife: O autor, 2012, p. 42.

<sup>76</sup> CARVALHO. Fátima. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n.3, 1980, p.56.

pela gravadora Odeon (Casa Edson). Nesse meio estavam os discos do exímio flautista brasileiro *Patápio Silva*, gravados entre 1904 e 1906.

Possidônio tinha por volta de 15 anos de idade e já era um sensível apreciador de música. Tomou aulas de teoria musical com o Mestre da Banda Triunfo e começou a tocar flauta. Quando compartilhou sua trajetória no universo da música ao maestro Emmanuel Coelho Maciel, disse que “garotóide, ainda, fabricou sua primeira flauta de bambu” (talvez como um pífano). A partir daí passa a executar os primeiros sons da flauta transversal.

Não tive propriamente estudos de música. Estudei flauta. O meu primeiro mestre, eu era rapazinho, me deu, em manuscrito, uma pequena teoria, ligeira definição sobre música e o conhecimento das notas na clave de SOL. Depois como eu queria tocar flauta, deu-me conhecer a escala do instrumento; alguns ligeiros solfejos e valsinhas, que ele cantava e eu ia tocando. Foi o início. Deixei esse mestre de banda de músicos, logo<sup>77</sup>.

Após o auxílio nas escalas que recebera do Jeremias Rodrigues, teve como orientador e amigo de estudos da flauta, João Francisco de Moraes Rêgo (João Rêgo). Este estudou com Dr. Gonçalo de Castro Cavalcanti, magistrado, membro da Academia Piauiense de Letras, cadeira nº 13, diretor da Receita do Tribunal de Contas do Estado do Piauí em 1909 e, também, exímio instrumentista. Tocava piano e, principalmente, flauta. João Rêgo disse, certa vez, que quase não concluíra seus estudos com o citado músico porque o colocara a estudos rigorosos exclusivos às escalas, em todas as formas e modos durante uns seis meses. A narrativa se reporta ao seu esforço em tentar entender ao máximo o instrumento.

Fui aluno de JOÃO RÊGO, mas pouco tempo, por que ele adoeceu e não se restabeleceu. Quando toquei alguma coisa pra ele ouvir na minha flautinha de ébano, de 5 chaves, ficou muito satisfeito e me disse que havia encontrado um companheiro para seus estudos de flauta. Deu-me importantes noções e me fez presente de volumes de estudo do belo instrumento. Ria do meu esforço em querer executar num instrumento sem recursos, trechos seletos<sup>78</sup>.

Continuou estudando música sozinho. Logo depois, adquiriu métodos que preencheram as lacunas sobre a mecânica da flauta e os fundamentos da harmonização (*harmonia*), teoria necessária para a estruturação de arranjos para outros instrumentos e orquestração (divisão da música em segmentos para cada instrumento da orquestra). Para flauta, adquiriu três métodos vindos da Europa: um alemão, outro português e um francês.

<sup>77</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Emmanuel Coelho Maciel**. Oeiras, 18 dez. 1991.

<sup>78</sup> Idem.

Nos seus relatos escritos, em *Recordações – III*, reconstrói a memória da juventude na qual uma pequena apresentação dava-se em residência ao lado da sua oficina.

Lembro-me de um fato que em encantou. Trabalhava eu na oficina de Aristóteles Campos, na citada Rua do Fogo, perto da casa de dona Licinha Rêgo. Um dia larguei o serviço para ouvir um primoroso dueto. Era a magnífica flauta do Mestre João Rêgo, antigo discípulo de Dr. Gonçalo de Castro Cavalcante, que fora extraordinário flautista piauiense, com o bandolim admirável de Dona Araci. Tocavam no momento bela e bem inspirada valsa ‘A deusa dos mares.’ A flauta de João Rêgo, de prata de lei, emitia sons encantadores, envolventes, ao sabor da emoção do artista. O bandolim de Dona Araci, era suave, harmonioso. Tinha acentos mussitantes como o papilar dos colibris e vozes magistras fortes como o canto da araponga<sup>79</sup>.

O recorte supracitado, encontramos no texto intitulado *Recordações – III*, que complementa e reforça a informação dada pelo texto *Mestres ourives e prateiros de Oeiras*, de Fátima Carvalho<sup>80</sup>, o qual afirma que Possidônio foi um dos ourives que “em 1920 aprendeu a arte de Ourives com os Srs. Salomão Sena e Francisco Campos. Não tinha oficina própria, trabalhava por distração. [...] e que, [...] em 1927, fez vários trabalhos em ouro”. A memória ativada pelas lembranças musicais pode eclodir através das marcas do som.

Talvez esse processo esteja ligado ao que Joel Candau chamou de “mnemotécnica repousando sobre os lugares de memória”, fazendo alusão a Pierre Nora. Dialogando com este último e citando Frances Yates, chamou de *método dos lugares* ao explicar que “[...] se a escrita pode melhorar o processo de rememoração é porque o alfabeto cristaliza as possibilidades auditivas de organização e fornece uma forma classificatória particularmente eficaz”<sup>81</sup>.

O lugar de memória (oficina de ourivesaria na Rua do Fogo), a mnemotécnica fragmentada, imbrincada por catalisadores musicais, possibilita a construção das imagens da experiência que Possidônio, na década de 1980, descreveu no seu relato sobre o cotidiano dos anos 20. Através da audição musical, elabora um cenário que poderia ser presente nos anos que se passaram no início do século, época em que para ouvir música era necessário um gramofone ou, de forma mais privilegiada, a execução de músicos solistas, em duetos, cameratas etc.

<sup>79</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Recordações – III*. Oeiras, s/d (198-).

<sup>80</sup> CARVALHO, op. cit. p.55.

<sup>81</sup> Frances Yates, L’ art de la mémoire, Paris, Gallimard, 1975. *Apud*, CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Frreira. – 1e.d., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014, p. 84.

O texto que citamos logo acima é constituído de passagens que faz pela década recordando momentos que para ele são selecionados por atingirem, com relevância, as inquietações da alma, passíveis de serem revividos com as lembranças. Assim, afirma que “recordar a década de novecentos e vinte é viver traços emocionantes do cotidiano oeirense, é lembrar doces retalhos da alma da nossa gente”<sup>82</sup>. Afinado com os tempos idos, como Cartola, que canta: “os tempos idos/ nunca esquecidos trazem saudades ao recordar./ É com tristeza que eu relembro coisas remotas que não vêm mais”<sup>83</sup>, faz estes melhores do que os que são vividos no presente.

O documento que descreve o evento na citada Rua do Fogo foi escrito com doze páginas de papel ofício, partidos ao meio e com margens criadas por ele mesmo, através de sua *Remington*<sup>84</sup>. Através deste descreve algumas situações em que lembra momentos de simplicidade, confrontando-se com a realidade atual e trazendo, com sensibilidade, lembranças de elementos e características da Oeiras da década de vinte.

Apesar de sua extrema preocupação histórica, pois sempre inseria datas e comentários no que produzia, esse texto aparece-nos sem datação. Sabemos, no entanto, que se trata de memórias produzidas na década de 1980, já que ao comentar sobre a religiosidade da população afirma que “o padre Roberto Lopes, recém-ordenado, já falecido como Monsenhor, em Parnaíba”<sup>85</sup>.

Verificarmos que o padre havia falecido na década de oitenta, então, Possidônio Queiroz escreveu o texto após este evento, tratando-se, portanto, de uma elaboração da memória escrita por ele, octogenário. Percebemos, portanto, que este *viver* do Possidônio cronista dá lugar ao *fazer*, pois “[...] na velhice, quando já não há mais lugar para aquele *fazer*, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer. É por isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz”<sup>86</sup>.

Sobre o mesmo documento, Francisco Alcides do Nascimento comenta que Possidônio revela-nos aspectos do cotidiano da cidade e que, através do registro, “nos oferece muitos indícios da vida calma que a população levava naquela cidade do sertão do Piauí”<sup>87</sup>. Queiroz inicia o texto descrevendo que a cidade era pacata, remontando imagens sobre o entorno da praça do Mercado e como se vivia nos tempos sem energia elétrica:

<sup>82</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Recordações - III, p. 9

<sup>83</sup> CARTOLA E CARLOS CACHAÇA. **Tempos idos**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cartola/88707/>>, acessado em 30/05/2017.

<sup>84</sup> Sua máquina de datilografar. Provavelmente modelo Remington Rand N° 17.

<sup>85</sup> Ibid. id.

<sup>86</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 480.

<sup>87</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. **As cidades de Possidônio**. Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. UFPI, 2013; p.06.

Ao tempo não havia iluminação elétrica. A urbe era aclareada por candeeiros a carboreto. Na antiga Praça do Mercado havia diversos. Na porta de nossa residência tínhamos um poste. Era eu o encarregado de acendê-lo. Nas noites de plenilúnio, dispensava-se a iluminação.

Lá do alto, do céu da Velhacap, a então formosa virgem navegadora da amplidão, celênica, imensurável, redonda hóstia de luz, se debruçava carinhosamente sobre o nosso casario, e o revestia de luz suave, aumentando o contorno das figuras fazendo parecer visagens em coisas simples, aos olhos espantados dos jovens namorados<sup>88</sup>.

A simplicidade da paisagem e o romantismo que Possidônio representa sobre a luz da lua são descritos como companheiros transeuntes dos jovens namorados. As referências que fazem aos jovens e aos tempos de juventude são o tempo todo tomadas como base nas memórias. Exemplo disso é um dos vários trechos que retrata a falta que fazia os clubes sociais para a diversão e o lazer da sociedade. Festas só aconteciam em casas de particulares. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”<sup>89</sup>. O trabalho de memória elaborado por Possidônio monta uma colcha de retalhos com a qual se unem pedaços das experiências que vivenciou sobre acontecimentos e eventos da cidade.

Por alguns dias a cidade deixa de ser pacata. A Coluna Prestes passou por Oeiras, indo em direção à cidade de Floriano – última do percurso de saída do território piauiense. No primeiro momento, na entrada da Coluna pela cidade, um incidente deixou a população sobressaltada. E, de acordo com crônica escrita por Possidônio sobre esse episódio, tudo se passou, pelo menos, sem embates militares.

A velha urbe estava cheia de homens barbados, que portavam lenço vermelho ao pescoço e muitos eram sulistas. O povo admirado sai às ruas. Olha aquela gente estranha. Conversa com chefes e soldados. Durante o tempo que a Coluna permaneceu em Oeiras, houve absoluta ordem. Somente um fato a lamentar<sup>90</sup>.

Em meados de julho de 1926, afirma ter sido procurado por Manoel do Nascimento Rêgo e com este vai ao Palácio João Nepomuceno, ao lado da Igreja Matriz<sup>91</sup>. Ao chegar, faz-

<sup>88</sup> QUEIROZ, Possidônio. **Recordações - III**. Oeiras, s/d (198-).

<sup>89</sup> BOSI, 1994, p. 55.

<sup>90</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Relembrando a Coluna Preste em Oeiras**. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Nº 07, 1985, p. 64.

<sup>91</sup> Neste local estavam alojados os líderes da Coluna Prestes. Nas palavras de Possidônio, o prédio foi feito de quartel general. Na mesma crônica dá notícia de que a casa da antiga Fazenda Canela (hoje zona urbana) foi também utilizada pela Coluna, instalando-se lá, a “enfermaria revolucionária”.

se de “diplomata” para que Sr. Manoel possa contar história lamentosa ao chefe militar Luís Carlos Prestes, sobre seu sobrinho, Florêncio, que tinha sido atingido na região glútea.

No entendimento de Possidônio Queiroz, os dois foram recebidos “atenciosamente” por Prestes. Diante da experiência que vivenciou na tentativa de solucionar o caso, afirmou sobre Carlos Prestes: “atendia ele a quantos o procuravam, e pela maneira como nos recebeu, creio que solucionava, a contento, os problemas que lhe eram apresentados”<sup>92</sup>.

A crônica foi publicada, em 1985, e se apoia não somente nas lembranças, mas, também, no livro *História da Revolução no Piauí: período revolucionário 1922-1931*, de Moysés Castello Branco Filho, e no Jornal *O Estado de São Paulo*, edição de sexta-feira, dia 12 de julho de 1974. Mas é com o trabalho de memória que registra a lembrança de um cenário sonoro:

Àquele tempo fazíamos de músicos. Gostávamos de dedilhar o belo instrumento que MARCIAS criara. Souberam disso. E uma noite nos convidaram para uma tertúlia em casa do pistonista Santos Polidoro. Tínhamos então vinte anos. Os de casa, sobretudo autores de nossos dias, ficaram aflitos. O Te. Jordão acalmou, garantindo que às vinte e duas horas estaríamos de volta, o que sucedeu.

Nas noites seguintes vinha sempre um grupo de músicos à nossa casa. O sargento Álvaro, um moço simpático, paulista de nascimento, cantava emocionado, a valsa “Supremo Adeus”, com uns versos de que a memória só nos traz agora os seguintes: – “Adeus São Paulo terra querida/ adeus terra do meu coração/ vou partir pra Mato Grosso/ vou para a revolução”.

Gaúchos soluçavam com seus violões a nostálgica, típica e conhecida canção: - Eu nasci naquela serra/ num ranchinho a beira-chão/ todo cheio de buracos/ onde a lua faz clarão/ quando chega a madrugada/ lá, na mata a passarada/ principia um barulhão.”

O Sargento Álvaro nos fez presente de uma flauta de ébano maior, mais moderna que a nossa. Esse instrumento eles levaram. Uma noite disseram-me: – “Vamos fazer uma serenata. Você não vai. Empréstimo-nos a flauta, amanhã devolveremos”. Fizeram a seresta. Tocaram e cantaram em nossa porta. Somente no dia seguinte soubemos. Morfeu não nos deixou ouvir nada.

Os oficiais procuraram identificar-se com os músicos da cidade e demonstraram que, mesmo em meio à seriedade da causa, ao perigo constante, às ciladas, às perseguições, aos armamentos e às mortes, empunhavam, também, em suas guarnições, o espírito da divina arte e até se armavam com seus instrumentos e, exaltando o amor, reboiavam saudades da terra natal com canções regionais: gaúchos e paulistas.

Queiroz marcou a memória de muitos com suas serenatas caminhando pelas ruas da cidade. Percorrendo de casa em casa, o *duo*, Possidônio e José Roberto Amorim,

---

<sup>92</sup> Ibid. id.

conquistavam os ouvidos da população e marcavam época. “Perfeccionista, passava horas ensaiando com o prof. Possidônio as músicas que iriam tocar. Outros que tocavam e a cantavam foram companheiros seresteiros de Possidônio, mas o José Amorim era inigualável”<sup>93</sup>. Dona Petronília do Rêgo Amorim, bandolinista do Grupo Bandolins de Oeiras e esposa do José Amorim, lembra-se da chamada sonora para a jornada seresteira pelas casas de amigos.

Eles andavam muito. Quando iam fazer serenata em noites de lua cheia, ele chegava, dava um som na flauta, aí Zeca saía com o violão. Eles iam tocar na casa de Rocha Neto, doutor Pedro Sá, esse povo que gostava de música, que entendiam um pouco de música. Eles iam mais assim, não era em casa de namoradas não, era pra casa de gente que sabia música, gostavam, ouviam música<sup>94</sup>.

Sob inspiração das serenatas e à luz da lua que os guiava, compôs: **Olha o Flautim**, em 1938, marchinha de compasso binário, ritmo marcial, dividida em três partes, composta de movimentos divertidos, mas sem os contrapontos carnavalescos do momento; **Graça Infantil** (polca), em 1938, homenagem ao seu filho mais novo Francisco de Assis Ribeiro Queiroz; e **Choro – Fantasia**, 1939, composição com maior tendência europeia e de cunho virtuosístico. Nos tempos das serenatas, escreveu, também, **Amorim na Zona** e as **Caçadas de Zeca**, chorinhos que tentavam retratar as peripécias de José Amorim em seu culto à alma feminina. “Não ia caçar cotias de quatro pés, mas o que é mais elevado as cotias de brinco [...] Ele além de bom no acompanhamento, também, executava bonitas valsas no instrumento”<sup>95</sup>. Nas memórias de Conceição Tapety ficaram marcas dessa formação cultural.

Eu devia ter uns 10 anos quando as serenatas de Possidônio me despertaram para apreciar a beleza do som de sua flauta. Os moradores acordavam, a cidade acordava. No entanto, silêncio total. No ar, apenas o som da flauta de Possidônio. Lembro-me bem: os sons vinham de longe, suaves, plangentes, harmoniosos. Suas serenatas foram um marco na história de Oeiras, e se os oeirenses aprenderam a amar a música e vão passando esse gosto de pais para filhos, devem muito àquelas horas inesquecíveis de rara beleza e total deslumbramento<sup>96</sup>.

<sup>93</sup> MACIEL, Emmanuel Coelho. **Possidônio Queiroz: sua vida, sua arte**. In: Memória piauiense – Possidônio Queiroz. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995, p.22

<sup>94</sup> AMORIM, Petronília Rêgo. **Entrevista concedida a Francisco Alcides Nascimento e Rodrigo Marley de Queiroz Lima**. Oeiras, 20 de março de 2016.

<sup>95</sup> MACIEL, Emmanuel Coelho. **Possidônio Queiroz: sua vida, sua arte**. In: Memória piauiense – Possidônio Queiroz. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995, p.22.

<sup>96</sup> SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In: Memória Piauiense – Possidônio Queiroz. Fundação José Elias Tajra – Teresina, 1995, p.10.



A produção de alguns estilos musicais por certos grupos sociais está intrinsecamente ligada às relações culturais sendo que

[...] essa organização musical não ocorre nem se estabelece num vazio temporal e espacial. As escolhas dos sons, escalas e melodias feitas por certa comunidade são produtos de opções, relações e criações culturais e sociais, e ganham sentido para nós na forma de música<sup>97</sup>.

Assim, Possidônio segue sofrendo influências dessa miscigenação erudito/popular produzida por um executor exímio do seu instrumento predileto – Patápio Silva – e a influência que vinha diretamente da Europa através das valsas de Emile Waldteufel, Shubert, entre outros, juntamente com o contato da heterogeneidade multicultural e multitemporal. Ele possuiu “vários volumes encadernados, para flauta e piano - valsas e trechos eruditos – que com muito gosto estudava”<sup>98</sup>.

A hibridização cultural na América Latina é, para Nestor Canclini, a manifestação de agentes culturais envolvidos com a produção de bens culturais ditos cultos, populares ou massivos e suas relações com a modernidade, uma mesclagem sinônimo de pluralidade entre hegemônico e subalterno, tradicional e moderno, culto, popular e massivo. Para Possidônio suas relações, composições e atenção musical ultrapassavam a tentativa de reproduzir aquilo que vinha da Europa e da Capital Federal. Eram mais o fruto íntimo de “reelaborações desejosas de contribuir com a transformação social”<sup>99</sup>.

Em 1939 adquiriu uma flauta transversal de prata de lei. Foi um alto investimento que fez para seu desenvolvimento musical. Instrumento de elevado valor monetário, mas, também, estético, que possibilitaria performances mais refinadas. Sobre sua encomenda é possível localizá-la através da carta que enviou para a fábrica de instrumentos WERIL, na condição de chefe do gabinete do Prefeito Municipal de Oeiras.

A prefeitura de Oeiras era assinante do *Informativo Weril*, publicação da fábrica que dava notícias sobre instrumentos, história da música e dos compositores. Na carta, Possidônio apresenta essa informação e enaltece o informativo como um grande colaborador da “cultura musical do nosso país”. E, logo após fazer boa demonstração de conhecimento sobre um pouco da história da música e as colaborações da revista acerca dos compositores brasileiros, informa como se deu a aquisição:

<sup>97</sup> MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000, p. 211.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998, p. 79.

Antigo freguês da mais importante fábrica de instrumentos musicais da América do Sul, comprei na sua conceituada Casa, instrumentos musicais diversos.

Toquei flauta. Dirigi aqui em Oeiras, várias orquestras em sessões magnas de homenagem ao Exmo. Sr. Dom. Avelar Brandão Vilela, ao tempo Arcebispo de Teresina, hoje Cardeal Primaz do Brasil; de homenagem ao Sr. Dom Francisco Expedito Lopes, 1º Bispo de Oeiras, depois transferido para Guaranhuss-PE, onde foi assassinado por um padre, que era vigário em Quipapá; de homenagem ao Sr. D. Raimundo de Castro e Silva, 2º Bispo de Oeiras e ao Sr. D. Edilberto Dinkelborg, nosso 3º e atual Bispo. Na referida flauta a inscrição: A. Casoli – Milano – Brevetatto – 14182. Digo comprei à Weril, em 1939, uma flauta de prata de lei, importada. [...]

Bem. Como soprador de flauta, sempre fui admirador estrênuo do Maestro Patápio Silva, insigne flautista brasileiro, desaparecido há muitas décadas. Ouvia-lhe as execuções magistrais feitas para gravações da antiga Casa Edson, Rio de Janeiro, em gramofone. Com esta carta, rogo encarecida e confiantemente, que se publique no Informativo Weril, algo da biografia do malgrado Maestro.

Suplico que me envie um exemplar do informativo em que se fizer a publicação<sup>100</sup>.

A grande quantidade de informações que coloca na correspondência é acompanhada de uma modéstia sempre presente quando se tratava de dizer que foi flautista. Apesar da eloquência em dizer das orquestras que organizou em tantos eventos anunciados em um parágrafo, contrasta com afirmação de que era soprador de flauta.

Toda essa arquitetura na escrita parece tentar convencer aquele que recebe a missiva de que se trata de um ser de certa compreensão musical, sensibilidade, e, talvez, acima de tudo, da relevância que tal periódico teria para ele, caso algumas notas biográficas fossem publicadas sobre Patápio Silva.

A modéstia parece servir para dizer que quem escreve não é igual ao que a escrita representa. Em se tratando da escrita de si, constituidora de identidade, o trato com a correspondência carrega um risco que é o de emitir uma autenticidade, pois a carta, por ser um documento íntimo, no primeiro instante, parece dar um efeito de verdade. No entanto, Christophe Prochasson chama atenção:

As armadilhas que as correspondências estendem aos historiadores são, no entanto, numerosas. A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes bastante enganadores. Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos

<sup>100</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada à Fábrica Weril**. Oeiras, 18 de novembro de 1982.

privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos<sup>101</sup>.

Rubem Alves afirma: “Sou um fingidor. O que escrevo é melhor do que eu. Finjo ser um outro. O texto é mais bonito que o escritor”<sup>102</sup>. Assim, pedaços de um homem são mostrados nesses mesmos fragmentos, pedaços dos desejos e movimentos de Possidônio Queiroz como um poeta que “tinha clara consciência de que era muito pequeno quando comparado com sua obra”<sup>103</sup>.

Nesse jogo de produção das formas de se apresentar e fazer ser reconhecido, Possidônio parece, também, retratar aquilo que Rubem Alves discute sobre a real apresentação do ser que escreve. Através da escrita faz a escolha de uma máscara com a qual atesta “assim, não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser quer ser visto”<sup>104</sup>.

### 1.3 – As primeiras incursões no mundo das letras

O pai de Possidônio Queiroz, como registrado anteriormente, produtor rural, vendo nele alguém que pudesse apoiá-lo na gestão da produção e, conseqüentemente, na comercialização, encaminhou-o para estudar em Teresina, em 1924. Talvez tenha sido um momento de interrupção nos trabalhos da ourivesaria para estudar algo que fosse de imediato suporte para a sobrevivência no meio em que vivia.

Aportou na capital do Piauí, em 28 de julho de 1924, à noite, e foi logo à novena que acontecia na Igreja do Amparo. Tomou aulas no curso de Escrituração Mercantil que funcionava em uma casa situada em frente ao 25º Batalhão de Caçadores, tendo como professor João Ferry<sup>105</sup>, com quem já se dava quando este morou em Floriano<sup>106</sup>. Morou no mesmo prédio onde se hospedou o austríaco Ludwig Schwannhagemn<sup>107</sup>. O edifício chamava-

<sup>101</sup> PROCHASSON, Christophe. “**Atenção verdade!**” Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, p.111.

<sup>102</sup> ALVES, Rubem. **Pimentas**: para provocar incêndio não é preciso fogo. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2012, p. 110.

<sup>103</sup> Ibidem, 111.

<sup>104</sup> FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: \_\_\_\_\_. Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política.

<sup>105</sup> João Francisco Ferry (1895-1962). Poeta de expressão na década de 1920. Publicou em 1922 o título *Em busca da luz* (poesia), colaborou com a revista Garota, que circulou em 1933, e na década de 1950 foi guardalivros da Casa Paraíso (comércio varejista e de gêneros de exportação), na cidade São Pedro do Piauí.

<sup>106</sup> Floriano (PI), cidade localizada às margens do Rio Parnaíba. Fica a aproximadamente 240 km de Teresina (PI).

<sup>107</sup> Ludwig Schwenhagen (1900-1928). Austríaco. Publicou na imprensa oficial de Teresina *Antiga História do Brasil*, onde propõe serem os Fenícios os antigos moradores de algumas áreas do país. Desapareceu sem deixar rastro.

se Pensão Comercial de Eugênio Holanda, hoje se encontra no lugar o Palácio do Comércio, esquina da atual Rua Teodoro Pacheco:

Naquele ano estive o sábio arqueólogo hospedado na supradita pensão. Adoeceu ligeiramente por alguns dias. Ia eu ao seu quarto, ler, para ele, os jornais do dia. Realizou uma conferência no ‘4 DE SETEMBRO’, sobre ‘SETE CIDADES.’ Ofereceu-me um bilhete de entrada, mas, discípulo de Ferry, pedi-lhe que me liberasse duas entradas no que fui atendido prontamente. FERRY, apesar de avisado, não apareceu. Guardei a entrada a ele destinada como lembrança do escritor austríaco. O bilhete é hoje uma peça de museu. Junto-o a esta carta. Serve para que o colendo Mestre o conheça<sup>108</sup>.

O recorte acima foi retirado de uma carta enviada à Arimatéia Tito Filho<sup>109</sup>, dentre as correspondências que trocavam encontra-se essa interessante descrição deste momento da década de 1920. Esse processo de rememoração dá-se pelo prazer de compartilhar os eventos e sujeitos com quem trocou experiências em dada época. Faz parte, também, da elaboração da sua identidade na qual o personagem retorna a um tempo muito distante para exaltar os feitos que o iniciaram nos espaços frequentados por homens de letra. Por esse motivo, há uma busca constante dos narradores por grupos que podem vir a ser legitimadores do *suporte da memória*, como propõe Ecléa Bosi<sup>110</sup>.

Exemplo disso é quando “nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado”<sup>111</sup>. É através desses confrontos de informações que eles se identificam atores de uma mesma temporalidade, no caso, do estado do Piauí. Daí a necessidade de “estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência”<sup>112</sup>.

Para um sujeito como Possidônio, conhecido por gostar de compartilhar seu conhecimento, “a recordação é tão viva, tão presente, que se transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a quem o escuta”<sup>113</sup>. Sujeito esse que se recusava a deixar sua cidade, salvo bom motivo. Tinha nas correspondências o suporte para sociabilidades e compartilhamento. Seu gosto pela leitura e as práticas do campo intelectual fez com que procurasse, de imediato, os espaços de circulação da produção literária.

<sup>108</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Arimatéia Tito Filho**. Oeiras, 08 de maio de 1988.

<sup>109</sup> Arimatéia Tito Filho (Barras, 1924; Teresina, 1992). Professor, membro e presidente por muitos anos da Academia Piauiense de Letras. Sobre esse intelectual conferir a belíssima tese de doutorado *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*, de Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim, 2012.

<sup>110</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.414.

<sup>111</sup> BOSI, p.414.

<sup>112</sup> BOSI, 1994.

<sup>113</sup> BOSI, p.474.

Tive o prazer e a honra, de haver sido, por pouco tempo, em 1924, discípulo de português, do notável polígrafo (Abdias Neves). Afável, atencioso, amante dos que desejavam aprender, muito me distinguiu. Por aquele tempo, dirigia ele, o simpático periódico ‘O Dia’, na opinião do Mons. Chaves ele vivia para o jornal.<sup>114</sup>

Seu contato com Abdias Neves estendeu-se até seu sobrinho Antônio Neves de Melo, que promovia grêmios literários na capital piauiense. Nesse momento, são criadas várias dessas agremiações literárias. Jovens bacharéis que voltam as suas cidades de origem, seja de férias ou depois de ter concluído os cursos superiores, entre outros aspirantes, buscavam inserir-se no universo das letras, espelhando-se nas Academias de Letras que nasciam nos estados, seguindo as trilhas da Academia Brasileira de Letras.

Assim, jovens ávidos e inquietos promoveram “intenso movimento de criação de associações literárias, tanto na capital federal quanto nos estados, por iniciativa de moços bem-nascidos, acadêmicos e bacharéis, envolvidos com a reforma da língua e da literatura nacionais”<sup>115</sup>. Em grande parte estavam dedicadas a articular apoio e divulgação da produção desses jovens literatos bem como colaborar com a agitação cultural mais próxima às camadas populares.

Em 1926 Antônio Neves lidera a criação de *O Lábaro*, um jornal semanário literário, que circulou em Teresina entre 1926 a 1929. Nesse último ano, o mesmo grupo funda o Cenáculo Piauiense de Letras – CPL.<sup>116</sup> Possidônio, lembrando-se de como se deu a descoberta de seu nome por Bugyja Britto, narra no trecho do discurso de recepção deste em 1987:

Data mais ou menos desse tempo, de 1927, 1928 ou 1929, o meu relacionamento convosco. Isso porque me correspondia com Antônio Neves de Melo, cujas cartas eram vazadas em linguagem altiloquente, erudita, por vezes citando Vargas Vila e outros. Neves de Melo, fez-me representante aqui do simpático jornalzinho ‘O Lábaro’. Depois fui eleito sócio correspondente de Cenáculo Piauiense de Letras em Oeiras, e convidado a colaborar na ‘Revista’ que o Cenáculo editava. Sendo vós um dos componentes da grei esperançosa, da grei que diria sagrada, teria, como teve, oportunidade de tomar conhecimento do meu nome<sup>117</sup>.

<sup>114</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Arimatéa Tito Filho**. Oeiras, 18 de janeiro de 1984.

<sup>115</sup> MACIEL, Laura Antunes. Cultura letrada, intelectuais e memórias populares. IN: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia; SANTOS, Ricardo Augusto. **Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

<sup>116</sup> Instituição que representava a juventude literária de Teresina. Teve curta duração (1929-1940).

<sup>117</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. DISCURSO Sessão solene realizada pelo IHO, em homenagem ao Sr. Antônio Bugyja de Sousa Britto. Oeiras, 21 de maio de 1987.

Nesse resumo do contato entre os missivistas, Possidônio deixa claro como Bugyja tomou conhecimento do conterrâneo que tinha deixado em Oeiras, quando se transferiu para Teresina, e agora o reencontro se dava no universo do trabalho intelectual.

Queiroz guardou três correspondências que trocou com Antônio Neves. Nelas, temos uma demonstração eloquente de beletristas. A legitimação intelectual conferida à Possidônio demonstra a propriedade que o grupo tomara diante do sonho de constituição de uma agremiação literária de homens de letras, eruditos, progressistas e atuantes. Essa configuração é bastante comum na *Belle Époque*, com imagens e conceitos que esse período representou nas grandes capitais, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

De acordo com Nicolau Sevcenko, esse momento experimentou uma consciência que inspirava mudança ou transformação social através do ativismo literário dos homens de letra. Estas transformações eram “inspiradas nas linhagens intelectuais de utilitarismo, liberalismo, positivismo, humanismo, faziam assentar toda a sua energia sobre conceitos éticos bem definidos e de larga difusão em todo esse período”<sup>118</sup>.

Antônio Neves, ao iniciar uma das cartas, provavelmente a primeira, registrou receptiva frase: “Tenho o maior prazer em responder a sua delicada e bem escrita epístola de 13 de maio último,” destacando de prontidão seu lugar no cargo de Inspetor do Ensino Primário para justificar a demora involuntária. Acusa o recebimento de 30\$ (trinta réis) de três assinaturas granjeadas por Possidônio em Oeiras. Afirma que o sentimento provocado pela missiva faz parte daquilo que acredita ser a “esperança nos frutos sazonados que haveremos de colher” de um futuro melhor, para o estado e que “vem refletir sobre a nossa classe – a da mocidade piauiense – sempre esquecida e vilipendiada” em detrimento deste “marasmo doentio em que vivemos (ou que morremos) desde o século passado”<sup>119</sup>.

O marasmo, em que os desejos sobre o devir de Melo refletem, está sintonizado com os anseios por conquistas de espaço e reconhecimento da piauiensidade, em grande parte colaborada pela perda gradativa de representatividade, poder econômico e político que o Nordeste vinha sofrendo – sintonia que reforçava as memórias de uma Oeiras, também ressentida, que sofria com o abandono. Essas cartas formam uma síntese de um lugar onde os

---

<sup>118</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003, p. 31.

<sup>119</sup> MELO, Antônio Neves de. **Carta endereçada a Possidônio Nunes Queiroz**. Teresina, 07 jul. 1927.

missivistas aproximam-se. Assim, elas tornam-se anunciadoras das ideias e do “papel dos indivíduos na construção dos laços sociais”<sup>120</sup>.

A correspondência pessoal de um indivíduo é, portanto, um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. É através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares<sup>121</sup>.

Na mesma carta, ainda anuncia a recém-criação do Cenáculo Piauiense, “uma associação de moços animados por um só ideal, consagrado em torno de um só objetivo: - o de promover o alevantamento intelectual dos moços piauienses”<sup>122</sup>. Comenta, também, que são trinta e que é “um dos mais modestos, porém um dos mais vontadosos” que vai procurando sempre se colocar à altura dos colegas sem perder a força e a esperança e conclui fazendo a seguinte sugestão:

Vou propor-lhe para sócio correspondente do “Cenáculo” ahi. Merece-o a sua inteligência, que transborda, animosa e suave de cada uma das delicadas missivas à nós dirigidas. E, merecendo pelos seus dotes de inteligência, nada mais faço que expressar a minha admiração e respeito.  
Antônio Neves de Melo  
Redator-chefe d’O Lábaro<sup>123</sup>.

Nota-se que, mesmo diante da modéstia apresentada por Melo, os desejos de legitimação mútua, com a aproximação de Possidônio no rol desse *lugar social* que é a mocidade literária, partem da capital para o interior e do interesse de Possidônio que se mantém em contato com o grupo. Essa relação de troca de cartas mostra, desde cedo, – no sentido de primeiras experiências, na juventude – que o acervo guardado por Possidônio pode ser tido como uma modalidade da *produção do eu*. Assim, é necessário pensar o documento para além dessa representação de si e das relações que envolvem o *autor*, mas, também, a relação que se estabelece com o *receptor* a quem ela se dirige<sup>124</sup>.

<sup>120</sup> CHARTIER, Roger. **A história hoje**; dúvidas, desafios e propostas. Estudos Históricos, v. 7, n. 13, Rio de Janeiro, 1994, p. 97 -103.

<sup>121</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Presentes de Papel**: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001, p. 32.

<sup>122</sup> MELO, Antônio Neves de. **Carta endereçada a Possidônio Nunes Queiroz**. Teresina, 07 jul. 1927

<sup>123</sup> Ibid. id.

<sup>124</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Presentes de Papel**: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001.

O início e o desenvolvimento dessa relação está registrado, em parte, pela pasta classificadora em que colecionou as correspondências trocadas com Bugyja Britto desde então. Como afirma Giselle Venâncio “uma carta expressa mais do que o texto que ela contém. Sua materialidade denota a condição de sua redação, a análise de sua trajetória e a identificação de seus destinatário”<sup>125</sup>. Esse parece ter sido mais um reforço, mais um dado no estabelecimento da rede de sociabilidades que o levaria não só ao des-ilhamento, devido às dificuldades de comunicação, à distância da cidade no meio do sertão do estado piauiense.

De 1924 a 1929, entre 18 e 23 anos de idade, os anos foram de definição de profissão e de “acertos” familiares. De 1920 a 1924 é ourives e depois abandona a profissão para ir estudar em Teresina, fazendo o curso de escrituração mercantil. Retorna no início do ano seguinte. É provável que a Casa Queiroz tenha sido aberta com o objetivo de prover o sustento, já que em 04 de novembro de 1928, casa-se com Otacília Maria Ribeiro, um dia após ela completar 20 anos de idade. No ano seguinte, tem seu primeiro filho, Raimundo de Queiroz Neto.

Data de 1932 a primeira missiva recebida por Queiroz, remetida por Britto. Essa relação através de missivas durou até 1992, ano de falecimento de Bugyja Brito. São, ao todo, 171 documentos que incluem as três correspondências remetidas por Antônio Neves de Melo, missivas e documentos trocados e, por último, as cartas que Possidônio trocou com Miridam Britto Knox, filha de Bugyja Brito. Consideramos a década de 1920 e começo de 30 o momento inicial da produção das redes de sociabilidades, o que nos leva a pensar Possidônio como sujeito produtor de conhecimento e “preocupado com a produção e mediação cultural em sua terra natal – Oeiras – PI. Um homem engajado, atento aos ritmos variados do tempo e as transformações ocorridas na sociedade em que viveu”<sup>126</sup>.

Esse reconhecimento do jovem negro, ao apresentar suas manifestações através das cartas, provocou o surgimento de convites para que participasse cada vez mais dos grupos de representação intelectual, tomando parte dos principais acontecimentos da época na cidade. Seu universo de leituras, *habitus*<sup>127</sup> dos grupos que se identificavam como homens de letras,

<sup>125</sup> VENANCIO, 2001, p. 28.

<sup>126</sup> TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **Trajetórias biográficas e modos de subjetivação nas cartas trocadas entre intelectuais na sociedade piauiense/ brasileira nas décadas de 1980/1990**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 12, Ano XII, nº 2, 2015, p. 8.

<sup>127</sup> Do diálogo entre Bourdieu e Chartier decodificamos o seguinte entendimento sobre o conceito de *habitus*: suporte de conhecimento adquirido por um indivíduo diante da sua capacidade de absorver e organizar – em si – as estruturas do mundo, ordenando, portanto, “comportamentos, suas condutas, suas escolhas e seus gostos”. BOURDIEU, Pierre; CHATIER, Roger. *Habitus e campo*. In: \_\_\_\_\_. **O sociólogo e o historiador** – Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 59-68. Para Bourdieu, a noção de *habitus* não negligencia o papel das estruturas, nem tampouco do lugar social do agente, mas sim, reconhece que diante dos símbolos e regras que o mundo oferece de sentido, fazemos escolhas que não



era motivado pela tendência do bacharelismo. É convidado pelo Des. Pedro Sá<sup>128</sup> para ser Defensor Dativo<sup>129</sup> de um caso no ano de 1928<sup>130</sup>. No ano seguinte, é escolhido para fazer o discurso de inauguração do Grupo Escolar “Costa Alvarenga”<sup>131</sup>.

Notamos que o convite feito pelo Desembargador Pedro Sá instaura o ponto de partida para que Possidônio pudesse, também, fazer investidura na área jurídica. Presume-se, com isso, que para assumir esta função deve-se possuir certo conhecimento jurídico.

Partindo da confiança do Des. Pedro Sá, Possidônio é nomeado ao cargo Adjunto de Promotor Público da Comarca de Oeiras, como poderemos ver na imagem abaixo. Talvez o cargo assumido no mês anterior tenha alguma ligação. E possa explicar o caso. Nessas informações incorre o nome do então Interventor do Estado, Humberto de Arêa Leão.

---

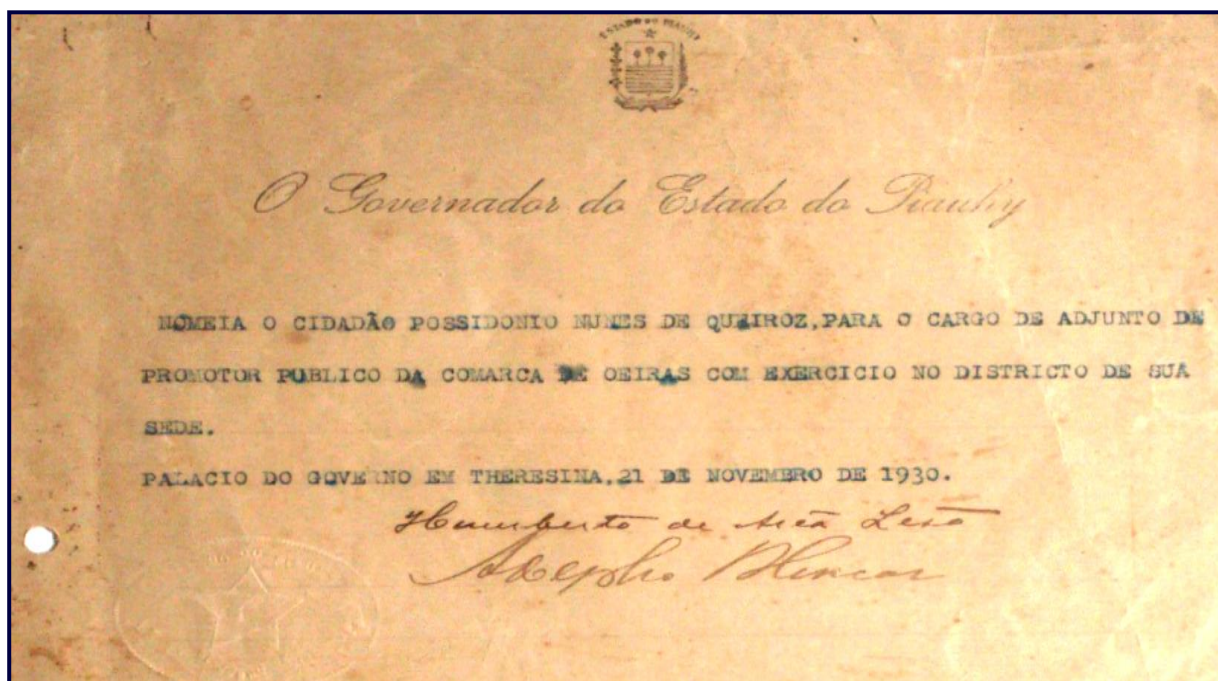
estão previstas. Nas palavras de Bourdieu, o uso do termo pretende “por em evidência as capacidades ‘criadoras’, ativas, inventivas, do habitus e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamado a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou, de uma razão humana, como em Chomsky – o *habitus*, como indica a palavra é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural –, mas sim de um agente em ação”. BOURDIEU, Pierre. A gênese do conceito de *habitus* e de *campo*. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.59 – 73. p .61.

<sup>128</sup> Pedro Amador Martins de Sá (1890 – 1984). Nasceu em Oeiras. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife. Juiz de direito de São Raimundo Nonato, Jaicós Uruçuí e Oeiras, sendo, essa última de 1927 a 1953.

<sup>129</sup> “O advogado nomeado pelo juiz para promover a defesa do acusado ausente, foragido ou sem meios para constituir e pagar advogado próprio”. [http://www.business.org.br/business/paginas/juridico2/termos\\_jurid.htm](http://www.business.org.br/business/paginas/juridico2/termos_jurid.htm)

<sup>130</sup> A afirmação faz parte de um pequeno comentário, trecho dos *Apontamentos* que elaborou para defesa de um réu na cidade. Apontamentos para a defesa, no júri, do pronunciado Feliciano Ferreira de Carvalho. Data do júri, 03 de abril de 1984.

<sup>131</sup> Esteve na inauguração como representante da União Operária Oeirense. Organização social filantrópica que, de acordo com Amada de Cassia Campos Reis, foi idealizada pelo poeta Nogueira Tapety, em 1912, e serviu de molde para criação da União Artística Operária Oeirense, em 1938. REIS, op. cit. p.190. Informação também transcrita em *Recordações – III*.



**Figura 4:** Nomeação para o cargo de Ajunto de Promotor Público. Teresina, 21 de outubro de 1930.  
**Fonte:** Acervo pessoal de Possidônio Nunes de Queiroz.

Após os movimentos, no âmbito nacional, que com sucesso colocam no poder o Presidente Getúlio Vargas, seus reflexos no Piauí fazem o golpe funcionar sintonizado. O levante que visava retirar o governador João de Deus Pires Leal é deflagrado no amanhecer do dia 04 de outubro, colocando em seu lugar Humberto de Arêa Leão. Na intenção de concretizar a proposta reformista, o interventor dissolve os conselhos Municipais, através do Decreto N° 1.104, criando os cargos de prefeito<sup>132</sup>. Em Oeiras é nomeado o prefeito José Martins de Sá. Em 07 de outubro de 1930 assume o cargo. Possidônio é “trazido pela mão” deste, de acordo com pronunciamento registrado na ata da sessão que homenageou Queiroz ao ensejo de sua aposentadoria:

<sup>132</sup> A Revolução de 1930 no Piauí se apresentou como um desencadeamento das movimentações políticas no âmbito nacional. Representou, também, uma tentativa de remodelação da política piauiense, como forma de romper com as oligarquias que comandavam o poder no governo estadual liderados pelo grupo político da família Pires Ferreira. No entanto percebe-se que, como no entendimento de Francisco Alcides do Nascimento, a *ruptura* que se deu no golpe de 4 de outubro de 1930 “não provocaram mudanças substantivas em todos os setores da sociedade”. Esta ruptura, sim, representou um encadeamento de manifestações como a crise do capitalismo internacional de 1929, a conseqüente redução dos preços dos principais produtos de exportação do estado do Piauí e junto a isso um descontentamento de um grupo dominante que estava deslocado do poder local, se integrando com a Aliança Liberal, “por discordar do processo político encaminhando pela oligarquia Pires Ferreira, representado pelo governador Joao de Deus Pires Leal, contando com o apoio dos ‘coronéis’, aliados de outrora”. Nesse interim, as renovações de lideranças que se davam nacionalmente e localmente realocavam no poder os grupos coronelísticos Pires Ferreira, pelo clã Freitas. Ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A revolução de 1930 no Piauí: 1928 – 1934**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. ASSUNÇÃO, Rosângela. **A política trabalhista na era Vargas e a construção da Memória dos portuários de Teresina (1930 – 1954)**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina: 2005.

Ao lado do velho companheiro Doutor Raimundo da Costa Machado [...] trabalhava em três expedientes: na parte da manhã, à tarde e à noite, todos os dias até as vinte e quatro horas. Um dia foram até às três da madrugada, sem que por isso ninguém cobrasse um centavo de extraordinário. O município naquele tempo não tinha renda. Uma magra receita de quarenta contos de reis, ou pouco mais por ano, equivalente em moeda atual a quarenta cruzeiros, exigia dos servidores, desprendimento, espírito público, amor à terra. Por isso, ao assumirem os cargos, o Prefeito José Sá, o Secretário Possidônio Nunes de Queiroz e o tesoureiro Raimundo da Costa Machado, tiveram, como primeira e imprescindível necessidade reduzir os próprios vencimentos. Assim diminuíram para a metade, e para menos da metade os seus vencimentos, em relação ao que percebiam e que ocupavam idênticos lugares anteriormente. O prefeito passou a receber apenas cento e cinquenta mil réis; o Secretário setenta mil réis, isto é quinze centavos e sete centavos, respectivamente na moeda atual [...] Afirmou que a reação de nossa terra (*diante do golpe da transferência*), rumo ao progresso começou de mil novecentos e trinta pra cá, com a administração de José Sá<sup>133</sup>.

Seu discurso é forjador da identidade de um homem sóbrio, dedicado às causas da cidade, combinado com o estilo de vida que escolheu tomar para si, decidindo não abandonar a cidade e trocá-la por outra e, mais que isso, entregando-se como sujeito que lutou para o desenvolvimento da sociedade e da cidade. Também percebeu e sentiu a cidade onde morou carregada com esse ranço de ter perdido a chance de correr rumo ao “progresso”.

Alinhado a esse discurso, confunde a história do progresso de Oeiras com o governo municipal José Sá. Essa também é uma forma de aceitar e reproduzir a memória do passado decadente paralisado pelo *golpe* que a cidade teria sofrido. Os discursos são manifestação do entendimento de uma época e, também, sobre como pensam sobre outros momentos. É um fenômeno social, portanto, proporciona compreensões sobre os sentidos que compõem uma sociedade e a conjuntura política<sup>134</sup>. Paul Veyne, refletindo sobre o pensamento de Michel Foucault a respeito do olhar do historiador, afirma que

Os discursos são lentes através das quais, a cada época, os homens, perceberam todas as coisas, pensaram, agiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos e justificar tal dominação<sup>135</sup>.

<sup>133</sup> CAMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. Ata da sessão solene realizada em homenagem ao Diretor da Secretaria da Câmara Municipal, Possidônio Nunes de Queiroz ao ensejo de sua aposentadoria. Oeiras, 22 de maio de 1976.

<sup>134</sup> NASCIMENTO, **As cidades de Possidônio**. Vi Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. UFPI, 2013. p.5.

<sup>135</sup> VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 50.

Esse relato confrontado com as ordens que vinham do novo governador faz sentido, mas não dá brechas para heroísmos. O mandato curto de Humberto Arêa Leão é marcado por uma tentativa de enxugamento e controle de toda a máquina estatal. Para isso, realizou “corte de verbas e funcionários em todo o Estado, ao mesmo tempo em que implementa novas nomeações, algumas delas levando em conta o parentesco”<sup>136</sup>.

A informação do discurso acima pode sugerir boa vontade do “primeiro prefeito” de Oeiras (pós-30) no reequilíbrio das contas municipais, partindo das manifestações únicas de sua intenção juntamente com seus assessores na Prefeitura (Possidônio Queiroz e Raimundo da Costa Machado). Certamente, ordens nesse sentido devem ter chegado ao município em conjunto com sua nomeação. A continuidade de Possidônio no cargo de adjunto de promotor é incerta. Talvez substituída pela atividade de Solicitador. O governo Arêa Leão foi destituído em 29 de janeiro de 1931.

Quando no fim de 1930 ou começo de 1931, o Cap. Lemos Cunha chefiou um movimento em Teresina, que derribou do governo, O Interventor Humberto de Arêa Leão, insatisfeito com a orientação do novo Interventor, telegrafou Zé Sá, a ele, em termos categóricos e lhe entregou o cargo de prefeito. Veio para aqui o Cap. Brás, que demorou pouco tempo, por que logo, o Presidente VARGAS mandava para o Piauí, o Interventor Landry Sales Gonçalves, e este, tanto que assumiu o poder, telegrafou a Zé Sá, reconduzindo-o ao cargo, que ele exerceu com honestidade<sup>137</sup>.

Joel Candau elaborou uma categorização dos processos mnemônicos partindo dos seus estágios, condições de formação-funcionamento, âmbitos e representações. Daí forjou as noções que denominou de memória de baixo nível ou *protomemória*, propriamente dita ou de *alto nível* e, por último, *metamemória*, para explicar o que seriam respectivamente a *memória-hábito*, a *memória de recordação*, e a *de representação*. Sendo que

A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela, e de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, [...] a construção implícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva<sup>138</sup>.

---

<sup>136</sup> ASSUNÇÃO, 2005, p.32.

<sup>137</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Memórias de Oeiras VI** (Programa de Rádio). Oeiras, 22 de outubro de 1983.

<sup>138</sup> CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014, p.23.

Candau sugere que esses termos podem se tornar conceitos científicos, mas que seu uso é direcionado para o interessado nos estudos da memória individual que, partindo dela, pode perceber os elementos que são capazes de constituir a identidade que o sujeito pode *representar* de si ou de seu grupo.

Assim, conseguimos entender que sua relação com a memória coletiva pode ser possível a partir da forma da *metamemória* pertencente coletivamente aos pares, ou seja “um enunciado, que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”<sup>139</sup>. Ao lembrar e reproduzir a memória na sociedade, esse grupo, ou de forma plural, os grupos, podem produzir fenômenos de *projeção e transferência da memória* que a organizam como individual ou coletiva<sup>140</sup>.

Nesse sentido, o elemento empírico pode fazer parte da construção da memória, mas ela não se delimita apenas pelas referências da vida física do indivíduo. Também “sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”<sup>141</sup>. De certo que as intenções do momento, as decisões políticas, interferem na criação de marcos e de lugares de memória para a coletividade.

Na década em destaque, essas relações promoveram o desenvolvimento de alguns projetos que foram aos poucos ressignificando a imagem da cidade. As atividades musicais foram sendo inseridas no projeto de governo que se relacionava com o espelho daquele que fora promovido pela Revolução de 30. Um prefeito, assessorado por intelectuais que auxiliavam no desenvolvimento cultural, promovia símbolos de confiança e representatividade no município.

As práticas musicais de Possidônio se desenvolveram e, logo em 1929, escreveu a primeira composição, a Valsa do Poeta. Nos anos seguintes, organizou um conjunto de câmara que o Des. Pedro Sá, companheiro de ideias eruditas desde 1928, achou digno chamar de Orquestra Renascença. Fazia alusão ao período de “abandono” e “recusa” da escuridão do milênio da Idade Média, momento de “estagnação do progresso”, assim como o passado de Oeiras. A Renascença Oeirense de 1930 era pensada como o Renascimento cultural europeu dos séculos XV e XVI.

---

<sup>139</sup> Ibidem, p.19.

<sup>140</sup> POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, vol. 5, n.10. Rio de Janeiro, 1992.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 204.



**Figura 5:** Orquestra Renascença, 1930. Fotografia tirada em frente à recém-inaugurada sede da Prefeitura de Oeiras<sup>142</sup>.

**Fonte:** Memórias Piauienses – Possidônio Queiroz. Fundação Jet, 1994.

Os múltiplos possidônios são, também, demonstrações do uno e do diverso. Mostra a singularidade individual diante da sociedade, do tempo, mas, também, realça as possibilidades dos valores, dos limites, e o quanto estava imbricado com o momento, em sintonia e distonia, favorável e avesso. É a manifestação do possível.

#### 1.4 – Casa Queiroz: o comerciante solicitador e livreiro.

Encontramos o livro de contabilidade conta corrente e, com ele em mãos, não sabíamos o que fazer. Na realidade, ainda não sabemos se conseguimos tratá-lo metodologicamente de forma adequada. No entanto, depois de diversas análises, percebemos algumas características que podemos levar em conta como fonte histórica, importante fonte.

Esse é um registro que se inicia no dia 20 de outubro de 1939 e vai até 18 de junho de 1942. Todo escrito à mão, com caneta tinteiro, caligrafia dedicada – fazemos uma boa leitura. Possidônio faz nota das mercadorias que eram vendidas, certamente na Casa Queiroz e, no

<sup>142</sup> Da esquerda para direita, em pé: Possidônio Queiroz, Raimundo Cassiano, Indé Cassiano, José Roberto Amorim, João Burane, Eva Feitosa, Aldemar Tabaqueiro e Antônio Diogo; sentados: Elisa Campos Ferreira, Petronília Rego Amorim (Petinha Rêgo), Amália Reis, Maria Anunciação Queiroz (1908-1945. Irmã de Possidônio), Luiz Burane e Benedito Amônico de Freitas (Burane).

final do dia, faz registro das despesas de saída de dinheiro e custos com gastos diversos (algumas vezes estes gastos são discriminados, outras apenas identificados como “diversos”).

Na grande maioria das anotações, Possidônio é minucioso, registrando nomes de pessoas como clientes compradores (vendas de mercadorias, guarda de dinheiro, dinheiro para crédito); discriminando despesas *gerais* (gastos do dia a dia – às vezes com algumas descrições) e, por fim, estabelecendo as diferenças entre saldos de mercadorias e o caixa.

Aos poucos, percebemos a riqueza do documento. Acredito que o livro contábil permite fazer um mapeamento de clientes, relações comerciais (no geral), consumo de produtos em geral pela população, tipos e *hábitus* de despesas, relações pessoais financeiras, a título de credor e devedor, e até mapeamento de movimentações mais íntimas que necessitavam de compra e pagamento em dinheiro para alguém, como prestação de serviços, compra de selos, pagamento de registro jurídico (quitação com a coletoria federal, estadual ou do município, procurações), entre outras revelações do cotidiano.

Este é um documento que pode passar despercebido pelo historiador, mas que revela subjetividades, gostos, gestos e nuances da vida dos indivíduos. A respeito do acervo do intelectual Oliveira Vianna, analisado por Giselle Martins Venâncio, Roger Chartier afirma que “a biblioteca também é máscara, na medida em que constrói uma representação de seu dono, para ele mesmo, para os outros e para a posteridade”<sup>143</sup>.

São elementos integrantes de uma proposta íntima de construção de si, portanto, seu acervo é um aglomerado de notas autobiográficas constituídas ao longo de toda a vida de arquivador de si, pois “Ele guarda a leitura e a escrita de si próprio, ao mesmo tempo as múltiplas leituras e escritas de todos aqueles que passaram por seu processo de elaboração e organização”<sup>144</sup>.

Voltando ao documento em questão, observamos a possibilidade de listar os clientes e pessoas que possuíam relações financeiras com Possidônio – como dito, compra de mercadorias a dinheiro para crédito. Eram clientes seus – dadas as dimensões da densidade populacional sendo possível listar: Abdemago Avellino, Ernesto, Ignácio Bruno da Silva, Raimundo Lopes, Luiz Pereira Ferraz, Aldemar Carmo, José Francisco de Carvalho, Miguel Gomes, Domingos da “Onça”, Antônio Braz Dantas, João Cassiano, João Rabello, João Cavalcante, Pedro Vieira da Silva, Arlindo Carneiro, Naziazeno Gonzaga, Achilles Mauriz, Joana Coriolana, José Borges de Oliveira, Lourenço Barbosa, André Hollanda, Mariquinha

---

<sup>143</sup> CHATIER, Roger. Prefácio. IN: VENANCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.13.

<sup>144</sup> Ibidem, p.16.

Cunha, Hipólito Reis, José Rêgo e Carvalho, Ladislão Teixeira, Lucília Rodrigues Baptista, Maria Camapú, Alexandrina Maria da Conceição, Ditinho Ferraz, Joel Campos, Assuéro Rêgo, Luiz Duarte, Raimundo Siqueira e Pedro BIRRADA, só para citar alguns. Um tanto desses nomes repetem-se como compradores de mercadorias, outros como fornecedores ou como empregados de algum serviço particular.

Raimundo Lopes é um exemplo do que foi dito por último. Era cliente da Casa Queiroz, por vezes comprando ½ kg de café, barra de sabão, bola de anil; outras vezes entrava para o rol de despesas pagas por serviços prestados, como 6\$000 (seis mil réis) “pago por um par de alpercatas [...]”<sup>145</sup>. Ele também fazia conserto de calçados.

Há também registros de outra pessoa, Ernesto. Seu nome sempre acompanhava entre parênteses a indicação “emp.”, que significava que era empregado e era sempre pago com valores que variavam entre 1\$000 a 15\$000 réis. Há também registros em seu nome comprando duas carteiras de cigarro Yolanda, uma carteira de cigarro Flirt, e uma caixa de fósforo.

Joanna Coriolana entregava sempre quantias em torno de 20\$000 (vinte mil réis) sob a seguinte anotação de Possidônio: “dinh.º me deu para guardar”, assim também como Benedito Pereira entrega 50\$000 (cinquenta mil réis) e depois 25\$000 (vinte e cinco mil réis), no mesmo dia, através de Luiz, para guardar. Não havia agência bancária na cidade. Uma tentativa de instalar uma agência do Banco do Brasil na década de 40 não deu certo. O Banco do Estado do Piauí chegou à cidade em 16 de novembro de 1968, no Governo Estadual de Helvídio Nunes Barros.

João Cassiano, que na época era tesoureiro da União Artística, entregou nas mãos de Possidônio 935\$000 (novecentos e trinta e cinco mil réis), “para guardar pertencente à União Artística Operária Oeirense”<sup>146</sup>. Esse valor era remetido para a vizinha cidade de Floriano, que já possuía Banco do Brasil e lá depositado na caderneta de “Depósitos Populares”, desta agência. Embora João Cassiano fosse o tesoureiro da instituição, Possidônio era o guardião dessas e de outras remessas. Além dos serviços de “poupança”, serviço de extrema confiança realizado por Possidônio Queiroz, o mesmo recebia pagamentos para iniciar processos na justiça, como procurador. Esse tipo de prática foi regulamentada pela Lei Nº 161, de 31 de dezembro de 1935, que trata sobre as expedições de cartas de provisionados e solicitadores, e o exercício dessas profissões.

---

<sup>145</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Livro Conta corrente**. Oeiras, 27 de julho de 1940, p. 83.

<sup>146</sup> *Ibidem*. Oeiras, 23 de agosto de 1940, p.91.



O livro contábil de Queiroz registra informações ímpares. Antes de 1939 ele já praticava a profissão de solicitador. Até 08 de dezembro, o documento registra alguns pagamentos feitos por civis que solicitavam alguma representação que fosse feita na justiça por Possidônio, como: petições de licença; “pagamento de despesas do arrolamento do falecido marido Altino Baptista de Sousa”<sup>147</sup> feita por Lucília Rodrigues Baptista; requerimento de inventário de bens solicitado por Maria Camapú, de sua mãe falecida; mais à frente vê-se o repasse do valor para proceder com petições frente aos tabeliões Benedito Amônico de Freitas<sup>148</sup> ou Galeno Ribeiro Gonçalves.

Em 09 de dezembro de 1939 verificam-se os “gastos feitos [para] preparo [dos] papéis [para] concurso [de] Solicitador”. Essa talvez seja a movimentação para a renovação da atividade, assim como estava previsto na lei, que afirma, de acordo com o art. 1º, que “provisionados, ou solicitadores, [já] inscritos na Ordem dos Advogados, antes da vigência desta lei, poderão ser reformadas até três meses depois de findo o prazo respectivo”<sup>149</sup>. No dia 18 de dezembro, ele volta a registrar mais gasto com “1 código do processo civil [...] dinheiro para selos [de] requerimento folha corrida, certidão de folha corrida, atestado médico, atestado da polícia, selo atestado [de] idoneidade, petição requerendo exame, documentos, reconhecimento de firmas, [pagamento] a Galeano [Ribeiro Gonçalves] (tabelião do 1º cartório de registro de imóveis)”. Em 13 de janeiro do ano seguinte, entram nas despesas gerais gastos com selos para registro de Carta de Solicitador e tarifa pago a Galeno Ribeiro Gonçalves, pelo registro em cartório.

Outras descrições tratam sobre algumas particularidades ou possibilidades dos músicos manterem seus instrumentos na cidade. São elementos da esfera do cotidiano que o material em questão, mesmo sendo elaborado com fins de realizar anotações contábeis restritas à Casa Queiroz, de Possidônio Queiroz, situada numa sala do Mercado Público Municipal de Oeiras, oferece, de forma que se constitui como *focus* de análise também para a história da cidade. São traços que pontuam trajetórias individuais e montam o coletivo. É nesse

<sup>147</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Livro Conta corrente**. Oeiras, 08 de novembro de 1939, p.16.

<sup>148</sup> Mais conhecido como Burane, nasceu em Oeiras, em 04 de maio de 1886. Nos anos 30 foi Tabelião no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis e participou da orquestra Renascença, organizada por Possidônio. Foi músico (violoncelista), pintor e escultor.

<sup>149</sup> De acordo com Art. 3º, da Lei Nº 161, de dezembro de 1935, para obter carta de Solicitador o candidato terá que comprovar: “a) nacionalidade brasileira, de origem ou adquirida, tendo, neste último caso, prestado serviço militar no Brasil; b) alistamento como eleitor; c) atestado de idoneidade moral firmado por três advogados; d) habilitação em exame, perante a comissão composta de juizes, membros do Ministério Público e advogados, e na forma regulada pela Corte de Apelação respectiva – sobre as seguintes matérias: composição em idioma pátrio (envolvendo demonstração de conhecimentos de geografia e história, especialmente do Brasil); organização constitucional do Brasil; organização judiciária federal e local; processo civil e criminal”. BRASIL. Lei Nº 161, de 31 de dezembro de 1935.

momento que a trajetória de Possidônio confunde-se com a história de Oeiras, por possibilitar o imbricamento de aspectos da vida em Oeiras no século XX.

Agnes Heller acredita que “embora a individualidade [do ser humano] seja a totalidade de suas relações sociais – não pode jamais conter a infinidade extensiva das relações sociais. Nem tampouco essa substância identifica-se com o que Marx chamou de ‘essência humana’<sup>150</sup>. É imprescindível anotarmos, ou tentar observar, a subjetividade, a fim de perceber a heterogênea estrutura social, para não cairmos na armadilha da generalização ou nos efeitos de verdade refletidos pelas fontes.

O documento mostra uma interessante diversidade de produtos que chegam à pequena cidade. A ilusão da memória de cidade decadente contrasta com algumas nuances do cotidiano. Considerando as devidas proporções, a variedade de produtos fazia um bom abastecimento, levando-se em conta a relativa simplicidade do comércio mantido por Possidônio, numa das salas do Mercado Público, em frente à sua residência, ao valor mensal de 20\$000 (vinte mil réis). São registradas as vendas de produtos como: sabão em barra, anil, sal, cigarros (marca Yollanda e Flirt), papel de cigarros, fumos (no metro), envelopes, café, fósforos, aguardente, vinho, rapadura, açúcar, corda, querosene, arroz pilado, farinha, pimenta, pólvora, espoletas, azeite, tapioca, cahéus, garrafas vazias, vassoura e livros.

Também havia venda de bebidas alcoólicas. A saída era intensa de aguardente, conhaques e vinhos. É constante o registro dos pedidos de compra para abastecer o estoque e dar conta de suprir a constante saída de “grogues” consumidos por quase todos os clientes do sexo masculino. Era comum o indivíduo, ao invés de mandar a esposa fazer a compra de mantimentos, ir ele mesmo comprar, para aproveitar o espaço que servia também para a sociabilidade dos que ali atravessavam, pelo largo do mercado. Pedia-se o sabão, a farinha, meia quarta de pimenta e se tomava os grogues que irrigavam a prosa. De outra forma, a mulher era quem ia.

Em meio a toda essa diversidade de produtos, geralmente da ordem de gêneros alimentícios, existia a prateleira de livros. Lá era possível encontrar uma certa quantidade de Almanques – do Pensamento, Bertrand, Mensageiro da Fé, Seleções do Reader’s Digest –, materiais didáticos, metodologia científica, metodologia pedagógica (obras que poderiam dar suporte e direcionamento às instituições educacionais privadas, públicas e gratuitas da cidade).

---

<sup>150</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4ª Edição. Editora Paz e Terra. São Paulo-SP, 1992, p.12.

Algumas dessas obras eram: *Para ensinar melhor*, Irmão Léon Marista, publicado pela Livraria Francisco Alves, em 1949; *Da colocação dos pronomes pessoais*, José Rizzo – professor de português do Ginásio Oswaldo Cruz, publicado pela Companhia Editora Nacional, em 1939; *Nova organização do Ensino Secundário: Decreto-Lei Nº 4.244 e Decreto-Lei Nº 4.245* (acompanhado de um quadro sinóptico com anotações e esclarecimentos, elaborados pelo inspetor federal do Ensino Secundário, na capital de São Paulo), Dr. Cícero Augusto Vieira, publicado pela Empresa Editora Brasileira, em 1942.



**Figura 6:** Almanaque do Pensamento, 1955. Capa e contracapa (propaganda da Casa Queiroz de Possidônio Queiroz).

**Fonte:** Acervo privado pessoal de Possidônio Queiroz.

O título de Solicitador que possuía e, que foi renovado em 1940, estendia-se não somente aos serviços jurídicos. Como o nível de analfabetismo<sup>151</sup> era muito grande, trazendo a incapacidade de ler, mas também de entender certos procedimentos burocráticos do cotidiano da cidade, percebi que Possidônio realizava repasses de pagamentos pessoais de forma direta (repasso e registro) na mesma cidade, por porte aéreo, ou a instituições diversas.

Josino Rocha tinha 46\$500 (quarenta e seis mil e quinhentos réis) de “troco” na Casa Queiroz. Esse valor foi suficiente para solicitar a Possidônio que resolvesse o registro de uma certidão de batismo, que para oficializar teria que reconhecer firma do pároco da cidade,

<sup>151</sup> De acordo com o Recenseamento Geral de 1940, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população total do município era de 38.400 habitantes. Destes, se dividiam entre homens e mulheres, respectivamente, 18.888 e 19.512 pessoas. Da população total, apenas 5.552 diziam saber ler e escrever, enquanto que sobrava a enorme quantia de 25.982 dos que não sabiam, sendo 12.031 homens e 13.951 mulheres. Esses números representam a força patriarcal privilegiando os homens ao direito de acesso à educação.

Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, com custo de 21\$200. O destino da certidão era a vizinha cidade de Picos, no estado do Piauí, mas tinha que ser enviada em caráter de urgência. Portanto, Queiroz faz o pagamento de 21\$700 de porte aéreo, aproveitando a recém-criada linha aérea Condor que vinha de Teresina e fazia escala em Oeiras, antes de partir para a cidade destinatária do documento<sup>152</sup>.

O livro, que pode ser entendido aparentemente como lugar de registros restritos às atividades financeiras, contábeis e estritamente quantitativas, revelou a heterogeneidade das atividades profissionais de um homem por trás de um balcão de comércio varejista, acomodado numa sala de mercado público.

Ali se encontrava Possidônio, conhecido por ser um bom prosador, que carregava já desde os anos 30 a identidade de um jovem de grande inteligência e sensibilidade erudita, num lugar onde qualquer transeunte poderia adquirir um produto de sua necessidade (açúcar, sal, farinha, rapadura, fumo etc.), tomar uns grogues, comprar um livro, um almanaque, encomendar assinatura de uma revista, compartilhar as últimas “notícias” políticas, como, também, fazer uma consulta, tirar uma dúvida sobre o direito, sobre herança, solicitar a escrita de uma carta e sua postagem, contratá-lo como procurador particular - na função de Solicitador e posteriormente advogado provisionado (1952).

Antônio Reinaldo Soares Filho lembra da Casa Queiroz e como era servida de livros para a cidade e o zelo que o proprietário da loja tinha com estes:

Naquele tempo, Possidônio Queiróz também manteve uma casa comercial pelo lado oeste do Mercado Público. Ali se estabelecia a primeira livraria da velha cidadela. Cadernos, canetas-tinteiro de marca Compactor, coleções de lápis de cor – tão raras naquela época – demais materiais escolares era a ocupação de Zé Barbosa, seu fiel comerciário. Os livros adotados, tais como os de matemática de Carlos Galante ou Ari Quintella, português da editora FTD e outros, cujos nomes a memória com o tempo já apagou, eram expostos em vitrines com portas de vidros – tal como as farmácias de ontem – tamanho era o respeito a eles dedicado. Como comerciante foi muito logrado, vendendo livros em confiança e, por educação, deixava de cobrar os maus pagadores. Talvez tenha sido essa a razão de sua desistência como livreiro<sup>153</sup>.

Ele poderia, também, proporcionar uma solução paliativa para um problema financeiro, podendo emprestar dinheiro a juros, que variavam a partir de 2%, dependendo do valor, e talvez (pelo que demonstra a variação por pessoa) da procedência do solicitante.

---

<sup>152</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Livro Contracorrente. Oeiras, 14 de dezembro de 1940, p. 112.

<sup>153</sup> SOARES FILHO, Antônio Reinaldo. Jornal O Dia. Teresina, 26 fev. 1996.

Mas o documento mostra, também, outros Possidônios. Como aquele que ainda conseguiu administrar as glebas (propriedades que geravam, sempre no segundo semestre de cada ano, segura e boa receita com arrendamentos, extração e venda do pó ou cera de carnaúba).

Entendemos que uma gênese da família Queiroz, posteriormente Ribeiro de Queiroz, resultado do casamento entre Possidônio Nunes de Queiroz e Otacília Ribeiro, foi desenvolvida pelo comércio. São, desde o início do século, produtores e comerciantes, quando seu Pai, Raimundo Nunes de Queiroz aos poucos se tornou grande produtor rural, principalmente, de cera de carnaúba. Produziam e tinham que vender. A Casa Queiroz, que se tem notícia e que era de propriedade de Possidônio Queiroz, tem registro desde a década de 1930 e se estende até os anos 70. Por volta de 1960 já é possível haver o registro do CGC (CNPJ) da empresa (comércio varejista) na receita federal e suas prestações de conta como imposto e declarações. Ao longo dos anos, devotado que era aos livros e inspirado nos princípios de que a educação seria o melhor caminho para a construção de um mundo melhor, prezando pela arte, na música, na dança, entre outras, Possidônio vai elaborando uma forma diferente de agir, uma espécie de novo *hábitus* familiar que altera essa configuração “comerciária”.

Durante toda a sua existência como pai, gestor familiar do provimento de recursos para o lar, referência para membros consanguíneos e adotados, incentivou a constituição da vida através da instrução como elemento básico para a independência do indivíduo. Proporcionou os primeiros anos escolares dos filhos, em Oeiras e, posteriormente, financiou a continuidade da educação fora da cidade, enviando um para Salvador, outros para Teresina, e a filha para os colégios confessionais, regime de internato, em Parnaíba, Fortaleza e Teresina.

Da década de 1940 em diante, manifestou relevantes demonstrações da sua capacidade intelectual e erudição. Desde os anos trinta foi se envolvendo e se integrando às instituições<sup>154</sup>, escreveu discursos para líderes políticos “que não sabiam ler e tropeçavam nas palavras”, orientou “alunos, professores, juízes, advogados, diplomatas”<sup>155</sup>. Desde o final dos anos trinta, compôs valsas, fazendo homenagens à chegada do terceiro bispo e suas bodas de prata (D. Edilberto Dinkelborg); à amiga de diálogos sobre educação, música e cultura, Prof.<sup>a</sup>

---

<sup>154</sup> União Artística Operária Oeirense, Associação Comercial Industrial de Oeiras, Rotary Club.

<sup>155</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Oeiras por meio das cartas de Possidônio**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 10, Ano X, nº 1, 2013, p. 5.

Eva Feitosa; para inauguração do Cine-Teatro-Oeiras; celebrando a lua e as melancolias das noites de agosto<sup>156</sup>.

Com a criação da União Artística Operária Oeirense<sup>157</sup>, uma escola destinada a seus sócios foi aberta logo em maio de 1939. A escola ministrava o ensino primário e era destinada à educação dos trabalhadores mutuários. A Escola Domingos Afonso Mafrense funcionava no período noturno no intuito de fornecer instrução aos sócios “carecedores disso ou a pessoas de sua família, conforme art. 38”<sup>158</sup>. Possuía corpo docente formado por um professor e um adjunto que, juntos, consumiram 2:043\$500 réis. Ao professor despendeu custos de 700\$000 e ao adjunto, 850\$000. Os professores eram Possidônio Nunes de Queiroz e Hipólito Constâncio da Silva Reis.

Em 1940, seu presidente, Raimundo da Costa Machado, lamentava a pequena frequência dos sócios na escola, pois que, das cinquenta vagas destinadas, “número superior a esse de companheiros bem precisaria das luzes da instrução que ali cotidianamente se ministram com delicadeza, eficiência e zelo”<sup>159</sup>. O presidente prossegue fazendo convite de convencimento aos sócios, informando da importância da instrução e que não se deve ter “acanhamento de fazê-lo, que toda idade se presta para isso, e vergonhoso é ser ignorante”<sup>160</sup>, visto que a escola Domingos Afonso Mafrense foi criada para adultos que “perderam” a idade escolar adequada.

---

<sup>156</sup> Na carta enviada ao Maestro Emmanuel Coelho Maciel, descreve como recebeu a inspiração para compor *Horas de Melancolia* (1939): “O imortal Olavo Bilac, um dos criadores da Academia Brasileira de Letras, disse que todo homem que aprendeu a pensar é algo triste. Eu não aprendi a pensar, porém me vejo muitas vezes mergulhado num mar de profunda psicalgia. *Horas de Melancolia* nasceu-me num desses momentos. O ano é o de 1939. O mês, o de agosto em que os luarens plenilúnicos são mais opalinos. Sempre ouvi dizer que a loura Desdêmona da amplidão celeste, tinha uma luz mais comovente e inspiradora no oitavo mês do ano. Olhando para a querida feiticeira Circe, e soprando o instrumento que me encantou na mocidade, tinha fugas do espírito que iam até ela. E não podendo alcançá-la caía em prostração nostálgica. Aí, meu caríssimo e bondoso maestro, algumas palavras sobre *Horas de Melancolia*”. Este depoimento foi enviado em carta de agradecimento após a conclusão da monografia escrita pelo maestro Emmanuel sobre as valsas de Possidônio. Portanto, tal descrição não foi publicada. QUEIROZ, Possidônio. **Carta encaminhada a Emmanuel Coelho Maciel**. Oeiras (PI), 10 nov. 1994.

<sup>157</sup> Entidade mutuaría que foi bastante difundida, no Brasil, desde fins do século XIX até meados do XX, organizando e representando o trabalhador em benefício da classe operária. De acordo com Marcelo Mac Cord, “As sociedades mutualistas em foco foram constituídas ou reorganizadas a partir de 1860, quando foram aprovadas pelo poder central a Lei n. 1.083 e o Decreto n. 2.711”. Cf. COORD, Marcelo Mac. *A União Artística: construção e legitimidade de classe*, Recife, década de 1870. Revista Perseu, Nº 04, Ano 03. Fundação Perseu Abramo, 2009. Em Oeiras a instituição foi criada em dezembro de 1938, agregando inicialmente 81 trabalhadores. Cf. REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras** – Piauí. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006, p. 175.

<sup>158</sup> Relatório da Diretoria da União Artística Operária Oeirense para ser apresentado à Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940.

<sup>159</sup> Relatório da Diretoria da União Artística Operária Oeirense para ser apresentado à Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940.

<sup>160</sup> Ibid. id.

De acordo com a memória de Antônio Reinaldo Soares Filho, Possidônio foi professor por dois anos no Ginásio Municipal, entre 1961 e 1962. Dedicava-se ao ensino da língua portuguesa. Nas suas descrições afirma que o professor não fazia distinções entre alunos pertencentes a classes privilegiadas ou não. Tentando descrever sobre suas divagações didáticas, o cronista informa que, às vezes, passeava pela filosofia, astronomia, botânica, música e até matemática.

Suas lembranças, registradas na crônica publicada no jornal da capital, depois da morte do antigo mestre, descreve alguns exemplos que chamavam atenção para a importância da dedicação aos estudos:

[...] falava de Helen Adames Keller surda, muda e cega, que não se deixou abater pelas suas deficiências físicas. Repetia para seus aprendizes, ser ela símbolo da tenacidade em vencer todas aquelas dificuldades, tornando-se uma escritora consagrada, dominando inclusive uma dezena de idiomas. Falava de belos exemplos de vidas a serem seguidas pelos jovens<sup>161</sup>.

O reconhecimento do homem de letras, que possui bela escrita nos textos, originou oportunidade de convites que o levaram a ser considerado o orador mais eloquente e solicitado. Os convites o transformaram no orador das instituições e palestras sobre os mais diversos temas.

Como em Oeiras os jornais sempre tiveram vida curta (raras exceções no século XIX, quando começaram a circular em meados do século), algumas colaborações poderiam ser enviadas para jornais de cidades vizinhas ou da capital, mas também para revistas ou almanaques.

Um dos destaques de intensa repercussão, que chamou muita atenção para si, além das palestras e discursos que proferia na cidade nas décadas de 1930 e 1940, foi a campanha que promoveu em defesa do nome de Oeiras, em 1943. Uma narrativa sobre esse evento foi construída por Possidônio ao longo de quinze artigos publicados na coluna *História de Oeiras*, que publicava, mensalmente, trechos da história da cidade, no jornal *O Comenta*. Uma análise sobre esta representação será desenvolvida no próximo capítulo.

---

<sup>161</sup> SOARES FILHO, Antônio Reinaldo. Jornal **O Dia**. Teresina, 26 fev. 1996.

## Capítulo II – Imagens e representações de Oeiras

Problematizar a cidade que foi chamada de a Velhacap<sup>162</sup> do Piauí é item necessário neste capítulo, pois os homens inventam e reinventam a todo instante a relação cidadão/cidade e, em torno desta, elaboram posturas e formas de ver e pensar o mundo. Essa análise nos serve de lente para compreensão do cenário em que se constitui Possidônio em suas diversas representações sociais, bem como para entender como algumas noções de cidade foram pensadas para Oeiras através da literatura e seu acervo privado.

Nosso propósito é entender, como sugerido por Sandra Jatahy Pesavento, os vieses indicadores de representações construídas pelas relações do urbano, contribuindo para uma análise da relação entre história e cidade, já que há décadas esta última vem sendo “transformada em objeto de estudo e de reflexão [...] representada sempre de diferentes formas”<sup>163</sup>, mas também sendo as linhas e escritas da própria história<sup>164</sup>.

Pesavento reflete como o ofício do historiador porta-se diante das mais diversas interlocuções dos lugares sociais, colocando como sua tarefa atingir a inteligibilidade, nesse sentido, “usando o conceito como um instrumento para interrogar o mundo, garantindo a sua inserção como categoria central de uma nova *episteme* para a história”<sup>165</sup>.

A Cidade, portanto, passa a existir, também, enquanto memória através das lembranças dos cidadãos, nas suas mais diversas representações. Lembranças são ativadas por traços e referências do espaço que já não mais existem, mas que se mantêm vivas ou são resignificadas. Os indivíduos, agentes do estado, representantes públicos, intelectuais, sentem e representam "As cidades Invisíveis", como na obra de Ítalo Calvino<sup>166</sup> - cidades que o

<sup>162</sup> Outras antigas (ex-) capitais de estados da federação também foram chamadas de Velhacap. A própria capital federal foi objeto de atenção do ponto de vista da perda do status de capital por literatos e homens das letras. É o caso, por exemplo, da relação entre Raquel de Queiroz, cearense, mas que construiu parte da sua vida e obra no Rio de Janeiro, quando ainda era sede do governo brasileiro. Cf. GUERELLUS, Natália de Santana. Novacap e Velhacap: Raquel de Queiroz e a mudança da capital federal nos anos 1950. IN: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia; SANTOS, Ricardo Augusto. **Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

<sup>163</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides. As múltiplas portas da cidade no centenário de Teresina. IN: NASCIMENTO, Francisco Alcides (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras** – Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010. p.181

<sup>164</sup> Aqui pensamos a cidade como um *lugar de memória*, inspirado no conceito de Pierre Nora, por ser esta carregada de símbolos e representações. Os “monumentos urbanos constituem lugares de memória”, e a partir daí deve-se pensar para além do patrimônio material, mas também as estratégias, convivências, toponímia, idealizações e desejos. NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista *Projeto História*, São Paulo, vol. 10, novembro 1998 – p.07 – 28. SANTOS, Antonio Carlos Marques. **Entre a destruição e a preservação: notas para o debate**. In: SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (org). **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

<sup>165</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 280

<sup>166</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



personagem Marco Polo não conhecia, mas que através de símbolos, despertavam a impressão de lhe serem familiares<sup>167</sup>.

Partir desta premissa de cidade invisível, imaginada, é pensar no sentido de que a cidade pode ser desejada. O devir, os sonhos com o futuro, ou o medo da “miséria de origem social”<sup>168</sup> estão naqueles que a transitam: daí a ideia de cidades sobrepostas, pois “uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo.”<sup>169</sup>

## 2.1 – A decadência: debate sobre uma história muito bem contada

Oeiras foi a primeira capital do Piauí . Assim seguiu nos tempos da colonização, quando capitania e depois como província. Perdeu o status de capital, em 1852, para Teresina, cidade situada ao norte do estado, distantes uma da outra em aproximadamente 300 km.

“Foram tempos de glória!” Essa expressão foi comumente utilizada por literatos do século XX e está ligada à importância que Oeiras teve nos eventos que marcaram o início do povoamento do território que viria a ser capitania de São José do Piauí, pelos portugueses, ainda no século XVII. Logo depois, a escolha, por parte da corte portuguesa, para ser sede da administração da capitania e da futura província e, por fim, para sermos sucintos, sua participação no processo de adesão do Piauí à Independência do Brasil. Esse último evento foi foco de narrativas fortemente trabalhadas pelos homens de letras da cidade e do estado, principalmente no final dos anos 1970 e durante a década de 1980<sup>170</sup>.

Após a transferência da capital, a cidade entra em processo de estagnação econômica, pois os recursos ligados à administração da província foram transferidos para a nova capital, bem como estruturas ligadas aos setores da educação e saúde. Daí começa a carregar, ao longo dos anos, as reproduzidas e compartilhadas preocupações que implicam na noção de abandono e decadência<sup>171</sup>.

<sup>167</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cidade e memória**: “cidades invisíveis”. Revista Outros Tempos, v. 03, n. 3, 2006. p. 197-209.

<sup>168</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.14.

<sup>169</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi – São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.33.

<sup>170</sup> Trata-se aqui da historiografia produzida principalmente pelo Instituto Histórico de Oeiras, publicada nas suas Revistas. Neste sentido, Possidônio publicou na Revista do Instituto Histórico de Oeiras, desde o primeiro número(1979) até a número 13(1993).

<sup>171</sup> A ideia de decadência aqui será tratada de acordo com a categoria discutida por Jacques Le Goff em LE GOFF, Jacques. **Decadência**. In: **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. [et. al]. – 5ªed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

O. G. Rêgo de Carvalho<sup>172</sup>, escritor romancista, nascido em Oeiras, quando explica que é necessário conhecer um pouco de sua terra natal para entender mais sobre sua obra, afirma que esta é uma cidade que fica no centro de uma cadeia morros. Além disso, e por ser a cidade mais antiga do estado, “é uma cidade colonial, que guarda muitos vestígios da colonização portuguesa”<sup>173</sup>. Daí a justificativa pela qual explica o uso de termos essencialmente portugueses, mas que ainda faziam parte do *linguajar* dos oeirenses (rapariga, cousa, quinta, redemunho).

Para além do vocabulário, sua ficção é também marcada pela cidade com a qual, apesar de ter se transferido dela ainda adolescente, para Teresina, continuou mantendo laços que o ligavam aos *lugares de memória* instalados em Oeiras, sendo eles: “as tradições seculares, tradições religiosas, tradições no linguajar, tradições também da sociologia da cidade, na aparência da cidade”.

Essa aparência, como escreve O.G. Rêgo, possui marcas da decadência da civilização, estágio experimentado sempre após haver o apogeu. Tal fenômeno é para este escritor o motivo maior do surgimento dos romancistas, pois, de acordo com ele, os “romancistas são os historiadores da decadência”. Neste sentido, José Maria Vieira de Andrade afirma que, assim como Baudelaire, o escritor oeirense se apoia “na premissa de que, de certa maneira, o romance constitui a forma mais legítima tanto de um escritor refletir quanto de reagir a essa condição”<sup>174</sup>.

Em sua segunda obra, *Somos todos inocentes*, O. G. Rêgo aprofunda a análise que faz dessa condição em que a cidade se encontrava nas primeiras décadas do século. Essa análise é também um reflexo do que sentia, quando ainda menino, a partir do que recebia das histórias ensinadas sobre a decadência da cidade, que ocorreu após o período de apogeu, nos tempos em que era capital<sup>175</sup>.

Eu sempre fui cismado, desde menino, lá em Oeiras, de que a minha cidade natal era decadente. Eu lia os livros de história que escreviam, adotados em classe, e lá falavam que Oeiras era uma cidade decadente. Era assim que a cousa era tratada. Eu quis refletir a decadência de Oeiras, a decadência refletida nas famílias que se arruinavam<sup>176</sup>.

<sup>172</sup> Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho (1930 – 2013). Nasceu em Oeiras, depois foi residir na capital, ainda na juventude. Escreveu três romances: *Ulisses entre o amor e morte* (1953), *Somos todos inocentes* (1967) e *Rio Subterrâneo* (1971).

<sup>173</sup> CARVALHO, O. G. Rêgo. **Como e porque me fiz escritor**. 2ª Ed. – Teresina: Quimera Editora, 2014, p. 17.

<sup>174</sup> ANDRADE, José Maria Vieira. **Entre Narrativas e Fragmentos: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rego de Carvalho**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina: 2009, p.77

<sup>175</sup> CARVALHO, O. G. Rêgo. **Somos todos inocentes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

<sup>176</sup> CARVALHO, O. G. Rêgo. **Como e porque me fiz escritor**. 2ª Ed. – Teresina: Quimera Editora, 2014, p.27.

Notamos que essa é a fala de um receptor do discurso ressentido que, em algum momento, foi elaborado para marcar a cidade entre os estágios de apogeu, decadência e renovação. O. G. Rêgo reflete essa sociedade decadente, na obra citada, que passa no contexto da Oeiras de 1929. Esse é o ano que antecede a Revolução de 1930 e o início da Era Vargas. Devemos levar em conta, também, que as primeiras manifestações do escritor no universo das letras deram-se aos 10 anos de idade, no jornal de propriedade do seu avô, o prefeito municipal Orlando Ribeiro de Carvalho.

Mesmo parecendo contraditória a ideia de decadência, de acordo com Jacques Le Goff, na sua origem, desde o iluminismo, não está ligada a ideia de progresso, pois decadência “situou-se sempre numa leitura vertical da História, de cima pra baixo, enquanto ‘progresso’ se situa numa leitura horizontal, orientada para frente”<sup>177</sup>. Dessa forma, encontra lugar na noção de “ruína e morte dos conjuntos e processos históricos, quer nas teorias que dão um lugar essencial à *involução*”<sup>178</sup>, quer no pensamento sobre o progresso dialético da história.

Decadência também pode ser categorizada de diversas formas. Assim, Peter Burke analisa as decadências: *cósmica*, *moral*, o declínio *religioso* e a decadência *política*. Ao pensar o uso da expressão declarada pelos oeirenses, devemos seguir a orientação de que os motivos para tal uso são de ordem política, não no sentido dos desaparecimentos dos impérios como cita Le Goff, mas do ponto de vista do desaparecimento do pertencimento da cidade ao *status* de capital.

Para pensar esse discurso de decadência, podemos recuar um pouco no recorte temporal. Em 1872, de acordo com o *Recenseamento Geral do Brazil*, a população da cidade era de 10.807 pessoas<sup>179</sup>. Esse dado lhe colocava na 6ª posição de cidade mais populosa do Piauí, ficando atrás, além da capital, de cidades como Amarante<sup>180</sup> e Parnaíba, no extremo sul do Piauí. Esse dado nos faz refletir sobre a afirmação de Bugyja Britto<sup>181</sup>, que, em suas

---

<sup>177</sup> Ibidem, p.375.

<sup>178</sup> Ibidem, p.376.

<sup>179</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Recenseamento Geral do Brazil em 1872**. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento do Brazil 1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento%20do%20Brazil%201872.pdf). Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

<sup>180</sup> Amarante está localizada às margens do Rio Parnaíba, numa região chamada Médio Parnaíba, e fica à 150 km da capital Teresina. Na segunda metade do século XIX, prosperava com o comércio fluvial auxiliando na distribuição de mercadorias para a região Sul do Piauí e Maranhão.

<sup>181</sup> Antônio Bugyja de Sousa Britto, nasceu em Oeiras. Aos 7 anos de idade se transferiu com a família para Teresina, em busca de *melhorias*. Participou de movimentos literários na capital piauiense e formou-se em direito no Rio de Janeiro, em 1933. Dedicou-se ao jornalismo e possui várias publicações. Além das crônicas dos

*Narrativas Autobiográficas (vol. I)*, caracteriza sua cidade natal, Oeiras, como “a cidade mais adiantada do Estado do Piauí”, no final do século XIX e início do XX.

Do ponto de vista econômico, o Piauí vive, a partir do final do século XIX, um processo de significativa transformação proporcionada pela produção e exportação da borracha de maniçoba, babaçu e a cera de carnaúba. Os negócios vão influenciar o pensamento do homem público no sentido de planejar estruturas que possibilitem escoar a produção oriunda do extrativismo. Exemplos destas estruturas são: a navegação a vapor (principalmente pelo rio Parnaíba, de meados do século XIX), a criação de linhas telegráficas que integravam as regiões norte e sul do estado à capital, Teresina (datam do final do século XIX) e as estradas de rodagem (nas primeiras décadas do século XX).

Um pouco mais adiante, já nos primeiros anos século seguinte, surgem as primeiras manifestações de estudos para implementação das estradas de ferro<sup>182</sup>. R. N. Monteiro Santana afirma que a partir de 1897, com a descoberta da borracha de maniçoba, o orçamento “avultado” proporcionado por esta exploração possibilitou, “mais tarde, o governo Arlindo Nogueira a promover o serviço d’água e iniciar o de luz elétrica em Teresina”<sup>183</sup>.

A cidade de Oeiras, ao atravessar o século XIX para o XX, apresenta alguns elementos de ressignificação que, aos poucos, vão chegando e fazendo parte do cotidiano das pessoas (as modernizações são mais restritas à elite) e, também, transformando o cenário oeirense. Na década de 1910, Oeiras figura como umas das principais cidades que comercializam a borracha de maniçoba, elemento que provoca efeito propulsor na sua receita. Nesse sentido, Zulene de Holanda Rocha analisa a cidade pós-transferência como um lugar caracterizado, pela elite política e intelectual, de “fase das trevas” e “fase das luzes”<sup>184</sup>. Essa caracterização decorre da visão sobre dois momentos: antes e depois da Revolução de 1930.

Quando se fala em “fase das trevas”, certamente estão levando em conta a cidade que justificam ter sido articuladamente produzida sob o discurso de que foi abandonada pelo *rude golpe* desvelado sobre a terra. Este discurso, produzido pela memória da população, é reforçado por homens e mulheres que pensaram a cidade durante o século XX – principalmente homens de letras. Poetas, romancistas, cronistas, historiadores, cantaram esses

---

jornais, escreveu sobre etnografia e indianismo. São obras suas: *Miridam* (1960) *Zabelê* (1962), *Itains* (1967), *O Piauí e a unidade nacional* (1976).

<sup>182</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiraniyas do Tempo. 3. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2011. 466 p.

<sup>183</sup> SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. 2ª edição; Ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, p.91.

<sup>184</sup> ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação**: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900-1945) – Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015, p.16.

versos de ressentimento – uma cidade que foi abandonada pela administração pública, após a transferência da capital.

Para Michel Pollack, os eventos constitutivos da memória individual ou coletiva são aqueles acontecimentos vividos individualmente ou os que foram *vividos por tabela*, que não necessariamente esteve-se presente, mas que está marcado na coletividade e que se sente pertencer.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato - e eu gostaria de remeter aí ao livro de Philippe Joutard sobre os *camisards* -, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação<sup>185</sup>.

Pollack estabelece que alguns personagens são elementos da memória: pessoas que mesmo não pertencendo ao mesmo espaço-tempo em que vivemos, tornaram-se conhecidas e pertencem à nossa memória como se fossem contemporâneas. São “personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que por assim dizer, se transformam quase que conhecidas”<sup>186</sup>.

Sabemos que em uma análise para a operação da história, nenhuma narrativa é considerada real. O que se verifica são as formas de se entender o real, são os discursos que se construiu sobre este. Constituições de um tempo, consciências de uma sociedade levam a formatos de pensamentos e, nesse viés de abandono, Possidônio Queiroz também escreveu, e muito, confirmando que existe um ressentimento da população, o ressentimento oeirense pela transferência da capital:

No ano de 1852 transferiu-se a sede do governo para Teresina. A velha terra sofreu duramente, o rude golpe. Desanimou-se. Viu caírem muitos dos seus monumentos antigos, prédios que nos falavam de um passado histórico, pleno de lutas, de sofrimentos e de conquistas<sup>187</sup>.

Contrapondo esse estado de morbidez que foi narrado e reproduzido, é necessário tentar enxergar a cidade através das sobras do tempo. “O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de

<sup>185</sup> POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, vol. 5, n.10. Rio de Janeiro, 1992, p. 201.

<sup>186</sup> Ibid. id.

<sup>187</sup> QUEIROZ, Possidônio. Revista do Instituto Histórico nº 03, 1981, p. 52.

memória’, ou ainda vivo na cultura e cotidiano dos lugares”<sup>188</sup>, é útil na composição de identidades para o espaço urbano. Em Oeiras, o *ethos* passa a ser atrelado à condição de ex-capital. Portanto, sua paisagem é impregnada de lugares de memória que montam um cenário propício à exaltação do tempo de glória, significando nostalgias ou pesares através dos símbolos do lugar.

Pensar que a cidade traz consigo diversos espaços urbanos que refletem *lugares de memória*, como assinala Pierre Nora, é compreender que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da **lembrança e do esquecimento**, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações<sup>189</sup>.

Nos arredores da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, ponto central da cidade e de onde partiu o crescimento urbano da mesma, ainda se vê sobrados e residências que carregam imagens da cidade que viveu os tempos em que era sede do governo da província. O antigo palácio de governo (hoje, Sobrado Major Selemérico), o Hospital de Caridade, a Cadeia Velha, o Sobrado dos Ferraz, a residência de João Nepomuceno e do Visconde da Parnaíba são lugares de memória marcados por eventos políticos que povoam o imaginário da população de Oeiras nas primeiras décadas do século XX.

O protagonismo de Possidônio Queiroz como escritor da história de sua cidade vem desde o início dos anos de 1940, como foi visto no capítulo anterior, quando do impulso levantado pela defesa do nome de Oeiras. Mesmo sem apoio do jornal que circulava na cidade, Possidônio e seus pares conseguiram divulgar e representar a importância que Oeiras possuía para que não perdesse o nome em detrimento da Oeiras do Pará.

Desde lá, uma certa produção historiográfica é elaborada e passa a fazer parte de algumas publicações, colaboração e discursos proferidos na cidade. Além do memorial enviado ao Conselho Nacional de Geografia, outra publicação sobre a história de Oeiras foi encomendada a Possidônio Queiroz pelo editor chefe do Almanaque do Cariri. Após o

---

<sup>188</sup>Sobre a ideia de “instituições de memória” atrelando ao conceito de “lugares de memória” como instrumento de organização e produção do *espaço urbano* conferir ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUSA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos escalas e desafios**. 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>189</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista *Projeto História*, São Paulo, vol. 10, novembro 1998, p.08.

movimento de defesa do nome da cidade, esse talvez seja o texto mais divulgado e que pretende tratar essencialmente sobre a história da cidade.

O ano é de 1952, data em que Teresina comemora seu centenário. A capital piauiense já passava, há alguns anos, por intervenções que visavam transformá-la num centro urbano moderno. Desta forma, alguns logradouros começam a ser reformados para servir de cartão postal da cidade. Para Francisco Alcides do Nascimento, a Frei Serafim foi a avenida escolhida pela administração municipal desde meados dos anos de 1930 para ser a representação do moderno e da beleza urbanística.

Ao assumir a Prefeitura Municipal, em 1935, Lindolfo do Rego Monteiro resolveu implementar os trabalhos de urbanização da avenida Frei Serafim. Luís Pires Chaves, seu antecessor, tinha elaborado projeto e iniciado os trabalhos de arborização daquele logradouro.

As fontes governamentais, sejam mensagens, sejam relatórios e as crônicas que retratam o cotidiano publicados na imprensa local dão conta de que o espaço urbano da capital do Piauí se transformou com maior velocidade após Revolução de 1930<sup>190</sup>.

Em seu artigo publicado no livro *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*, Alcides Nascimento analisa como os cronistas de Teresina sentiram a cidade e representaram-na através da literatura publicada em jornais e que tinham como foco as transformações que visavam às comemorações do centenário. Para ele, nesse momento, “a ideia de construção de identidades através da cidade pode ser visualizada na proposta do poder público em apoiar a escrita de obras que narrem a história da cidade”<sup>191</sup>.

No mesmo ano de 1952, Francisco de Assis Leite publicou a segunda edição do seu *Almanaque do Cariri*. Mesmo sendo natural do Crato, no Ceará, o proprietário e organizador da obra dá demonstrações de sua ligação com o Piauí, dedicando esta edição à comemoração do centenário da capital, Teresina. A publicação apresenta-se, além de comemorativa do centenário, como monografia sobre Teresina e reportagem sobre os “municípios do interior e outras matérias próprias da empresa”. Informa, ainda, na contracapa, que o almanaque é destinado a tratar sobre os aspectos históricos, estatísticos, informações, recreação e literatura.

Marlyse Meyer, organizadora *Do Almanak aos Almanques*, compilou textos que foram abordados num colóquio internacional sobre almanaques da Europa à América, discutindo nesse gênero sua circulação e as relações interculturais. Nessa obra, Jerusa Pires

<sup>190</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides. As múltiplas portas da cidade no centenário de Teresina. IN, NASCIMENTO, Francisco Alcides (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010. p. 195.

<sup>191</sup> Ibidem, p.203.

Ferreira, professora e pesquisadora do Programa de Comunicação e Semiótica da USP, afirma que

No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representam chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios<sup>192</sup>.

Dessa função tratada por Jerusa, podemos observar o papel desse almanaque para Oeiras na década de 1950. Vejamos alguns aspectos da obra e como ela chega a forjar uma história sobre Oeiras. Depois das apresentações dadas por extensa análise histórica, política, demográfica e econômica sobre a capital piauiense, uma fragmentação abre para textos que indiquem informações sobre os outros municípios do estado do Piauí.

Logo na abertura desta seção, o título *Oeiras primeira e antiga capital do estado* já tenta dar conta de que a cidade parece merecer atenção especial. Apesar da reportagem especial desta edição conter minutas sobre todos os municípios do estado do Piauí, Oeiras foi colocada logo depois dos textos que representaram a capital Teresina.

Chamando a Velhacap de vetusta, Francisco Assis Leite – organizador e proprietário da revista Almanaque do Cariri – parece identificá-la com uma cidade que merece o respeito de todos e chama atenção para a riqueza literária do texto que Possidônio Queiroz apresenta como colaboração para o Almanaque, sendo esta “considerada como uma das mais ricas produções intelectuais já, divulgadas em letras piauienses” e encerra afirmando que

Não só a beleza estilística do autor, como a sinceridade com que expressa em suas narrações, tudo atesta o real valor deste importante trabalho. Ao Prof. Possidônio, os nossos calorosos agradecimentos por tão valorosa colaboração à nossa modesta Revista o que muito ajudará também aos historiadores piauienses<sup>193</sup>.

Além da legitimação do trabalho escrito por Possidônio, o organizador indica que o texto será de relevante interesse para os historiadores podendo ser utilizado como suporte. O título do texto que Possidônio deu foi *Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis*. Na página do verso, antes de iniciar o texto, a cidade é apresentada através de dados contendo datas de criação da vila (1712), sede do governo provincial (1758),

<sup>192</sup> MEYER, Marlyse (org.). Do Almanak aos Almanques. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.20.

<sup>193</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis*. Almanaque do Cariri. Crato: 1952, p.499.



cidade (1761), mas, também, de dados geográficos, estatísticos e climáticos. Na página seguinte, monta o primeiro tópico *História*, dedicado a tratar sobre uma narrativa histórica da origem da cidade desde as primeiras incursões bandeirantes vindas da Casa de Torre, na Bahia.

O trabalho é constituído com referências que dão suporte para que ele consiga expor aquilo que diz o título, mostrando por que e como Oeiras viveu tempos de glória. Aqui e acolá serve-se de F. A Pereira da Costa<sup>194</sup>, Gustavo Barroso<sup>195</sup>, Afrânio Peixoto<sup>196</sup>, Ernesto Ennes<sup>197</sup> para construir a narrativa histórica da cidade até o século XIX.

Com a transferência do governo para a "Cidade Verde", sofreu Oeiras, um enorme colapso. Situada no interior do Estado, quase no centro, sem vias de comunicação, e mais pelo fato de se haverem mudado para a nova capital, muitas pessoas de projeção do cenário político e social, não era demais que a antiga metrópole experimentasse a decadência que atingiu a tantas outras cidades brasileiras, em situação idêntica<sup>198</sup>.

O destaque, na análise de Possidônio, sobre a causa da decadência da cidade, pós-transferência, está direcionado ao fato de que, com a mudança, as pessoas que possuíam projeção, em suma, os intelectuais, os grandes funcionários públicos, os idealizadores da cidade, acompanharam os membros do governo provincial e, portanto, não era de se admirar que "a antiga metrópole experimentasse a decadência que atingiu a tantas outras cidades brasileiras, em situação idêntica"<sup>199</sup>.

Toma uso também de Rousseau, para fazer incursões sobre as realizações que dão glória ao passado histórico da cidade. Depois de navegar pelos séculos XVII, XVIII e XIX situa Oeiras, metaforicamente, e como a irmã mais velha que corre atrás do tempo perdido, galgando um novo momento, novas conquistas: “E hoje, a despeito da assertiva de ROUSSEAU, de que tudo quanto brilhara se dirige fatalmente para o ocaso – hoje, Oeiras, renovada, caminha para novo zênite, no céu da terra piauiense, e se esforça por se tornar

<sup>194</sup> Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923) foi advogado, jornalista, historiador e político. Publicou *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*.

<sup>195</sup> Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso (1888 – 1959). Cronista, ensaísta, jornalista, historiador e romancista brasileiro. Foi um dos líderes da Ação Integralista Brasileira. Seu texto consultado por Possidônio foi *A casa de Torre de Garcia d'Ávila*, na revista *O Cruzeiro*, de 13 de agosto de 1949.

<sup>196</sup> Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947). Romancista e historiador brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Obra consultada por Possidônio: *Breviário da Bahia* (1945).

<sup>197</sup> Ernesto Ennes (1881-1957), crítico, literário e historiador. Obra consultada: *A Guerras nos Palmares – subsídios para sua história* (1938).

<sup>198</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis*. **Almanaque do Cariri**. Teresina: Imprensa Oficial do Estado, 1952, p. 509.

<sup>199</sup> Ibid. id.

grande entre as suas irmãs brasileiras”<sup>200</sup>. O uso da expressão zênite faz conexão com o que Possidônio pretende para a cidade, sonhando que ela seja a princesa dos sertões piauienses, talvez cidade de destaque no centro sul do Piauí, algo que a vizinha cidade de Picos já, talvez, apontasse nessa época.

O texto de Possidônio, ao adentrar o século XX, não registra nada que seja significativo para a cidade. Faz esquecer qualquer fato ocorrido nos primeiros trinta anos da cidade. Parte, então, para uma divisão da história utilizando marcos que considera importantes para as transformações sociais que serviriam de referência para recortes.

A categorização da história de Oeiras, observada por Possidônio, apresenta quatro recortes no tempo linear para colocar a cidade em estágios distintos, sendo eles: o tempo de *devassamento e colonização* (devassamento até elevação à categoria de capital); *elevação à categoria de capital até transferência da capital* (o que equivale ao que chamaram de tempo de glória); *época de decadência* (após a transferência até outubro de 1930) e *época de renovação*, “período que transcorre de 1930 para cá”<sup>201</sup>.

Em sequência à divisão histórica do município, começa a montar uma memória vivida por ele durante 21 anos, pois se inicia com a posse do José Martins de Sá como prefeito de Oeiras, após o movimento de 1930. Zé Sá – como era conhecido popularmente o prefeito – foi descrito como aquele que tratou de cuidar da pequena receita que o município possuía, realizando inclusive reajustes nos vencimentos tanto do prefeito quanto dos cargos de tesoureiro e secretário do município<sup>202</sup>.

A partir daí, constrói um texto carregado de otimismo e induz o leitor a pensar a transformação gradativa da cidade, sempre atrelada às figuras políticas que foram assumindo a frente do poder público municipal. No prelúdio dessa parte do texto, Considera a Revolução de 1930 o marco inicial da reviravolta da cidade, rumo ao caminho do progresso, desenvolvimento, fim da era da decadência.

Data de 1930, a fase de renovação da histórica Oeiras. A descrença em futuro melhor, que se apoderava do povo, esvanecera-se ante o idealismo dos que prepararam o advento da arrancada de Outubro daquele ano. As ideias novas operaram o milagre de arrancar-nos da alma a quase convicção de que um doloroso fatalismo nos condenara à apatia a que nos entregáramos<sup>203</sup>.

---

<sup>200</sup> Ibidem, p.09.

<sup>201</sup> Ibid. id.

<sup>202</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis*. Almanaque do Cariri. Teresina: Imprensa Oficial do Estado, 1952, p.510.

<sup>203</sup> Ibidem, p.510

De prefeito em prefeito, vai descrevendo suas interdições no espaço urbano da cidade, demonstrando a transformação generosa pela qual passava sua cidade assim como a capital piauiense. Escreve que o Cel. João Ferraz governou por pouco mais de um ano e deixou quase terminado o Mercado de Cereais, edificado na Praça do Comércio. Descreve como bom o serviço de Iluminação Pública, melhorado pelo então prefeito e, na época, deputado Augusto Rocha Neto. Este assumiu o governo municipal em março de 1936, mas foi afastado em novembro do ano seguinte por conta do golpe que instalou o Estado Novo<sup>204</sup>. Aproveitando a passagem pelo primeiro e rápido governo do Rocha Neto, aproveita para continuar a descrição do seu outro mandato que se estendeu de 28 de abril de 1948 a 31 de janeiro de 1951, dando um salto no intervalo que é preenchido pelo Cel. Orlando Barbosa de Carvalho e forma uma visão social sobre aquele político oeirense:

Cidadão honesto, benquisto, geralmente estimado pela população de sua terra, em ambas as vezes a que se candidatou a prefeito de Oeiras, aliás, em pleitos memoráveis nos anais da história política da *terra mater* do Piauí; em ambas as vezes a que se candidatou, foi eleito por uma maioria que vale por verdadeira consagração<sup>205</sup>.

A imagem do político amigo é destacada pela descrição feita por Possidônio e ainda justificada pelas implementações e contribuições feitas, pois “criou cinquenta escolas primárias e, levou a efeito, no interior do município, diversos melhoramentos de vulto. No seu governo foi construído o posto de Puericultura de Oeiras”<sup>206</sup>.

Retomando a ordem cronológica dos fatos e ascensões políticas, chega ao Cel. Orlando Carvalho, que relembra ter assumido a “direção dos destinos municipais” com o advento do Estado Novo, de fins de 1937 a novembro de 1945. Aqui ele chama atenção para o arranjo feito por Orlando Carvalho para que construísse o prédio da Associação de Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense. À época, era Orlando Carvalho prefeito e presidente da associação. Ajudou a construir com auxílio de renda do município e, também, através de prestígio que possuía com o Interventor Federal do Estado, Leônidas de Castro Melo. Dentre suas outras realizações estão: “Passeio Dr. Leônidas Melo, incontestavelmente um belo logradouro público; praça da bandeira; Cine-Teatro-Oeiras, um dos melhores do Estado, Café

---

<sup>204</sup> Sobre o Estado Novo no Piauí ver, NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937 a 1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

<sup>205</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis*. Almanaque do Cariri. Teresina: Imprensa Oficial do Estado, 1952, p.510

<sup>206</sup> *Ibidem*, p.511.

Oeiras; Posto de Higiene; otimamente aparelhado; Mercado de Carnes; Castelo d'Água, etc.”<sup>207</sup>.

Por último, versa sobre o prefeito atuante no município no ano da publicação (1952), Laurentino Pereira Neto. Com este constrói descrições das impressões pessoais assim como fez com Rocha Neto, revelando qualidades pessoais para a figura do político: “O Sr. Dr. Laurentino Pereira Neto, clínico ilustre e humanitário.” Descreve algumas de suas realizações como, por exemplo, a fundação da *Sociedade Dr. Manoel Rodrigues*, de amparo à Infância e à Maternidade. Instituição que, através do Posto de Puericultura, distribuía setecentas e cinquenta mamadas por dia, sendo quinhentas e vinte e seis crianças matriculadas.

De acordo com Joseanne Zingleara Soares Marinho, foi no Estado Novo que se deu a institucionalização da saúde pública no Brasil. Assim ganham destaque, nesta época, “os centros de saúde e os postos de higiene, que praticavam o combate à tuberculose, à lepra, às doenças venéreas e outras, além da proteção à maternidade e à infância”<sup>208</sup>. Para ela

[...] foi entre as décadas de 1930 e de 1940, especialmente durante o Estado novo, que o poder público promoveu a organização administrativa efetiva, o planejamento nacional de medidas e a efetivação de ações nacionais para o amparo materno-infantil. [...] O ideário da maternidade científica tornou-se um apelo para que as mulheres continuassem exercendo suas funções de mães, só que ressignificadas de acordo com as ideias modernas<sup>209</sup>.

Após a descrição do prefeito em exercício, elenca, na sociedade oeirense, quais instituições movimentam a cidade: Associação de Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense; União Artística Operária Oeirense; Amparo à Infância Oeirense; Rotary Club de Oeiras; Oeiras Club; Conferência de São Vicente de Paulo da Catedral de Oeiras; Associação das Senhoras de Caridade; Círculo Operário Oeirense<sup>210</sup>.

<sup>207</sup> Ibid. id.

<sup>208</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. Como deve cuidar do seu filho: a puericultura no Piauí no período de 1930 a 1945. Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, 2. 2014, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: UECE, 2014, p.2. Disponível em: <<http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

<sup>209</sup> Ibidem, p.3.

<sup>210</sup> As únicas que não tomava parte eram Amparo à Infância Oeirense, Conferência de São Vicente de Paulo da Catedral de Oeiras, Associação das Senhoras de Caridade.



**Figura 7:** Praça da Bandeira em primeiro plano. Em destaque os prédios Cine-Teatro-Oeiras (direita) e Café Oeiras (esquerda). Entre os prédios: Passeio Leônidas Melo.

**Fonte:** OEIRAS. PREFEITURA MUNICIPAL. Convite para a solenidade da inauguração de diversos melhoramentos municipais. Oeiras: 1944. Arquivo privado Possidônio Queiroz.

É pensando sempre na cidade que sonha e deseja que Possidônio projeta uma Oeiras no porvir. O sentimento de ufanismo no texto demonstra o formato de progresso que anseia. “Aqui, dentro dos muros da terra querida, trabalham pela sua grandeza, muitos filhos seus, todos se esforçando porque, seja ela, novamente, dentro em breve, princesa dos sertões piauienses”<sup>211</sup>. A afirmação de Possidônio parece guardar preocupação com as cidades vizinhas sendo que, mesmo com o avanço observado por ele na sua cidade, passos mais largos são dados por Picos <sup>212</sup>.

É deveras interessante o espetáculo de um dia de feira, aqui. A vasta Praça do Comércio fica, em grande parte, cheia de cargas e de animais. O transporte de cereais, das roças para a cidade, ainda é feito, quase que exclusivamente no lombo de jumentos, a mais movimentada do interior piauiense, exceção feita talvez, da de Picos.

<sup>211</sup> Ibidem, p.515.

<sup>212</sup> Cidade vizinha. Dista de aproximadamente 90km de Oeiras e 318km da capital Teresina.

Refletindo sobre o conceito de memória social, Jo Gondar, partindo da *Memória Coletiva*<sup>213</sup>(1950), de Maurice Halbwachs, indica, como uma de suas proposições acerca da ética e da política, que a memória, enquanto reconstrução do passado, nos induz a algum tipo de posicionamento político. Assim, lembra também que “é tecida por nossos afetos e nossas expectativas, diante do devir”<sup>214</sup>.

Ainda, para Pollack, a memória coletiva possui indicadores empíricos chamados de pontos de referência. Estes são constituintes do imbricamento e nos definem como grupo comum, bem como reforçam nossos sentimentos de pertencimento. Essa memória geralmente é construída, estruturada e hierarquizada em seus elementos<sup>215</sup>.

Dessa forma, podemos pensar o salto (ou o não-dito) dos 30 primeiros anos do século XX, por Possidônio, como uma mobilização que tentava colocar a cidade de Oeiras no palco de desenvolvimento e progresso que havia sido promovido pela Era Vargas. E, nesse sentido, a antiga cidade estava identificada como a Oeiras que deu passos adiante e que, aos poucos, deixava o marasmo e a decadência para trás.

2.2 - “Recordar a década de noventa e vinte é viver traços emocionantes do cotidiano oeirense...”<sup>216</sup>

Analisaremos novamente os anos de 1920 para ver a cidade que Possidônio guardou para si e para os outros. Aqui, voltaremos a utilizar o texto *Recordações – III*, para analisar como e por que Queiroz faz uma descrição que não reflete as marcas do discurso de decadência. O uso desta fonte traz, como previsto pelo autor do texto em análise, cenas do cotidiano e as lembranças de uma Oeiras calma e pacata.

Antônio Paulo Rezende afirma que Gilberto Freyre narra, em seu diário de adolescência, suas “travessias com muita informalidade” e supõe que isso possa fazer o leitor questionar-se sobre a realidade desta clarividência ao esboçar suas escolhas e traçar as determinações sobre o seu futuro profissional. Nesse texto, Rezende pretende *redesenhar* os “traços do tempo” em que Freyre constrói, após seu retorno à Recife depois de chegar dos

<sup>213</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1990.

<sup>214</sup> GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre a memória social. IN: GONDAR, Jô, DUDEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.15.

<sup>215</sup> POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

<sup>216</sup> Recordações – III, p. 09.

Estados Unidos e da passagem rápida que fez pela Europa<sup>217</sup>. Nos diários, assim como nas cartas (principal fonte para a construção do meu trabalho), o “público e o privado terminam por se misturar tornando claro quanto é difícil delimitar as fronteiras entre o nosso eu e os outros, como é complicado a nossa identidade”<sup>218</sup>.

Pretendemos analisar o documento intitulado *Recordações – III*, como quem estuda um diário. Um diário que possui relatos produzidos sob a demanda de um presente, atendendo a interesses e práticas, representações e tempo diversos. Mas, também, “buscamos entender as experiências construídas como significativas para esse indivíduo”<sup>219</sup> e, nesse caso, observar como Possidônio Queiroz – narrador personagem – se insere no que é lembrado, com intuito de constituição da memória de um tempo distante e das outras possíveis identidades. Mas primeiro vamos ao personagem.

Voltando à análise das “recordações” do cotidiano oeirense na década de vinte, não sabemos ao certo quais as principais e definitivas intenções de Possidônio ao escrever o texto. São imagens que constrói sobre sua experiência na década de 1920, recordando momentos que para ele são selecionados por atingirem, com relevância, as inquietações da alma, passíveis de serem revividos com as lembranças. Assim, afirma que “recordar a década de novecentos e vinte é viver traços emocionantes do cotidiano oeirense, é lembrar doces retalhos da alma da nossa gente”<sup>220</sup>.

Essas lembranças do cotidiano são retalhos da alma dos seus conterrâneos e contemporâneos. É ele quem tira da memória esses recortes do passado para “serem atravessadas por correntes de pensamento coletivo, formando uma configuração de maior complexidade, que ajuda na compreensão de fatos sociais”<sup>221</sup>, na apreensão do dia a dia de quem atravessou Oeiras no início do século. Abrem-se, então, as portas e feixes de luz que incidem sobre pequenos eventos que formam o cotidiano e que formulam a possibilidade de análises das conjunturas, tradições e transformações, mudanças e permanências, normas e desvios, trajetórias e experiências.

Não seriam essas memórias uma análise que faz de tempos tão diferentes, sua juventude e sua idade octogenária? Memória e cotidiano são elementos da humanidade que

<sup>217</sup> REZENDE, Antônio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e a experiência da volta. IN: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 77.

<sup>218</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>219</sup> BARROS, Natália Conceição Silva. **Arquivos da vida, arquivos da história**: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História – Recife: O autor, 2012, p.39.

<sup>220</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Recordações – III*. Oeiras: s/t, p.09.

<sup>221</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cidade e memória**: “cidades invisíveis”. Revista Outros Tempos. ISSN 1808-8031, volume 03, número 3, 2006, p. 204.

estão intrinsecamente ligados. Não há possibilidades de memória, nem a construção da história a partir desta, sem os tijolos empilhados pelo cotidiano, pelas relações diárias, sociabilidades, até mesmo porque “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”, como afirma Michel de Certeau<sup>222</sup>.

Outro exemplo disso é como o que retrata a falta que faziam os clubes sociais para a diversão e o lazer da sociedade. Festas só aconteciam em casas de particulares. Além disso, segue refletindo que eram nas igrejas que aconteciam as maiores demonstrações de sentimentos, onde os jovens poderiam se encontrar, lançando olhares, pois nem na mão das moças os rapazes podiam tocar.

As aproximações se davam também, nas funções religiosas, sobretudo nas novenas. BILAC, disse, certa vez, que a igreja era o quartel general do namoro. Não havendo clubes sociais, nem jardins, onde passearem, era, nas igrejas, onde os namorados se encontravam. Nessas ocasiões os rapazes rezavam mais às suas eleitas, que às santas nos altares. BILAC tinha razão<sup>223</sup>.

E, sobre os namoros nas igrejas, continua:

Os nossos rapazes nas novenas contemplavam apenas os olhos das nossas eleitas. Uma olhadela, de meio minuto para a imagem da Madona, lá no seu nicho, e resto da celebração religiosa, uma hora ou mais de muda e adorativa contemplação para os olhos poéticos, doces, encantadores da deusa a cujos pés tinha a alma acorrentada<sup>224</sup>.

A igreja católica da década de vinte, em suas práticas religiosas, representa duas distintas cidades. Aquela que adormece no seio de almas contritas envoltas de um sentimento puramente religioso, inspiradas pelos acalorados sermões do padre Roberto Lopes que “se arrebatava e arrebatava os ouvintes” e a cidade que, em sentido contrário, secretamente tingia os corações apaixonados de sentimentos heréticos, desviantes ao fixar os olhares dos jovens para as damas. Essas são as cidades de que fala Ítalo Calvino, as cidades que “como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor do seu discurso seja

---

<sup>222</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1º tomo - Artes de Fazer. 3ª edição Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1998, p.38.

<sup>223</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Recordações – III. Oeiras: s/t, p.02.

<sup>224</sup> Ibidem, p.03.



secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam outra coisa”<sup>225</sup>.



**Figura 8:** Possidônio Nunes de Queiroz, aos 22 anos.

**Fonte:** Memória Piauiense. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995, p.10.

Certeau sugere um caminho que seria o da análise das práticas cotidianas que chama de “microbianas”, “singulares” e “plurais”. Ao tempo que as práticas inquietantes desviam-se das práticas ministradas sob a égide das organizações panópticas – no caso a igreja e os grupos que elaboram a moral –, constituem-se, também, elementos elaboradores das práticas cotidianas do espaço vivido e que, ainda, são familiares à cidade. Transformar um templo religioso no espaço mais possível de olhares “românticos” é quase um truísmo, mas que se faz sempre visível, pois:

---

<sup>225</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi – São Paulo: companhia das letras, 1990, p. 44.

[...] muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem relações cotidianas e criativas sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora<sup>226</sup>.

Ao historiador sensível às coisas do tempo, o leque que se abre como possibilidades de estudo das cidades é inelidível, tendo em vista que, ao traçar um olhar sobre os elementos que compõem o cotidiano do cidadão, torna-se viável observar as construções políticas e sociabilidades, as práticas artísticas literárias e os rituais religiosos, as fugas de migração, os movimentos intelectuais, educacionais, o forjar de pensamentos ideológicos, utópicos e, entre outros tantos leques, a imaginação como ordem que nutre o pensamento daqueles que sentem a angústia de ver e viver numa urbe melhor.

As sociabilidades, as práticas artísticas, são representadas sempre que ele se lembra da lua. Ele a tem como musa inspiradora para suas composições e para a execução dos músicos que embalavam a cidade com melodias que se ouviam de longe. Cidade pequena, instrumentos de sopro, as cordas – no acompanhamento –, são elementos que dão acordes, que escrevem narrativas e traços das imagens da cidade.

Nas noites estivais, quando a rainha da amplidão sideral se apresentava em fase de plenilúnio, e entrava a andar pelos caminhos do céu, tudo era encantamento. E, as serenatas se faziam, sob a magia poética dos olhares de dindinha Lua, transfazendo os ares oeirenses em momentos de harmonia doce, universal. As almas se engolfavam no mundo dos sonhos e da fantasia<sup>227</sup>.

Maria Izilda Matos trata as projeções sonoras como representações múltiplas. Afirma que ao se tornarem hábitos, algumas projetadas pela lembrança, “permitem entrever que os comportamentos, valores e sentimentos que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico”<sup>228</sup>. Assim, as lembranças são ativadas no bojo da memória, demonstrando “outras formas de organização social e/ou em outros períodos, permitindo questionar a

<sup>226</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1º tomo - Artes de Fazer. 3ª edição Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1998, p.175.

<sup>227</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Recordações – III. Oeiras: s/t.

<sup>228</sup> MATOS, Maria Izilda Santos. **Cultura, sonoridade e musicalidades na metrópole dos italianos**: a São Paulo de Adoniram Barbosa. IN: BOTELHO, Denílson (org.). **História e cultura urbana**: A Cidade como arena de conflitos – Rio de Janeiro: Multifoco/ EDUFPI, 2015. p.32

universalidade dos sentimentos e, assim, abrindo possibilidades para a história das sensibilidades”<sup>229</sup>.

Pensamos o documento produzido por Possidônio como uma das categorias textuais que se inserem no rol de materiais que Ângela de Castro Gomes indica como escrita auto-referencial ou escrita de si. Conjunto de produções que se inserem no âmbito do espaço privado e que aglutinam ao público. Para elencar exemplos e fazer *link* com o documento ora analisado, podemos inserir neste rol as cartas, os diários, os livros de memória, as crônicas, entre outros, que de alguma forma propõem contar histórias e construir um “eu”. É a partir desta construção de si, não harmônica e descontínua:

[...] que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo [...] um indivíduo uno e múltiplo, e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico<sup>230</sup>.

O autor, na sua condição de octogenário, está ficando cego e surdo e, por isso, não o visitam mais. Era rodeado de pessoas que sempre recorriam a ele para consultas, tanto por conta do enorme acúmulo de conhecimento, como pela fama de “homem de maior erudição na cidade.” O velho Possi já entra na década de 1990 quase completamente cego, situação essa que o impediu até de se corresponder com amigos e intelectuais. “Tudo neste mundo passa. Esse tempo também passou. Os de minha época trazemo-lo guardado na memória, envolto numa saudade infinita, numa agridoce recordação. Enfim, vivemo-lo, na certeza de que ainda não morremos”<sup>231</sup>.

Possidônio lembra nas suas *Recordações* e, assim, elabora uma “memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita”<sup>232</sup>. Esse sentimento melancólico sobre o tempo natural pode ser uma das explicações à revelação do mar de emoções que traz nas memórias da década de vinte, como foi dito, momento tão distante daquele em que escreve. Pensamos, porém, noutras possibilidades. Falta de maiores e melhores indícios, pois, como nos lembra John Tosh<sup>233</sup> para

<sup>229</sup> Ibid.id.

<sup>230</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13.

<sup>231</sup> Recordações –III, p. 12.

<sup>232</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista *Projeto História*, São Paulo, vol. 10, novembro 1998, p.15.

<sup>233</sup> TOSCH, John. **A busca da História: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Vozes, 2011.

a construção de uma determinada memória alguns passados são lembrados, outros são esquecidos e o que levou ele a escrever sobre esse momento, são ainda inquietações.

Primeiro percebemos que o documento *Recordações – III*, que são histórias retiradas das memórias do cotidiano da cidade Oeiras, chega até nós como uma cópia datilografada, como muito tinha costume de fazer. Trata-se de uma cópia feita através do papel carbono. Para quem terá sido encaminhado o original? Segundo, intitulou o texto de *Recordações – III*, sugerindo a construção de outras recordações – I, II, daí surge, então, a curiosidade de saber para onde foram enviados os outros dois: I e II? Onde estão suas respectivas cópias?

Miridam Britto Knox, filha do seu amigo conterrâneo, Bugyja Britto<sup>234</sup>, começa a travar com ele um contato através de cartas e que se dá de certa forma intensa. No final da década de 1980 a pesquisadora já era mestre em História do Brasil pela UFRJ. Estava desenvolvendo pesquisas para a conclusão do doutorado em História Social, na USP, quando em carta informa a Possidônio que está se dirigindo à cidade e diz que é “para aprender consigo coisas da história da cidade. Famílias ilustres, hábitos, costumes, lazer, vida nas fazendas; são inúmeras as coisas de que gostaria que me contasse”<sup>235</sup>.

Assim acontece. Em carta de 26 de junho de 1989, ela agradece “as noites agradabilíssimas [...] com as narrativas sobre Oeiras”. Para, além disso, iniciam-se as trocas de materiais. Possidônio continua a se lembrar de lendas, costumes, superstições e envia para ela como forma de colaborar com sua tese sobre “costumes e hábitos de Oeiras no século XX”. Prova disso é a carta que remete em outubro e novembro de 1990, descrevendo em parágrafos os costumes, os hábitos, as práticas sociais e o lazer como: as novenas, o carnaval, os convescotes, os passeios, as serenatas:

Foi-se o tempo das serenatas, uma das facetas boas, emocionantes da vida de Oeiras. A lua bonita, redonda esplendorosa e virginal óstia de luz, era pelo mês de agosto um presente do céu aos terráqueos. Homens, feras e animais domésticos, todos se emocionavam com a opalescência mirífica de suas irisações paradisíacas. E a casta e então virgem Diana também se emocionava e se enternecia. Hoje a bela celene deixou de ser virgem. O homem já esteve lá, dormiu no seu regaço, pisou-lhe o solo sagrado. Não sei, se tendo emplexado com a encantadora virgem de nossas noites poéticas; não sei se retornou melhor<sup>236</sup>.

<sup>234</sup> Bugyja Britto e Possidônio trocaram cartas durante as décadas de 1930 a 1990. Existe uma pasta organizada com grande quantidade de cartas trocadas entre os dois. Sobre isso ver pesquisas realizadas por NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Oeiras por meio das cartas de Possidônio. *Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 10, Ano X, nº 1, 2013; e TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **Conversa entre amigos: correspondências trocadas entre Possidônio Queiroz e Bugyja Brito**. III seminário internacional História e Historiografia/ X seminário de pesquisa do Departamento de História da UFC, outubro de 2012.

<sup>235</sup> FALCI, Miridan Brito. Carta encaminhada a Possidônio Queiroz. Rio de Janeiro, 01 jun. 1989.

<sup>236</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes. **Carta encaminhada à Miridan Britto Falci**. Oeiras, 23 de nov. 1990.

O mesmo tema, entre outros semelhantes, é tratado em *Recordações – III*, como as festas carnavalescas. “O entrudo às vezes violento, grosseiro, abrutalhado, em que se dava verdadeiro banho das pessoas até de água suja, emporcalhando as roupas com esfregamento de Anil da China”<sup>237</sup>. Possidônio faz descrições de manifestações culturais, criando imagens que visam facilitar a recepção do leitor: “A cavalhada. Dezenas de mascaradas, montadas a cavalos e jericos, a desfilar com grande algazarra pelas ruas. Grupos dançando nas casas, somente homens, mulheres não tomavam parte nos folguedos momescos. Os homens se travestiam de mulher [...] e com que satisfação!”<sup>238</sup>.

O Possidônio, octogenário, imagina uma Oeiras calma, pacata como a dos anos vinte. Recorda, também, porque é a cidade que deseja. É a realidade do passado que o faz sonhar no presente. Sonhos construídos sobre a memória que se manteve sempre viva e *atualizante* pelas faixas de realidades que viveu e experimentou durante o conturbado século XX. “Tudo sonho. Hoje já não se sonha, por isso já não se vive. A vida hoje é realismo brutal. E, no entanto, como é bom sonhar. Menotti del Picchia disse magistralmente: “E é tão bom sonhar [...] A vida nesta terra, vale apenas, talvez, pelo sonho que encerra”<sup>239</sup>.

Há uma proximidade relacional entre a literatura e a história, como afirma Antônio Paulo Rezende em *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Mas essa proximidade, também, é questionada ao refletirmos o quanto que a história pode ser pensada como ficção. Não é nosso papel aprofundar esse debate tão complexo, mas em vias de conclusão trazemos a consciência de que as histórias e as narrativas propostas pelas fontes são embebidas de subjetividade. O real, no entanto, tem de ser representado pela linguagem que é o mecanismo de suporte para a humanidade construir a “realidade” em sua experiência vivida.

As experiências narradas, tidas como fantasiosas, podem ser levadas em conta como constitutivas do mundo social? Não se vive uma vida plenamente sua, posto que a experiência dá-se em contato com o mundo. A construção do eu passa por caminhos sinuosos que vão além do próprio eu e está o tempo todo sendo inventado, conquistado, criado<sup>240</sup>. Foi pensando nesta dualidade que Luiz Arnaut e Renata Moreira compuseram o texto *História e ficção: notas para uma abordagem não dicotômica*, onde afirmam que “pensar a relação ‘ficção x

<sup>237</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. *Recordações – III*. Oeiras: s/t, p.09

<sup>238</sup> Ibid. id.

<sup>239</sup> Esta mesma citação de Menotti del Pichia se repete em *Recordações III*, página 11, ao escrever sobre as noites de Oeiras. Iluminados que eram, pela Lua, os sonhadores daqueles anos, retiravam, como que por “encantamento” toda a inspiração para as serenatas, sonhos e fantasias.

<sup>240</sup> LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo. Horizonte: Autentica Editora, 2015. p. 208

história’ supõe entender a pluralidade dos conceitos que emergem dessas práticas, deslocando a ideia de oposição, infrutífera, e entendendo-a como uma multifacetada cena em que atuam sentidos imbricados, fugidios”<sup>241</sup>. Essas histórias, como afirmam os autores, e assim também entendemos, podem ter sentidos complementares já que as imagens que Possidônio elabora funcionam como representações do vivido, mas também do pensado.

As indagações ainda nos perseguem. Teriam sido as provocações da professora Miridan Britto a inspiração propulsora que incentivou Possidônio a viajar tão distante na memória, fazendo-o sentir saudades dos tempos joviais, das serenatas, da tranquilidade da cidade pacata, do romantismo das luzes da lua, das velas, dos postes a carboreto, dos sons das serenatas que envolviam os instrumentistas e a memória daqueles que viram e ouviram o cantar das coisas de Oeiras, suas saudades, seus sonhos? “E hoje, ainda se sonha? Sonha-se. Em qualquer idade que a criatura humana se encontre, o sonho lhe é um remédio indispensável, um derivativo divino a lhe dar momentos fugazes de felicidade”<sup>242</sup>. Vejam só, o contraditório! De fato ele é frutífero e revela, como sementes férteis, os homens que inventam, sonham, desejam, imaginam e constroem as cidades.

### 2.3 – Jornal *O Cometa*

Como a cidade não possuía jornais que tivessem duração e vida regular, o grupo de intelectuais constituído por Possidônio Nunes de Queiroz, Raimundo da Costa Machado e o então pároco da cidade, Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, utilizou-se de discursos, palestras e conferências proferidas através do serviço de alto-falante<sup>243</sup> para emitir suas ideias e considerações sobre os mais variados temas. Na concepção de Edward Said, “uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”<sup>244</sup>.

Concepção parecida nos mostra Nicolau Sevcenko ao abordar os ideais de ciência, democracia e progresso que pensavam os intelectuais da Geração Modernista de 1870. Para estes, “o engajamento se torna a condição ética do homem de letras. Não por acaso, o

<sup>241</sup> ARNAUT, Luiz; MOREIRA, Renata. **História e ficção**: notas para uma abordagem não dicotômica. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar e MONTEIRO, Jaislan Honório (Org.) **História, arte e invenção**: narrativas da história. São Paulo: Intermeios/Teresina: EDUFPI, 2012, p.19.

<sup>242</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Recordações** – III. Oeiras, s/d, p.11.

<sup>243</sup> A União Artística Operária Oeirense fez a instalação do mecanismo. Frequentemente fazia anúncios, difundia movimentos, palestras e discursos dos eventos que organizava.

<sup>244</sup> SAID, Edward. **Representações intelectuais**: as conferências de Reich de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

principal núcleo de escritores cariocas se vangloriava fazendo-se conhecer por ‘mosqueteiros intelectuais’<sup>245</sup>.

A Geração de 1870 era formada por uma elite europeizada que acreditava numa perspectiva de progresso nas novas concepções científicas desenvolvidas no continente europeu. Voltados para esta visão de mundo, olhavam para o Brasil e seus problemas sociais, enfatizando a necessidade de transformação e pensavam o modelo a ser seguido, pois era para eles:

[...] o fluxo cultural Europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas. [...] Todos eles trazem como lastro de seus argumentos as novas ideias europeias e se pretendem os seus difusores no Brasil<sup>246</sup>.

Como fruto de uma produção corrente na Europa, Aluísio Azevedo, Rui Barbosa, Clóvis Bevilacqua, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, a Geração de 1870, configuravam como autores obrigatórios da lista de leitura dos homens de letras que nasciam no início do século XX. Mas era escrevendo principalmente para os jornais que os intelectuais se faziam conhecidos e reconhecidos. A atividade atrelada ao jornal dava visibilidade para a produção literária em que pese a publicação de poesia, crônicas, romances, crítica literária, ou mesmo desenvolvendo a atividade de jornalista<sup>247</sup>.

O jornal *O Cometa* constitui realização de grande esforço de uma tríade de intelectuais, sendo que o provocador e idealizador de sua criação foi o médico e escritor José Expedito Rêgo. Ao ventilar a ideia para Raimundo da Costa Machado e Possidônio, propuseram a equipe: José Expedito, direção, e os outros dois como redatores efetivos. No acervo de Possidônio Queiros podemos encontrar duas pastas contendo os documentos referentes ao trabalho jornalístico dele.

A primeira contém 253 páginas com a organização de textos de colaborações para o mensário que circulou em Oeiras de 1971 a 1976. Existe outra que complementa as atividades até o último ano da publicação, mas demonstra ter sido manipulada de forma desorganizada ou catalogada posteriormente. Nelas estão organizados tanto os artigos da coluna *História de*

<sup>245</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 97.

<sup>246</sup> Ibidem, p.96-97. Para Sevcenko, o trabalho desses intelectuais e suas ações não se configuravam como mera imitação, e sim *amplitude de um único processo de mudança*. Ibidem, p. 332.

<sup>247</sup> A grande maioria destes eram bacharéis em direito e médicos. Sobre o desenvolvimento dessa cultura científica conferir Lilia Moritz Scharz, *O espetáculo das raças: cientistas, intuições e questão racial no Brasil – 1870-1890*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 185-309.

*Oeiras*, quanto às demais colaborações que chegavam à redação do jornal pelas mãos de Possidônio Queiroz.

José Expedito Rêgo, ao idealizar o jornal elabora uma estratégia para evitar que *O Cometa* tornasse-se um palanque de manifestações político-partidárias através das penas de seus colaboradores. Assim, afirma que:

Não foi à toa que escolhi Costa Machado e Possidônio Queiroz para colaboradores permanentes de *O Cometa*. Não apenas por sua inegável capacidade de trabalho, pelo idealismo de seus espíritos, pelo amor e dedicação à terra querida, pelo valor intelectual de ambos, mas também por um motivo prático da maior importância. Eu sempre fui ligado a uma das correntes políticas e eles seguiam de perto a corrente contrária. Isso impediu que *O Cometa* se transformasse num jornal político-partidário, o que foi, sem dúvida, uma grande vantagem. Deve-se talvez a isso o fato de ele ter durado cinco anos com uma tiragem total de sessenta exemplares. Se bem que me considere suspeito para falar do assunto, acho que posso declarar em sã consciência que *O Cometa* prestou reais serviços à cultura de nossa terra.

Todo o material era transcrito com datilografia e cópia carbono. Por vezes, eram feitas as correções necessárias dos textos, poesias e notícias que chegavam até ele e, só depois, enviavam o original à Floriano, onde era impresso pela gráfica *Kalume*. A edição do jornal começa a ser feita em Teresina, mas gráfica onde era impresso fechou as portas, então, o periódico passou a ser impresso na Gráfica Kalume, localizada na cidade de Floriano, a 110 quilômetros de Oeiras. O diretor do periódico explica o motivo:

[...] depois de conquistar, não sem alguma relutância o Prof. Possidônio Queiroz e o Dr. Costa Machado para colaboradores permanentes do jornal, escrevi ao Pe. Baldoino, em Teresina, pedindo que se encarregasse da impressão, ele que era dono de tipografia<sup>248</sup>.

Oeiras não possuía uma gráfica nesse momento. Assim como as aparições dos periódicos eram temporárias, gráficas que suportassem a produção dos impressos, como jornais, surgiam raramente. O *Correio de Oeiras*, editado e publicado durante os anos 1909 e 1910, possuía gráfica própria. Em seu primeiro número, de 28 de janeiro de 1909, o editorial indica: “Red. [redação] e Officina – L. [Largo] do Comércio – Editor – João Soares – Gerente: Orlando Barbosa de Carvalho”<sup>249</sup>.

<sup>248</sup> RÊGO, José Expedito de Carvalho. **História do Jornalismo em Oeiras**. In: CADERNOS DE TERESINA: revista informativa e cultural da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Ano III, nº 09 - Teresina, dezembro de 1989.

<sup>249</sup> CORREIO DE OEIRAS. Oeiras, 28 jan. 1909. A primeira coluna, que apresenta o jornal, *Correio de Oeiras – duas palavras*, tenta explicar as condições do meio que não alcançam o ideal que já se faz presente na imprensa



Depois dos primeiros números que foram impressos na gráfica do Pe. Balduino, *O Cometa* era enviado para ser impresso em Floriano, cidade vizinha que dista de 110km de Oeiras. De lá, o proprietário do Jornal de Floriano, Antônio de Pádua Francis Kalume, recebia os materiais remetidos por Possidônio e Costa Machado para serem impressos em sua tipografia. Algumas correspondências elencam nuances dos envios e tentativas de se manter o jornal circulando, principalmente em data certa.

A correspondência é ativa. Tratam-se, das que foram enviadas por Possidônio, somente três. Não foi possível encontrar as cartas enviadas à Possidônio pelo proprietário da gráfica. Elas apresentam uma rede de relações que configuram os trabalhos do intelectual. Suas sociabilidades proporcionaram, através destas, inserir-se nos espaços de produção cultural. Como lembra Gisele Venâncio, esse cartograma é “como um mecanismo informal que lhe permitia enfrentar alguns dos desafios cotidianos e muitas das imposições das organizações institucionalizadas”<sup>250</sup>.

Duas correspondências são do último ano de publicação de *O Cometa* (1976). A primeira, de abril, demonstra a negociação com o envio de trezentos cruzeiros (Cr\$300,00) para impressão do jornal. Também trata do envio de duas matérias para compor, ainda, a edição do mês de março e pede que consiga “um pequeno esforço no sentido de que o Cometa circule em Oeiras pelos dias das comemorações de Passos ou Semana Santa”; pois “são acontecimentos católicos de grande repercussão em nossa terra”<sup>251</sup>.

A segunda, ainda referente ao mesmo ano, foi de julho e inicia-se acusando o recebimento de carta enviada por Kalume. Nela, este descreve que a tipografia estava enfrentando dificuldades, obtendo por empréstimos um linotipista, mas que já estava sendo resolvido. Confirmou que enviaria logo para a edição de maio que deveria estar atrasada, pois a correspondência é de 22 do mês de julho e, finaliza, afirmando para Possidônio que as impressões não poderiam ser feitas por menos de seiscentos cruzeiros (Cr\$ 600,00). Em resposta Queiroz afirma:

---

do momento, tanto material, quanto intelectual: “Ressentindo-se, embora da falta de penas que lhe possam imprimir a feição característica da atualidade e das conquistas que dia a dia elevam a imprensa, o Correio de Oeiras, iniciando-se hoje a sua publicação, aumenta, contudo, o sincero desejo de fazer alguma coisa de proveito, cooperando, quando possível, pelo bem estar da sociedade e de desenvolvimento pelo meio em que nasce”. O periódico afirmava se conduzir “nos moldes mais extremos de parcialidade” e “fazendo justiça sempre que julgar oportuno aos atos derivados dos poderes públicos”.

<sup>250</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 35.

<sup>251</sup> QUEIROZ, Possidônio. **Carta enviada a Antônio de Pádua Francis Kalume**. Oeiras (PI), 04 abr. 1976.

Estou a esperar que o distinto patrício, mande a tiragem de maio, e estou estudando a possibilidade de salvar o nosso pobre *O Cometa*. Rogaria permissão ao ilustre amigo para dizer que achei uma guinada muito alta – de trezentos para seiscentos cruzeiros. Sei que tudo está muito caro: tinta, papel de impressão, mão de obra. Mas se me permitisse pediria que se dignasse fornecer um orçamento mais baixo.

O Cometa é um jornalzinho de amantes da terra, que, para sustenta-lo tem que tirar dinheiro do próprio bolso. Somente o amor a nossa Oeiras nos leva a essa jornada bairristica. Espero que o presado e ilustre conterrâneo remeta a tiragem de maio, e com ela, a sua palavra de ordem. Se ela vier baseada em preço mais baixo, ainda melhor para nós.

Com os votos sinceros pela sempre crescente prosperidade do importante *Jornal de Floriano*, e pela saúde do ilustre Amigo, subscrevo-me, atenciosamente, Possidônio Nunes de Queiroz<sup>252</sup>.

As súplicas de Possidônio parecem o despertar do *homem cordial* que pretende defender o ameaçado periódico, cuja circulação está prestes a entrar em colapso. Longe de se deixar levar inteiramente pela emoção, Possidônio lembra que a atividade que ele e os companheiros, que escrevem no jornal, fazem é por amor, já que chegam a tirar dinheiro do bolso para publicá-lo. Essa atitude lembra o que Sérgio Buarque de Holanda diz do homem cordial, pois

[...] a polidez é, de algum modo, a organização de defesa ante a sociedade. [...] Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social<sup>253</sup>.

As súplicas para que o proprietário da gráfica em Floriano reconsidere os valores cobrados são acontecimentos subsequentes aos apelos dirigidos pelo diretor do jornal ao seu público leitor na matéria de capa de uma edição d'*O Cometa* de 1974: *O Cometa: a primeira crise*. Francisco Alcides do Nascimento analisa que o

[...] redator fez questão de destacar que, ao contrário do que pensavam os criadores do jornal em seu quarto ano de vida, vencia as dificuldades com galhardia. Mantinha-se às custas das assinaturas e naquela oportunidade não possuía nenhuma propaganda comercial, a não ser do próprio *O Cometa*<sup>254</sup>.

<sup>252</sup> QUEIROZ, Possidônio. **Carta enviada a Antônio de Pádua Francis Kalume**. Oeiras (PI), 04 abr. 1976

<sup>253</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**; prefácio de Antônio Cândido – 26. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 147.

<sup>254</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Oeiras nos rastros do Cometa**. IN: BOTELHO, Denilson. *História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos*. Rio de Janeiro: Multifoco/ Edufpi, 2015. p. 91

Nascimento indica ainda que, para além da justificativa encontrada pelo redator de que havia alta no preço do papel e queda no número de assinaturas, soma-se o contexto brasileiro de “período pós-milagre brasileiro, da crise do petróleo e de inflação crescente. Os custos com impressão, com transporte, a dissidência dos assinantes, sem dúvida foram relevantes para a crise financeira de *O Cometa*”<sup>255</sup>. Apesar do uso constante da cordialidade, das tentativas de manter o jornal que já havia feito seus cinco anos, a publicação deu-se por encerrada no mesmo ano da correspondência. Não há nenhuma correspondência ou documento que registra os detalhes. Porém, a descrição feita acima por Possidônio nos permite ter noção das dificuldades pelas quais enfrentou, *O Cometa*, em suas atividades.

Além dos textos para publicação, Possidônio teve a preocupação de manter, dentro da pasta, uma sequência lógico-cronológica dos temas e correspondências que fazem referência às publicações e às assinaturas. Outra preocupação era a de datar grande parte dos textos com mês e ano, identificando-se, assim, em qual número a matéria foi publicada.

A primeira matéria sobre a história de Oeiras é sobre periódicos que existiram na cidade. O título do artigo, *Aparece um Jornal em Oeiras*, serve para dar conta de que os jornais em Oeiras aparecem, mas logo somem. *O Cometa* aparece 139 anos depois de *O Piauiense*. Faz no artigo uma progressão cronológica dos jornais subsequentes até entrar no século XX. Listando nomes e a data de aparição do periódico, em Oeiras, faz diagnóstico dos períodos de maior riqueza quanto à quantidade deles na cidade e o porquê dos desaparecimentos.

Vê-se, da enumeração atrás feita, que era apreciável o movimento jornalístico na Velhacap. Houve anos em que se davam a lume aqui dois jornais (1848, 1851, 1887, 1889), e até houve um (1849) em que circulavam três.

Parece que tais publicações, pela pobreza do meio, tinham vida mais ou menos curta. Aliás, o fenômeno não seria apenas nosso. Em outras cidades piauienses também ocorria o mesmo<sup>256</sup>.

A narrativa e análise feita por Possidônio Queiroz era construída com referência na *Cronologia Histórica do Piauí*, de Francisco Augusto Pereira da Costa, obra reeditada pelo governo do Estado do Piauí, Alberto Tavares Silva<sup>257</sup>. Ao chegar ao século XX, informa e comenta sobre o mais duradouro, *Fanal*: “mensário de propaganda e interesses gerais”. Circulou até maio de 1945.

<sup>255</sup> Idem, p.91-92.

<sup>256</sup> O COMETA. Oeiras, mar. 1971.

<sup>257</sup> A segunda edição foi publicada em 1974, com atualização ortográfica, notas e comentários de A. Tito Filho.

### 2.3.1 – Oeiras sempre Oeiras: a criação de uma identidade

Com o título *Oeiras sempre Oeiras*, Possidônio operou, através das suas crônicas-históricas, uma narrativa, cujo objetivo era elaborar uma história da disputa que ele e outros intelectuais travaram para que pudessem manter o nome da cidade. O Decreto-Lei Federal de Nº 3.599, de 06 de setembro de 1941, proibia que houvesse no país duplicata nos nomes das cidades e vilas. A resolução Nº 118, do Conselho Nacional de Geografia, sancionada, a 06 de julho de 1942, regulamentava a matéria que entraria em execução.

Como no estado do Pará também havia uma cidade de mesmo nome, os intelectuais se reuniram para criar uma comissão que adiantasse os trabalhos necessários, a fim de criar um memorial em defesa da Oeiras do Piauí, antes que a cidade do Pará a fizesse primeiro, correndo o risco, então, de a Oeiras piauiense perder sua mais preciosa identidade – o nome bicentenário.

De acordo com Possidônio, na primeira reunião foram lidos os telegramas “inflamados” que iam chegando de vários pontos do estado. A notícia da ameaça foi anunciada por Possidônio após terminar a reunião do Rotary Club de Oeiras, dia 03 de setembro de 1943, que se realizava sempre na Pensão Portela. A pensão ficava localizada numa antiga casa, esquina da Rua Getúlio Vargas com Rua Cônego João<sup>258</sup>.

Urgia que saíssemos a campo, que lutássemos dentro do respeito às Autoridades<sup>259</sup> constituídas, mas sem desfalecimento, encorajados por uma vontade firme, impulsados pelo civismo mais acrisolado, a que lutássemos pela conservação do nome de nossa querida gleba, com todas as forças do nosso amor à terra mãe<sup>260</sup>.

O entusiasmo com que Possidônio narra o acontecimento revela grandes intenções de exaltação, ufanismo e telurismo, na defesa daquilo que acreditava ser motivo para despertar comoção popular. Sendo que esse sentimento, o de ser oeirense, deveria ser, em sua opinião, mecanismo de desenvolvimento e institucionalização do progresso que acreditava estar moldurando na cidade.

A representação da herança de civilidade que veio do velho mundo – o nome dado pelos portugueses – vinha carregada de demonstrações de tradição histórica como no trecho abaixo:

<sup>258</sup> Atualmente encontra-se em ruínas.

<sup>259</sup> Talvez se referisse ao Prefeito Cel. Orlando Barbosa de Carvalho, que ventilou adesão, defesa pela mudança do nome e sugestões para novos nomes.

<sup>260</sup> Oeiras sempre Oeiras. *O Cometa*, ano 1, nº 4, junho de 1971.

Estavam lançados os dados. A terra que fora mãe do Piauí era intocável. Seu nome, tabu. Havíamos recebido esse nome dos que nos antecederam. E com esse nome, passaríamos a velha terra – relicário sagrado de nossa história – aos que nos sucedessem<sup>261</sup>.

Tomaram para si a responsabilidade de defensores deste relicário, quanto de protetores da história e da memória desse evento, para as gerações que dali descendessem. Os intelectuais “mosqueteiros” são aqui representados como heróis do destino da terra em que viveram, mas também se produz, desde essa época (décadas de 30 e 40), os símbolos que se tornaram os refrãos de músicas, marchas e hinos<sup>262</sup>.

Assim, Possidônio, talvez carregado de sensibilidades, mas também encorajado pela *Libido sciend* de que fala Elizabeth Badinter, como aqueles elevados pelas paixões, “desejo extremo de saber” e acompanhado pela conquista do “reconhecimento dos pares”<sup>263</sup>, tenta marcar no leitor uma memória coletiva do grande feito. Assim finaliza:

A história desse período da vida da gloriosa cidade, que ora se inicia, será contada para conhecimento dos nossos jovens escolares, os quais, no futuro, quando no comando dos destinos da terra em que nascemos, marrando-a aos seus filhos e discípulos, dirão: “os oeirenses lutaram, sofreram, tiveram momentos de inquietude, noites indormidas, cheias de preocupação, mas venceu a velha terra, o Piauí triunfou, por isso OEIRAS SERÁ SEMPRE OEIRAS”<sup>264</sup>.

Possidônio aponta rigidez e é categórico: deseja que as *Histórias de Oeiras*, publicadas no jornal *O Cometa*, façam parte dos conhecimentos ministrados nas salas de aula. Acreditava que a história da cidade deveria fazer parte do conteúdo escolar quando elenca, no trecho acima, os termos *filhos e discípulos*.

Esse Possidônio, que escreve as *Histórias de Oeiras* ao longo das edições d’O Cometa, é um homem que aos 65 anos ainda se dividia entre diversas tarefas intelectuais. Advogado rábula, secretário da Câmara Municipal, pai e avô. Atividades constantes de escrita somadas à intensa troca epistolar o mantinham inteirado dos principais assuntos que circulavam no universo intelectual e das mais diversas informações. Até início dos anos de 1970 manteve o

<sup>261</sup> Oeiras sempre Oeiras. *O Cometa*, ano 1, nº 4, junho de 1971.

<sup>262</sup> No hino de Oeiras, o título *Oeiras Invicta* tornou-se refrão: “Oeiras invicta/ tu sempre serás/ Ó terra bendita/ de amor e de paz”. OEIRAS (PI). Hino de Oeiras. Letra: José Expedito de Carvalho Rego; música: Dionísio Rosa Reis. Disponível em: <http://oeiras.pi.gov.br/hino-da-cidade/>. Acesso em 24 de abril de 2017.

<sup>263</sup> BADINTER, Elisabeth. **As paixões intelectuais**: desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.14-15.

<sup>264</sup> Oeiras sempre Oeiras. *O Cometa*, ano 1, nº 4, junho de 1971.

comércio que mais parecia ponto de encontro para conversas e compartilhamento de informações.

Esse Possidônio, mesmo com a idade avançando para a segunda etapa dos sexagenários, ainda se mantinha *indormido*, a fim de dar conta da manutenção do pequeno, mas trabalhoso jornal. Ainda sobre o indivíduo, é importante e pertinente lembrar que, olhando para os anos de 1943, constrói, através das lembranças e do seu arquivo, as narrativas que são possíveis. Ora com referências na biblioteca, ora buscando em seu acervo os mais delicados papéis para ajudar a memória das peças que fugiam do seu alforje.

A expressão *Alforje*, bastante utilizada por ele quando se refere à memória, está diretamente relacionada à construção de seu acervo. Alforje é uma sacola com abertura para os lados na qual se guarda pertences para viagens e trajetos. Tinha certeza de que o que era dito ali, nas crônicas, artigos, discursos estavam documentados e referenciados em textos contidos em seu arquivo, no seu alforje. Era também sua memória psicológica, mas com suportes nos documentos.

As verdades que parecem emanar dos acervos privados e da escrita de si merecem atenção. Essa atenção dá-se ao pensar que “a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial<sup>265</sup>”.

Para Christophe Prochasson, os arquivos privados como acervos tendem "para o lado da intimidade"<sup>266</sup>, já que foram elaborados sem o interesse de atingir notoriedade oficial ou que fosse intencional toda a sua publicação. De certo que uma quantidade significativa de "seus produtos" devem ter corrido por intenções de seus autores à publicação, principalmente, após o falecimento destes.

Essa documentação deve constituir uma base arquivística útil para a história da construção de uma obra ou de uma personalidade. Ela constitui aquilo com que sonha todo historiador da cultura, todo biógrafo que corre atrás da miragem daquele dossiê completo no qual se encontrariam a um só tempo o produto final, sua posteridade e ainda as diferentes etapas que conduziram até ele<sup>267</sup>.

Finalmente nos ancoramos em Prochasson para afirmar que é nossa intenção elaborar uma narrativa que pensa e analisa como Possidônio Queiroz, intelectual que atravessou as

<sup>265</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.37.

<sup>266</sup> PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade”! Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998, p. 107

<sup>267</sup> Ibid.id.

décadas do século XX, moldou-se para si e para os outros e, por vezes, enxergar como ressoou suas significações e representações a partir dos seus pares.

Aquele Possidônio narrado por si mesmo, nas suas *Histórias de Oeiras*, é mesmo o múltiplo que descrevemos nos itens anteriores deste trabalho. Comerciante, Solicitador, Professor da Escola Domingos Afonso Mafrense, além de articulador, juntamente com seu amigo e compadre Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, da criação da Diocese de Oeiras etc. Essa condição de *indormido* pode ter sido agravada devido à escolha feita pela comissão<sup>268</sup> para a defesa do nome de Oeiras. Raimundo da Costa Machado e Possidônio Queiroz foram encarregados da parte intelectual do trabalho. Para Queiroz, a orientação da comissão tornara-se “designação de nossa Oeiras, a satisfação de, durante muitos dias, se ocupar da defesa do nome tradicional da mais velha urbe, da comunidade mais antiga do Piauí”<sup>269</sup>.

A partir desse texto, Possidônio reforça a memória através do uso dos documentos que guardou, telegramas e edições do *Gazeta* guardados como registro do momento de tensão que experimentou. O acervo epistolar foi o rol de documentos basilar na concatenação da memória narrada por ele nas crônicas publicadas em *O Cometa*. Essa documentação em grande parte foi mobilizada pelos dois intelectuais escolhidos para a realização do memorial.

Devemos deixar claro que, embora Possidônio Queiroz e Costa Machado fossem os mais destacados e reconhecidos homens de letras na Oeiras dos anos quarenta, não participavam da administração pública municipal. Mesmo que Possidônio e Costa Machado fizessem parte do projeto de integração dos intelectuais a serviço do estado, típico do Governo Vargas, que iniciaram suas carreiras públicas a partir da Revolução de 1930, não foram convidados a participar da administração municipal.

Desde 1937 até 1945, Orlando Barbosa de Carvalho foi o prefeito que governou com mãos de ferro a cidade. “Governava com poder absoluto, devido à dissolução da Câmara Municipal durante a vigência do Estado Novo. Desta feita, era investido de toda a autoridade para lançar decretos, criando leis que julgava ser de grande valia para a cidade”<sup>270</sup>.

Os dois intelectuais em destaque eram políticos-partidariamente dissidentes, mais próximos ao grupo opositor que tinha como representante mais destacado o ex-prefeito

---

<sup>268</sup> A comissão era composta por Augusto Rocha Neto, José Nogueira Tapety, Raimundo da Costa Machado e Possidônio Queiroz.

<sup>269</sup> Oeiras sempre Oeiras. *O Cometa*, ano I, nº4, jun 1971.

<sup>270</sup> ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação**: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900-1945) – Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015, p.101.

Augusto Rocha Neto, que governou antes do Cel. Orlando assumir. Parte desse grupo político também estava composto por José Tapety, comerciante, e Mario de Alencar Freitas.

A expressão dessa força operada pelo Cel. Orlando Carvalho fica clara com a divulgação do “Fanal”. O jornal era de propriedade do prefeito e dava notícias de suas realizações. Possidônio o descreve como “mensário de propaganda e de interesses gerais”<sup>271</sup>.

Em Teresina apenas dois jornais circulavam: o *Gazeta* e o *Diário Oficial*. Para Francisco Alcides do Nascimento, o Diário Oficial, que deveria ser destinado à divulgação dos atos oficiais do governo, tornou-se um veículo que publicava informações gerais. De acordo com Nascimento, “outro jornal, o *Gazeta*, circulou praticamente durante todo o período do Estado Novo. Submeteu-se ao controle do DEIP<sup>272</sup>, embora seu proprietário tivesse mantido postura de independência ao longo da carreira de jornalista e fundador de jornais”<sup>273</sup>.

Em meio ao trabalho dos redatores, com pesquisas e colaborações que vinham de fora, apoios afamados publicados no *Gazeta*, estava a opinião contrária do Prefeito Municipal de Oeiras que, de acordo com o cronista, demonstrava não ser contrário à mudança de nome. O governo modernizante do Cel. Orlando Carvalho talvez fosse a favor, também, de transformações no nome, algo que acompanhasse as transformações urbanas que estavam sendo realizadas por ele no centro da cidade.

A resposta para tal discordância vem logo na sequência de telegramas trocados entre oeirenses de dentro e fora da cidade e que se faziam publicar. No telegrama resposta a Pedro Britto, a comissão que assinou o documento composta por Rocha Neto, José Tapety, Possidônio e Costa Machado anotou:

Não contamos, porém, Prefeito Municipal, o qual longe consultar povo sobre magno assunto, sugeriu Estatística substituição nome Oeiras por Fidalga, Canaã, Colinas. Oeiras confia patriotismo robusta inteligência prezado Conterrâneo tudo fará prol vitória nossa causa, qual está estribada boa vontade, civismo seus dignos filhos. Aguardamos próximo avião nos remeta exemplares jornais publicação artigos e também outros subsídios para confecção memorial. Saudações<sup>274</sup>.

Em setembro de 1943, ano anterior ao cerramento das portas, o *Gazeta* deu visibilidade à luta travada pelos oeirenses. Pedro Britto, membro da Academia Piauiense de

<sup>271</sup> Aparece uma jornal. *O Cometa*, ano I, Nº 1, março de 1971.

<sup>272</sup> Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

<sup>273</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937 a 1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2015. p.58.

<sup>274</sup> Oeiras sempre Oeiras III. *O Cometa*, ano I, Nº 9, nov 1971.



Letras, publicou cartas e telegramas em defesa da manutenção do nome de Oeiras. A carta desse homem de letras, que era oeirense<sup>275</sup>, mas radicado em Teresina, era dirigida ao Diretor Estadual de Estatística, órgão vinculado ao Conselho Nacional de Geografia – CNG, publicada no *Gazeta*, em 16 de setembro de 1943, e transcrita na crônica do Possidônio, Oeiras sempre Oeiras (II):

Ora, em boa mente, não há quem afirme que a vila Oeiras, do Estado do Pará (segregada e desconhecida) que só de 1938 pra cá tem as prerrogativas de cidade, seja de categoria igual à da ex-metrópole do Piauí, Capital e Sede do Governo da Capitania, desde o ano de 1717, como vila do Mocha e cidade desde 13 de novembro de 1761. Portanto é claro, intuitivo, lógico e irretorquível, como vila, Oeiras do Piauí é mais antiga do que Oeiras do Pará, e como cidade, de maior categoria do que esta<sup>276</sup>.

Com o movimento de defesa instalado, alardeado, divulgado por todo estado através da imprensa teresinense, as respostas de apoio vão sendo recebidas e, também, divulgadas para fazer efeito de legitimidade. Principalmente as que vinham de longe, de personagens de altos cargos, como é o caso do Interventor Leônidas de Castro Melo e do Bispo Dom Severino. No dia 19 de setembro de 1943, o jornal *Gazeta* publicou cópias dos telegramas enviados ao Interventor e ao Bispo Diocesano. Os dois responderam com mensagem direcionada ao Cônego Cardoso:

Vigário Oeiras – Louvo campanha pela conservação nome Oeiras. Convém alegar perante conselho Nacional Geografia próxima criação diocese. a) Bispo 11 – 09 – 43  
Est. – Cônego Antônio Cardoso – Oeiras – 1891. Referência vosso telegrama 9 corrente, com prazer me associarei justa pretensão povo oeirense. Sds. a) Leônidas Melo, Interventor Federal<sup>277</sup>.

Esses dois telegramas demonstram o apoio representativo que a cidade recebia. O comentário do bispo Dom Severino indica, para a comissão e os trabalhadores intelectuais, a inclusão da informação que já estava certa da instalação da Diocese em Oeiras. Assim, o memorial teria um incremento a mais no engrandecimento das qualidades e importância da Oeiras do Piauí perante a “pequena, mas brasílica Oeiras do Pará”<sup>278</sup>. Embora sem data

<sup>275</sup> Pedro de Alcântara de Sousa Britto. Da Academia Piauiense de Letras (1918), redator do Jornal *A Gazeta*, em Teresina.

<sup>276</sup> Oeiras sempre Oeiras II. *O Cometa*. Oeiras (PI), ano I, Nº 07, set 1971.

<sup>277</sup> GAZETA, Teresina, 19 set 1943, p. 3.

<sup>278</sup> GAZETA, Teresina, p.3, 31 out 1943.

prevista para a referida instalação, por falta de autorização através da bula papal, acataram indicação do bispo

Foi em Oeiras que se plantou a primeira cruz, ergueu-se o primeiro templo católico, celebrou-se a primeira missa nesta parte da Federação Brasileira. No Frontispício de sua Igreja Matriz – Igreja de Nossa Senhora da Vitória – existe uma placa em que se lê:

HOC/EST/DOMVS/DOMINI/EIRMITER/OE  
DIFICATA/ANO/DOMINI1733

Nessa época, segundo Pereira da Costa, fundou-se o primeiro templo regular que se erigiu em terras do Piauí, pra o que foi demolida a velha capela. [...] Graças a essas brilhantes tradições e ao zelo com que sempre procurou conservá-las, teve Oeiras há pouco a fortuna de ser escolhida para sede do Bispado que vai se constituir no Sul do Piauí, pra isso já se acha o respectivo patrimônio depositado no Banco do Brasil<sup>279</sup>.

A notícia de instalação da diocese pela chegada da bula<sup>280</sup> está registrada em telegrama enviado pelo Cônego Cardoso<sup>281</sup>, de Teresina, onde pedia a Possidônio que divulgasse a notícia. O telegrama de 22 de dezembro de 1944 anuncia que, após seu retorno à Oeiras, tomariam as providências para a inauguração.

Esse tempo foi de grandes movimentações. Depois de terminado o memorial foi datado e enviado no dia 30 de setembro por postagem aérea, com pequena apresentação que fora endereçada ao Conselho Nacional de Geografia. O texto original possui VIII páginas, sendo duas páginas e meia dedicadas às assinaturas tanto dos apoiadores presentes, na cidade, quanto de *assinantes por autorização* que se encontravam dissipados por várias partes do país<sup>282</sup> – 121 ao todo, mas a do prefeito municipal não estava lá.

A campanha fez-se vitoriosa. A notícia que determina o aceite do memorial veio relativamente rápida, por telegrama do Diretor Geral de Estatística do Estado, João Bastos, informando: “Venceram, assim, e primeiro plano, elegância, cortesia e judiciosos argumentos”<sup>283</sup>. No dia 23 de outubro, mês em curso (da primeira notícia), a comissão recebe telegrama remetido por Christovan Leite de Castro<sup>284</sup>, endereçado ao Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, por ter sido o primeiro a assinar o memorial.

<sup>279</sup> Ibidem, p.03

<sup>280</sup> O Papa Pio XII, através da bula *Ad Dominici Gregis Bonum* (Para o bem do Rebanho do Senhor), de 16 de dezembro de 1944, criou ao mesmo tempo a Diocese de Oeiras (PI) e de Parnaíba (PI).

<sup>281</sup> Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos era pároco da cidade. Cf. QUEIROZ, Possidônio. *No monumento a Cardoso de Vasconcelos*. In: Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Nº 10. Oeiras, 1988, p. 45-48.

<sup>282</sup> O original datilografado encontra-se no acervo pessoal de Possidônio Queiroz, numa das pastas “Crônicas”.

<sup>283</sup> Oeiras sempre Oeiras XV. *O Cometa*. Ano III, nº 13, Oeiras (PI), p. 01, jan 1973.

<sup>284</sup> Secretário do Conselho Nacional (1937 a 1950).

Após agradecer o envio do trabalho e cumprimentar os signatários por ser um excelente material, informa que de acordo com o “decreto-lei nacional 5.901 assinado 21 corrente por proposta deste Conselho ficou Oeiras Piauí com absoluto direito de conservar atual nome por ter mais alta categoria que homônima paraense como sede comarca”<sup>285</sup>.

A justificativa enviada pela comissão da Oeiras piauiense foi acatada como plausível, mesmo a Oeiras do Pará demonstrando ter fundação anterior à do Piauí. Como categoria de cidade, a vila só conseguiu emancipação em 1938, quatro anos antes da regulamentação da lei de delimitação administrativa.

A intenção de verdade está legitimada não por si só como indivíduo e intelectual, mas nos livros e, quando se trata de evento que experimentou e foi ator protagonista ou coadjuvante, nas fontes. Possuía as fontes de grande parte do que falava e escrevia. Essa é a relação entre a memória produzida por ele e a identidade que por vezes reclamava para si, para a cidade e para os oeirenses.

Para Jorge Larrosa, cada um é e se constitui a partir do universo que percorreu, a partir “dos fragmentos discorridos das histórias que recebeu”<sup>286</sup>. Se cada autor constrói suas narrativas a partir das leituras, das bibliotecas, cada um de nós também toma a linguagem como mecanismo construtor da nossa *autoconsciência ou identidade pessoal*.

Se a linguagem é detectada das palavras e essas carregam as memórias já contadas, então é dela que construímos ou constituímos as formas de contar nossas histórias, pois demonstramos, construímos, reafirmamos nossa *identidade* narrando para o outro e reconhecendo nós mesmos nestas mesmas histórias.

A criação do jornal oeirense dos anos de 1970 tomou corpo e solidez com a coluna “História de Oeiras”, trazendo em suas narrativas eventos que Possidônio considerava importantes para o conhecimento daqueles que se interessavam pela história da cidade. Foram 15 matérias desta coluna e que duraram quase dois anos. De junho de 1971 a janeiro de 1973, os assinantes e leitores de *O Cometa* navegaram nas tramas construídas sobre a defesa do nome de Oeiras.

Na última edição, que publicou Oeiras sempre Oeiras, fez resumo cronológico dos eventos e se dedicou a agradecer quase que nominalmente cada um dos que participaram da campanha direta e indiretamente. Dedicção especial teve com Costa Machado, a quem

---

<sup>285</sup> Oeiras sempre Oeiras XV. *O Cometa*. Ano III, nº 13, Oeiras (PI), p. 02, jan 1973.

<sup>286</sup> LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5. Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015, p. 22.

afirma ser “nascido em terras distantes”, no Maranhão, mas que “bebeu água do Mocha<sup>287</sup>”, e que a campanha muito devia a ele. “O seu concurso foi inestimável, como principal orientador da pugna”<sup>288</sup>.

Ao chamar a atenção de que muitos não sabem, “mas já é tempo de saber”, completa finalizando com os trechos:

A história não precisa de segredos, nem os guarda quando é necessário que se faça justiça. E no caso, a cousa tem feição particular, veste-se de um cunho apreciável e mais alto, quando se sabe que a luta porque Oeiras não perdesse o seu topônimo, se feriu num período da vida nacional. [...] vivia-se num período de exceção, em que a lei era a vontade do governante. A humanidade atravessava uma fase difícil, tormentosa de sua vida. [...] A ditadura Vargas, há muitos anos, exercia o seu arrocho sobre consciências e instituições. Nem a justiça escapava. Sacerdotes de Têmis<sup>289</sup>, eram compulsoriamente arrancados às suas funções sagradas e mandados, sem nenhum respeito, à rua da amargura. Foi nesse período de arrocho, com o DIP arrolhando jornais [aqui refere-se ao *Gazeta*]<sup>290</sup> e outras cousas; ditando normas avessas e impossíveis, que estourou contra Oeiras, a notícia de que perderia o seu nome<sup>291</sup>.

Essa edição nos chamou bastante atenção. Possidônio demonstra as qualidades de homem cordial, sabendo o que se passava no tempo, não entrou em combate. Pelo contrário. Em discursos<sup>292</sup> e conferências, enaltecia os incrementos modernizantes do Estado Novo. No discurso de inauguração do Cineteatro Oeiras, afirmou que, após a Revolução de 30, Oeiras teria acordado “do longo sono que se achava mergulhada” e que o Estado Novo poderia se chamar “Estado Salvador”, tamanha era a operosidade do seu governo.

<sup>287</sup> Na cidade diz-se daquele que chega, mas não vai mais embora. Que se enamora com a cidade.

<sup>288</sup> Oeiras sempre Oeiras XV. *O Cometa*. Ano III, nº 13, Oeiras (PI), p. 01, jan 1973

<sup>289</sup> “É uma divindade grega por meio da qual a justiça é definida, no sentido moral, como o sentimento da verdade, da equidade e da humanidade, colocado acima das paixões humanas. Por este motivo, sendo personificada pela deusa Têmis, é representada de olhos vendados e com uma balança na mão. Ela é a deusa da justiça, da lei e da ordem, protetora dos oprimidos. Na qualidade de deusa das leis eternas, era a segunda das esposas divinas de Zeus, e costumava sentar-se ao lado do seu trono para aconselhá-lo”. Cf. BRASIL. Superior Tribunal Federal. Símbolos da Justiça. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=temis>> Acesso em 03 abril 2017.

<sup>290</sup> Nas linhas anteriores do artigo fez agradecimento especial ao *Gazeta*, que era valente, sob a direção de B. Lemos, foi fechado pela Ditadura Vargas. O chefe de polícia na época, que dera ordens para fechar o periódico, era Cromwell Barbosa de Carvalho, irmão do prefeito municipal de Oeiras, Orlando Barbosa de Carvalho.

<sup>291</sup> Oeiras sempre Oeiras XV. *O Cometa*. Ano III, nº 13, Oeiras (PI), p. 02, jan 1973.

<sup>292</sup> Consideramos, para este trabalho, o discurso como analisado pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior, o qual se refere “a um fala ou oração feita para dada audiência, podendo ser escrita previamente ou dita de improviso, tendo ficado registrada de algum forma, seja através da memória daqueles que a ouviram ou presenciaram, seja através de versão original, quando por escrito, seja através de sua reprodução[...] Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A dimensão retórica da historiografia. In, PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. 1. Ed., 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2015, p. 223-224.

Assim como Durval Muniz de Albuquerque Jr., consideramos que os discursos eram utilizados como “parte do texto do historiador”, sem que se necessitasse colocá-lo nas configurações do seu tempo, identificando seus regimes de historicidade. Para nós, a retórica do discurso de Possidônio serve para percebermos de que maneira administrava a forma com que transitava na sociedade, mantendo seu espaço nos lugares sociais que cabiam aos homens de letra, ponderando, sempre que podia, nas reivindicações que considerava ser essenciais para a cidade.

Não podemos esquecer que era um negro, embora com certo reconhecimento social e intelectual, com o prestígio que desenvolveu na atividade de comerciante e produtor até meado dos anos 1960 (com certo patrimônio financeiro que vinha das atividades conjuntas com o pai<sup>293</sup>). Acreditamos que Possidônio Queiroz agia sempre com cuidado ao circular pelos espaços políticos, ancorados nas famílias que detinham os dispositivos de poder e influência para fazer acontecer seus projetos, como é o caso da educação que veremos mais adiante.

Mas, voltando às narrativas tratadas n’*O Cometa* a partir de 1971, percebemos um homem mais provocador ao questionar o regime ditatorial que se instalou no Estado Novo, varguista e que excluía direitos individuais e coletivos compulsoriamente. Provoca, ainda, afirmando que “por toda parte os povos viviam aflitos, com os governos de exceção. Com os governos de arbítrio e de força”<sup>294</sup>.

Ora, era justamente esse tipo de regime, com semelhante tipo de governo, que vivia novamente. Acreditamos que esse Possidônio sexagenário ainda era um bom e cordial servidor da cidade em que nasceu, no entanto, um tanto mais audacioso. Nas crônicas que publicou no jornal *O Cometa* utilizou a mesma tática, mas consideramos um pouco mais agudas. Numa crônica em que anuncia a instalação do governo do Estado em Oeiras, pelo então governador Alberto Tavares Silva, inicia afirmando que a “Revolução de 1964, traçou novos rumos para o Brasil, abrindo um caminho novo, por onde, dentro de um rigoroso critério de honestidade, deverão caminhar todos os que têm sobre os ombros, uma parcela de responsabilidade na administração da coisa pública”<sup>295</sup>.

Na sequência do texto, demonstra ao leitor que enquanto o povo se “engolfava” dada a “obscuridade espiritual” em que vive, os “administradores mal tinham tempo de pensar no povo”. E aumenta os questionamentos fazendo o leitor refletir:

---

<sup>293</sup> Após o falecimento do pai, o patrimônio é dividido entre os herdeiros e, aos poucos, se afasta das atividades de produtor rural, dedicando-se mais à cidade e ao funcionalismo público.

<sup>294</sup> *O Cometa*, nº13, jan 1973.

<sup>295</sup> *O Cometa*, nº07, set. 1971

Essas promessas pomposamente feitas eram soberanamente esquecidas. E o povo, que por uns poucos dias se supunha importante, que escolhia este ou aquele candidato que lhe impunha o seu partido (isto é paradoxo? Escolher o que é imposto?) [...] O desejo de mando, de ser grande, importante; a cobiça de poder fazia aos que a ele chegavam, esquecer, que não valorizar o Povo, é trabalhar contra a Pátria, porque como disse o imortal Águia de Haia, a Pátria não é de ninguém, é todos<sup>296</sup>.

Ao tempo que faz provocação sobre o tipo de política promovido nas pequenas cidades, como no caso, Oeiras, leva o leitor a se indagar sobre as imposições que o partido dava como escolha. Indagar como funciona a escolha sobre imposição, questionar desejo de mando, de ser grande, importante e cobiça de poder, eram questões críticas ao momento em que vivia. Assim, acreditamos que um outro Possidônio apresenta-se através de *O Cometa*. Este é mais provocativo e, sempre que pode, manifesta lembranças carregadas de subjetividade, que podem revelar ressentimentos guardados e que são “significantes, posto que os gestos também narram versões desconhecidas e que não podem ser ignoradas na construção de nossas narrativas”<sup>297</sup>.

Por que Possidônio dedicou tanto trabalho escrevendo sobre esse evento? Que sentimentos estão escondidos ou revelados sobre essa lembrança que o faz escolher como tema para tratá-lo como importante para uma cidade, para o conhecimento de todos e, principalmente, dos mais jovens? Essas questões o levaram a se dedicar a esse começo da publicação do jornal *O Cometa* que, no ano de seu lançamento, estaria próximo de fazer trinta anos de distância do momento escolhido.

Essas escolhas são afetivas. A dialética entre a memória individual e a consciência faz relação entre o que queremos ser, os objetos, os fatos ou as pessoas e, assim, construímos coerência com a nossa vida. Joël Candau, evocando Rousseau, conta que este, reportando-se aos seus *Passeios* (grifo do autor), levou uma queda que o fez desmaiar e, ao acordar, teria perdido a memória recente e não se lembrava do acontecido. A consequência, de acordo com o próprio Rousseau, foi a perda da consciência. Candau, didaticamente, conclui “a perda de memória é, portanto, uma perda de identidade”<sup>298</sup>.

Essa dialética da memória serve para entendermos porque, às vezes, a memória nos modela e é, também, por nós modelada. Por vezes, fazemos o trabalho de memória para que

<sup>296</sup> O Cometa, nº07, set. 1971.

<sup>297</sup> CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Lembranças, ressentimento e história. Em, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.250.

<sup>298</sup> CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1e.d., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014 p.59.

não percamos a identidade ou para que a forjamos, no sentido de que pensamos aquilo que fomos, o que somos agora e o que queremos ser.

Esse trabalho foi feito por Possidônio, escolhendo eventos de intenso trabalho nos anos quarenta<sup>299</sup>, para tomar como objeto de memória o nome Oeiras e as identidades que ele carrega. A Oeiras, no tempo de brava força de uma consciência adulta, mas com coragem jovial, viu se transformar e que, para isso, recebeu colaborações suas. No jogo uma das peças era a sua cabeça pensante que estava lá. Daí entendemos que

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e conhecimento de si<sup>300</sup>.

No intervalo de tempo entre os anos 40 e 60, escrevia palestras, discursos e conferências, tendo como plano de fundo a cidade de Oeiras. Uma dessas colaborações foi para o *Almanaque do Cariri*, administrado por Francisco Assis Leite, mencionado anteriormente.

Nos bilhetes que sempre trocava com Costa Machado, surgem vestígios das relações entre eles e a cidade. Encontramos uma amostra das notícias que chegavam da publicação do trabalho sobre Oeiras, de Possidônio, publicado no Almanaque.

Acabo de conversar com um rapaz que leu o Almanaque do Cariri, em Peripery e, novamente, ontem, aqui em Oeiras. Desta feita, um exemplar trazido por Rodrigo Ferraz, que o cedeu ao nosso Hipólito. Ignorava eu se o Almanaque já havia saído. O rapaz com quem conversei, mostrou-se entusiasmado com o seu estudo sobre Oeiras. Como não temos nos visto ultimamente, estava alheio às últimas démarches sobre o Cariri. Diga-me se Você já recebeu o seu exemplar, e a que hora hoje à noite poderei ir aí, para retermos, juntos, o estudo em apreço. Recado do amg. Machado<sup>301</sup>.

De acordo com Ângela de Castro Gomes, as portas para o reconhecimento e a demonstração da capacidade intelectual davam-se por meio das publicações em periódicos e as cartas eram meios pelos quais essa trama de posicionamento e busca por destaque aconteciam. Solicitações de textos, cartas e até telegramas para publicação eram frequentes.

<sup>299</sup> Campanha em defesa do nome da cidade, outra em prol da criação da Diocese (a notícia da criação chegou em 1944), outra em prol da criação do Ginásio municipal. E, também, a criação e organização de instituições que auxiliaram esses movimentos, como a União artística, Rotary Club; sendo que a diocese foi uma dessas instituições que apoiaram aquilo que veio depois da defesa do nome da cidade.

<sup>300</sup> Ibidem, p. 59-60.

<sup>301</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado para Possidônio Queiroz**. Oeiras, 25 out 1952.

[...] escrever para a imprensa e escrever cartas eram práticas culturais muito exercidas pelos intelectuais do século XIX e início do XX, constituindo-se em forma de expressão central para todos eles, tanto material como simbolicamente. Observação banal que remete à complexa questão da classificação e das lutas por posição no interior do campo intelectual e também político. Isso por que se, no século XIX e na primeira metade do XX, as fronteiras entre os ofícios de jornalista, literato e pensador social eram fluidas, nesses espaços de reflexão já operavam critérios que hierarquizavam a produção cultural, sacralizando o livro em detrimento de qualquer outro tipo de suporte material<sup>302</sup>.

Nesse momento de produção, o articulista toma para si o cargo de organizador dos regimes de tempo<sup>303</sup> sob aos quais Oeiras experimentou no passado. É o Possidônio Queiroz, historiador, oeirense, que utiliza sua memória e seu acervo, para narrar a história recente da Oeiras – período avaliado pelo historiador como de transformações.

#### 2.4 – Nasce o Instituto Histórico de Oeiras<sup>304</sup>

Desde a ventilação da ideia de criação do Instituto Histórico de Oeiras, na primeira edição do jornal O Cometa, em março de 1971, surgiu uma articulação realizada entre Dagoberto e outros estudantes universitários oeirenses. Na quarta página da referida edição, vê-se a notícia de que Dagoberto Ferreira de Carvalho Junior<sup>305</sup> tem a intenção de criar o Instituto.

Dagoberto era estudante de medicina em Pernambuco e, de acordo com o discurso de um dos sócios do já criado Instituto, faz parte de “uma plêiade de jovens idealistas” que “veio se juntar aos antigos combatentes – em cujas fileiras, é de justiça proclamar, vinham já

<sup>302</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Letras em Série), p. 08.

<sup>303</sup> Pensamos a relação história e biografia conscientes do entendimento sobre as experiências no tempo, analisada por Benito Bisso Schmidt, seguindo a noção formulada por François Hartog. Nela percebemos como os indivíduos tentam forjar uma coerência entre as percepções do passado, sua relação com o presente e o futuro. SCHMIDT, Benito Bisso. **Biografia e regimes de historicidade**. *MÉTIS: história & cultura*. V. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003. Para Hartog os regimes de historicidade são “como uma formulação sábia da experiência do tempo que, em retorno, modela nossos modos de dizer e de viver nosso próprio tempo. Um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento. Ele ritma a escritura do tempo, representa uma “ordem” do tempo, à qual se pode subscrever ou, ao contrário (e mais frequentemente), querer escapar, procurando elaborar uma outra”. Ver: HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo/ François Hartog. – 1. ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1997, p. 08.

<sup>304</sup> Subtítulo do Relatório do Instituto Histórico de Oeiras. Ano 1974.

<sup>305</sup> Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior. Nasceu em 1948. Escritor, médico, historiador (mestrado em História pela UFPE). Pertence à Academia Piauiense de Letras, ao Instituto Histórico de Oeiras e à Sociedade Eça de Queiroz (Recife).



militando outros abnegados”<sup>306</sup>. Entre estes últimos, destacam-se Possidônio, Costa Machado e José Expedito Rêgo.

A articulação resultou no comprometimento de alguns membros da sociedade oeirense que firmaram, após alguns encontros até a data da reunião de aprovação do estatuto, a criação do Instituto, saindo de lá deliberada a primeira diretoria que daria início às atividades propostas pelo regulamento.

José Expedito de Carvalho Rêgo, na época diretor de *O Cometa*, foi escolhido como orador e responsável por fazer a apresentação e palestra sobre a importância da criação de um Instituto Histórico para Oeiras. Reuniram-se no prédio do Círculo Operário de Oeiras, em 06 de janeiro de 1972. Após apresentação de projeto de estatuto, foi feito o convite para aqueles que queriam ser os fundadores.

Tentando cumprir papel típico dos Institutos Históricos, auxiliando na construção histórica e identitária da nação<sup>307</sup>, o projeto do estatuto, aprovado e publicado no Diário Oficial, em Teresina, propõe como finalidades:

- a) Dedicar-se ao estudo da história da pátria, da história piauiense, e em particular da história de Oeiras, em todos os seus aspectos.
- b) Promover comemorações cívicas nas datas marcantes de nossa história, e, especialmente, nas que digam com a história de nossa terra.
- c) Esforçar-se por um bom entendimento com os estabelecimentos de ensino, públicos e particulares do município, para que se dê neles boa atenção ao estudo da história oeirense.
- d) Fundar e manter um arquivo de documentos que julgue preciosos, anexando a esses documentos, notas, críticas explicativas.
- e) Trabalhar pela fundação de um museu em que se colem e conservem objetos de valor histórico, que hajam pertencido a vultos de destaque, bem como obras de arte que se devam preservar da destruição;
- f) Fundar, tanto que possua sede própria, ou alugada, uma biblioteca de literatura em geral, e de modo particular, da História do Brasil, do Piauí e de Oeiras.
- g) Desenvolver esforços junto ao Poder Competente para que se restaure e proteja o que ainda nos resta de nosso patrimônio histórico;
- h) Colaborar, tanto quanto possa, no combate ao analfabetismo, na disseminação da cultura, problema básico ao desenvolvimento da terra comum;

<sup>306</sup> CARVALHO. Dagoberto de. **Tempo de Oeiras**. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Oeiras, n. 02, 1980, p. 09.

<sup>307</sup> Tarefas observadas por Lilia Moritz Schwarcz como: “*Colligir, methodizar e guardar* (RIHGB, 1839/I) documentos, fatos e nomes para finalmente compor uma história nacional para este vasto país, carente de delimitações não só territoriais”. Para esta pesquisadora, o IHGB serviu de inspiração e “modelo interno para os demais institutos que se formam, em boa parte, ao longo do século XX”. Conf: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 a 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- i) Trabalhar pela conservação dos antigos costumes oeirenses, das nossas festas populares, fazendo quanto possa, porque se vá restabelecendo aquilo que diz de perto do nosso folclore;
- j) Colaborar com o Poder Público para que tenha a nossa Oeiras os seus símbolos, isto é, o seu escudo, bandeira e seu hino, bem como para que se crie o Dia no Município de Oeiras<sup>308</sup>.

No momento, apresentaram-se: Prof.<sup>a</sup> Alina Rosa Ferraz Nunes Ferreira de Carvalho; Prof.<sup>a</sup> Petronila do Rêgo Amorim; Prof.<sup>a</sup> Aury da Silva Dias; Prof.<sup>a</sup> Maria do Espírito Santo Rêgo; Prof.<sup>a</sup> Leonília de Carvalho Rêgo; Prof.<sup>a</sup> Gardênia de Portela Lopes; Dr. Raimundo da Costa Machado; Des. Antônio Santana Ferreira de Carvalho; Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo; Universitário Dagoberto Ferreira de Carvalho Rêgo; Universitário José Gutemberg Ferreira Soares; Universitário Adão Wallace Luz Mendes; Universitário Wartene Portela Lopes; Possidônio Nunes de Queiroz. Dagoberto apresentou os nomes de outros dois interessados e, de acordo com o relatório da diretoria, estavam devidamente credenciados<sup>309</sup>: Padre David Ângelo Leal e Monsenhor Leopoldo Portela Barbosa.

A direção saiu composta pelos seguintes membros: Raimundo da Costa Machado, presidente; Monsenhor Leopoldo Portela Barbosa, Antônio Santana Ferreira de Carvalho, vice-presidentes; José Expedito de Carvalho Rêgo, orador; Possidônio Nunes de Queiroz, Petronila Rêgo Amorim, primeiro e segundo secretário; Pe. David d'Ângelo Leal, tesoureiro; Leonília de Carvalho Rêgo, arquivista.

Na condição de primeiro secretário, Possidônio foi responsável pela redação do relatório do primeiro ano de atividade. Em seu arquivo guardou as cópias tanto do primeiro relatório, só escrito e lido em 1974 e outro em 1975. O primeiro foi apresentado pela secretaria, na sessão de posse da nova diretoria, realizada em janeiro de 1974. O segundo, na posse da nova diretoria no mesmo dia e mês do ano seguinte.

Uma característica confusa, atribuída a Possidônio, apresenta-se no primeiro relatório. Por vezes acusado de ateísmo, Possidônio apresentava um misto de interpretações cristãs que circulavam em torno da ciência e da fé<sup>310</sup>. Às vezes, fazia demonstração da complexidade do

<sup>308</sup> DIÁRIO OFICIAL, Teresina, p. 1, 16 nov. 1972.

<sup>309</sup> Talvez por procuração, ou mesmo o desejo de que fizessem parte da fundação.

<sup>310</sup> Na *Crônica meia emocionada*, escrita por Rogério Newton, o cronista oeirense expõe como seu pai se posicionava com relação a Possidônio Queiroz, chamando-o de anticlerical. No entendimento do Rogério Newton, que de início não conseguia entender, “já que o professor às vezes citava a Bíblia e mantinha relacionamento cordial com clérigos, chegando a compor uma valsa dedicada a Dom Edilberto Dinkelborg”, a cisma poderia ter se dado porque, com vasta leitura, “era natural que Possidônio desenvolvesse espírito laico”. Fazemo-nos, aqui, deste entendimento, para perceber que a quantidade, bem como a diversidade de leituras feitas por Possidônio, tenham-no dotado de “espírito laico”, levando-o a posicionar-se informalmente e/ou pessoalmente acerca das questões espirituais, para além das religiões. In: NEWTON, Rogério. **Grão**. Teresina: edição do autor, 2011, p.161.

entendimento sobre o divino e o sagrado, tentando deixar claro que não cabia ao ser humano entender de tudo, mostrando crer em Deus, mas que os limites dessa consciência não se encontravam apenas nas explicações categóricas das narrativas bíblicas, mas, talvez, junto às novas descobertas da ciência.

Ao se referir à criação divina, faz citações da Bíblia, evoca o rei Davi na contemplação da grandeza da obra e lembra que, naquele momento, outra demonstração de Deus, o cometa *Kohoutek*, recentemente atravessara os céus. Parece demonstrar gosto por concepções que unem ciência para explicar a fé em Deus ao afirmar que estes astros

[...] bailam, astralmente, na imensa nave da Catedral Cósmica, e se vão, depois enfeitando e encantando novas paragens; deleitando, no mundo dos corpos siderais, possíveis inteligências, semeadas por ai, nas muitas moradas da casa do Pai. Dissemos ser o *Kohoutek* um pequeno gigante, porque entre os gigantes saídos da oficina de Deus, o grande cometa é apenas uma criança de peito. Deus sabe que o homem carnal não pode contemplar toda a refulgência de sua obra fulgurantemente efusante. Por isso só nos manda o que podemos ver. Os astros poderosíssimos, de luz muitos milhões de vezes mais intensa do que a do Sol, coloco-os (para que pudéssemos viver) a uma tal distância de nós, que somente os iniciados na ciência astronômica podem, palidamente compreender. Lá nos insondáveis abismos, nas vastidões imensuráveis, misteriosas, incompreensíveis e indecifráveis até agora; existe um universo em expansão gigantesca, onde a vida astral se multiplica, a cada instante, em deslumbrantes e luminosas gestações de novos mundos<sup>311</sup>.

Essa apresentação, de adornos poéticos e relação com dimensão metafísica, preludiou a idealização do Instituto, sendo que, assim como se atribui à criação do nosso universo, com sua infinita e sempre evolutiva imensidão, o Instituto teve a sua, pois “sem medo de errar, em função somente de uma declaração judiciosa, proclamamos (até onde conhecemos) que o principal idealizador da criação do nosso Instituto Histórico, foi o universitário Dagoberto Ferreira de Carvalho Junior”<sup>312</sup>.

O relatório dá conta de que logo em fevereiro de 1972 deram início a alguns trabalhos e sugestões. Padre Davi Ângelo Leal indicou que a cidade precisava de uma bandeira e de um hino, aproveitando para informar que José Expedito Rêgo, na qualidade de poeta, seria o mais indicado para criá-lo. Outra sugestão entrou em debate, qual seja: a necessidade de que se determinasse o Dia do Município. Do diálogo, resolveu-se que duas comissões seriam criadas: uma pelo IHO<sup>313</sup>, outra pela Prefeitura<sup>314</sup>.

<sup>311</sup> Relatório do Instituto Histórico de Oeiras. Ano 1974.

<sup>312</sup> Relatório do Instituto Histórico de Oeiras. Ano 1974.

<sup>313</sup> José Expedito Rêgo, Possidônio Queiroz e Leopoldo Portela.

A partir do dia 22 de abril de 1972, algumas conferências começaram a ser realizadas. Na União Artística Operária Oeirense, o Presidente do IHO, Costa Machado, proferiu a palestra *Penetração prioritária nestas que depois se chamaram terras do Piauí*. Na reunião ordinária, de 03 de setembro do mesmo ano, foi feita a proposta para a inclusão dos sócios honorários. São eles: Dom Edilberto Dinkelborg, bispo de Oeiras, e Dom Paulo Libório, bispo de Parnaíba. Além dos sócios honorários, foram apresentados os sócios correspondentes. Ao todo, foram 24 novos membros, entre eles: Bugyja Britto, Gaudêncio Carvalho, O. G Rêgo de Carvalho e Mons. Chaves.

Em alusão à comemoração do *7 de Setembro*, Possidônio Queiroz apresentou a conferência *Contribuições do Piauí nas lutas pela Independência*. Programada para ser realizada na data considerada histórica pela emancipação do país, teve de ser adiada para o dia 24 de setembro, sendo proferida no auditório da Escola Normal Presidente Castelo Branco, com apresentação de alguns “números artísticos” organizados pelas escolas da cidade.

Em 23 de janeiro de 1973, reuniram-se as comissões para debater sobre pesquisa que definiria a escolha do dia do município. As comissões entrecruzaram-se, dividindo opiniões e fazendo com que mudassem os membros de acordo com as escolhas. Um grupo a favor do dia 26 de dezembro (Possidônio, Costa Machado e José Expedito), outro a favor do dia 11 de fevereiro (Mons. Chaves, Mons. Leopoldo Portela e Juarez Tapety). De acordo com o relatório apresentado por Possidônio, até a data de apresentação e leitura do documento, a escolha não teria sido feita. Por ter dado empate na divisão de opiniões entre os seis membros, cabia o desempate ao Desembargador Antônio Santana Ferreira de Carvalho “que por motivo alheio à sua vontade, ainda não pode proferir o voto [...]”<sup>315</sup>.

---

<sup>314</sup> O prefeito nomeou a própria comissão, indicando-se também como membro, já que queria fazer parte da pesquisa. Ele, Juarez Tapety, juntamente com Monsenhor Joaquim Raimundo Ferreira Chaves e Raimundo da Costa Machado. Monsenhor Chaves além de pároco, em Teresina, foi pesquisador e historiador piauiense.

<sup>315</sup> Relatório do IHO, 24 jan. 1975.



**Figura 9:** “Mesa redonda constituída por solicitação do Instituto Histórico de Oeiras, para pesquisar-se, discutir-se e dizer qual a data que se deve tomar como dia do Município. Foram nomeadas duas Comissões, uma pelo IHO, e outra pela Prefeitura Municipal. Pelo Instituto Histórico: Dr. José Expedito, Mons. Leopoldo Portela e Possidônio Queiroz. Pela prefeitura: Mons. Joaquim Ferreira Chaves, Dr. Raimundo da Costa Machado e o Prefeito Juarez Tapety. A reunião se deu no Paço Episcopal, no dia 23 de janeiro de 1973. A foto retrata um momento da reunião. Além dos membros das comissões compareceram outras pessoas. Veem-se, de frente, da direita para a esquerda: acadêmico Adão Wallace Luz Mendes, Mons. Leopoldo, Mons. Chaves, Dr. Pedro Mendes Freitas e Gerson Campos. De costas, no mesmo sentido: Dr. Juarez Tapety, acadêmico Dagoberto Carvalho, Possidônio Queiroz e Dr. Costa Machado. Houve empate na votação, pelo que se nomeou, para desempatar, o Sr. Des. Antônio Santana Ferreira de Carvalho e convocou-se outra reunião” (Manuscrito por Possidônio Queiroz).

**Fonte:** Acervo de Francisco de Assis Ribeiro de Queiroz.

O grupo que decidiu pelo dia 26 de dezembro estava baseado na data da *instalação* da Vila da Mocha. A criação deu-se por carta régia, de 30 de junho de 1712, onde o Rei D. João V, determinava que o Ouvidor do Maranhão fizesse a instalação da vila, onde estava a capela de Nossa Senhora da Vitória<sup>316</sup>. O outro se opôs, propondo que a data a ser escolhida teria de ser o dia 11 de fevereiro, pois nesse dia e mês do ano de 1697 foi escolhido o local para erguer a capela, para a Freguesia de Nossa Senhora das Vitórias.

Lugar social<sup>317</sup> e lugares de memórias<sup>318</sup> possuem relação intrínseca nesta disputa. O lugar de fala de cada um dos membros indica a adesão pelas datas que foram apresentadas. Da

<sup>316</sup> Já estava dando lugar ao templo. A conclusão se deu em 1733.

<sup>317</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011. 3. ed.

<sup>318</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista *Projeto História*, São Paulo, vol. 10, novembro 1998, p.07 – 28.

parte de Possidônio, José Expedito e Costa Machado pela data que justifica a instalação jurídica da vila, por outro lado, a posição dos Monsenhores Leopoldo e Chaves advogara pela data que representa a escolha do local de construção da capela, justificando ser o templo, aquele que iria agremiar a população em torno de si.

Posições tomadas, desempate ainda a se confirmar. Eleito para tirar da trincheira a posição que definiria a data do município, o Des. Antônio Ferreira, por algum motivo, a estendeu por seis anos. De acordo com os *Autos formados dos pareceres das Comissões*<sup>319</sup>, no dia 16 de julho de 1979, o secretário Adão Wallace Luz Mendes faz, oficialmente, a entrega da documentação e os pareceres para que possa dar o *Termo de Assentada*.

O termo foi assinado a 30 de junho. Emitido e anexado aos autos, definindo como Dia do Município de Oeiras a data que se refere à instalação da Vila da Mocha, em 26 de dezembro de 1717. No dia 10 de julho, o presidente do IHO, Dagoberto de Carvalho Júnior, enviou ao prefeito<sup>320</sup>, para que este fizesse encaminhamento para a Câmara Municipal do despacho final.

Para Possidônio, na descrição que faz no relatório apresentado em janeiro de 1974, o ano anterior teria sido rico para a vida do Instituto. Além da vinda do Monsenhor Chaves para os debates sobre a escolha da data do município, fez, no dia seguinte, conferência sobre *Participação de Oeiras nas lutas pela Independência*. Dia 27, outra conferência. Esta apresentada pelo General Abimael Clementino Ferreira de Carvalho intitulada: *Um pouco de Oeiras*.

Em julho de 1973 foi realizada sessão de recepção do sócio Antônio Bugyja de Sousa Britto, já membro Academia Piauiense de Letras e em setembro, do mesmo modo, sessão de recepção do jornalista Francelino de Sousa Piauú, piauiense radicado em Campinas, São Paulo, que aproveitou a estadia para proferir a palestra *Para além dos horizontes da história*<sup>321</sup>. De acordo com Queiroz o tema era “árido”, muito embora tenha discorrido com “simplicidade de quem conversa”.

Além da organização dos debates e palestras, proposições de escolha dos símbolos municipais (bandeira, hino e data), o Instituto propôs à Prefeitura que fizesse a restauração da Casa da Pólvora. Trata-se de uma edificação onde ficavam guarnecidas as armas que serviam à cidade enquanto capital. Feita de pedra, a construção encontrava-se em ruínas. Não possuía mais o teto e parte das paredes que a sustentavam. A reforma foi feita e a inauguração

---

<sup>319</sup> Documento encontrado na pasta Instituto Histórico de Oeiras – Relatórios. Acervo privado pessoal de Possidônio Nunes de Queiroz.

<sup>320</sup> Pedro Waldemar de Reis Freitas.

<sup>321</sup> Não encontramos documento que registra a conferência.

realizada na mesma data da reunião da comissão – como na fotografia abaixo – aproveitando a visita do Mons. Chaves.



**Figura 10:** Possidônio e seu filho Gerardo Queiroz. Oeiras. Casa da Pólvora antes da reforma feita pela Prefeitura Municipal. 197?.

**Fonte:** Acervo de Francisco de Assis Ribeiro de Queiroz.

O início das atividades do Instituto Histórico de Oeiras é carregado de otimismo e festejado no relatório de 1974, que compreende as realizações de 1972-73. Em 1974, já não aconteceu o mesmo. O desânimo que Possidônio caracteriza como “doença resultante de uma quase invencível apatia do meio”<sup>322</sup>, acomete seus membros.

O fenômeno de apatia dos membros provocou indignação no relator-secretário que registrou nota de desabafo onde toma, como exemplo de coragem e luta contra desânimo invencível, a força de trabalho do antigo amigo Cônego Cardoso de Vasconcelos. Traz consigo as experiências compartilhadas das lutas travadas juntos, lições de coragem para os confrades, aqueles que ainda eram jovens e universitários.

Pois bem. Certa feita, trabalhando ao lado dele, ouvi, de seus lábios, num momento de aborrecimento pela maneira fria como o povo reagia a uma nobre campanha, o seguinte, que traduzimos, talvez adocicando: – Diabo! Aqui na sua terra nada medra, nada vai pra frente! Até as cousas ruins morrem depressa, aqui! Esse homem hoje desaparecido, esse grande amigo de Oeiras, era o Revmo. Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, cujo

<sup>322</sup> Relatório do IHO, 24 jan 1975.

retrato, num preito de amizade e reconhecimento, numa homenagem sincera, após a União Artística Operária Oeirense, neste salão onde nos encontramos<sup>323</sup>.

Reuniram-se os seus membros apenas três vezes nesse ano. Nenhuma palestra ou conferência. Apenas as palavras do secretário inconformado com tal apatia. Fora isso, só os trabalhos de rotina que, nas palavras de Possidônio, eram apenas as propostas para mais sócios. Honorários foram dez, correspondentes vinte e seis, sendo eles indicados e aprovados. Da primeira leva, quatro eram religiosos (três bispos e um pastor). Os demais desembargadores, médicos, professores e acadêmicos de vários estados.

Da segunda leva, os correspondentes, 75% eram membros de academias, institutos históricos ou historiadores. Percebe-se que esse foi o ano dedicado a buscar legitimidades às instituições já consagradas, como Instituto Histórico Geográfico de Olinda – PE, Academia Pernambucana de Letras, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico Geográfico Piauiense e Academia Piauiense de Letras. Aliado a isso, houve uma representativa quantidade de religiosos para o quadro de sócio honorário.

A produção de Possidônio Queiroz ainda se dá por todas as revistas publicadas, pelo Instituto, até a edição de número 13, período em que é acometido por cegueira e inicia o fim das suas colaborações. Diversos gêneros de textos foram publicados, podendo ser eles: artigos publicados no jornal “O Cometa” (transcritos para revista do IHO), conferências, crônicas, história, discursos e cartas.

A primeira revista veio à luz em 1978. Possuía as mesmas características temáticas que as revistas inspiradoras “semelhante às encontradas nas publicações dos demais institutos, nas quais predominam os artigos de história”<sup>324</sup>. As primeiras edições demonstram a firmeza na intenção de publicar artigos de história adaptados das primeiras conferências pronunciadas por seus membros no início das atividades do instituto. A segunda edição dá conta do parecer do IHO sobre a escolha do dia do município e as palestras proferidas por Possidônio, José Expedito, Costa Machado e Mons. Chaves em alusão ao sesquicentenário das lutas e participação do Piauí na Independência do Brasil, entre 1972 a 1974.

Além de correspondências dos intelectuais sócios do IHO, ensaios históricos e trabalhos sobre a história do Piauí e de Oeiras, as revistas começam a dar vazão às expressões literárias. Crônicas, memórias, biografias e poemas começam a circular, dando visibilidade

<sup>323</sup> Relatório do IHO, 24 jan. 1975.

<sup>324</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 a 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 170.



aos homens de letras. Essas produções representavam sempre a conotação elitista da história, exaltação dos bandeirantes desbravadores, comandantes, coronéis, figuras que consideravam “vultos de destaque”<sup>325</sup>.

A Revista do Instituto Histórico de Oeiras nº 3 publicou uma crônica-denúncia intitulada *O Mocha*. Esta crônica foi transcrita na edição nº 5 do Jornal “O Cometa”, de 05 de maio de 1974. Inicia descrevendo e tecendo elogios para aquele que deu origem ao primeiro aglomerado de brancos naquela região, deu origem à vila e à cidade: o Riacho Mocha. Escolhido pelos colonizadores como dádiva que possibilitaria a sedentarização dos grupos de bandeirantes liderados por Domingos Afonso Mafrense, que desbravavam a região, ainda no século XVII. “O Mocha ajudou a construir Oeiras. Nada se fez aqui sem seu concurso. Da cabana humilde ao palácio Nepomuceno; desde a tosca e primitiva capelinha de 1697 ao primeiro templo regulamentado”<sup>326</sup>.

Em seguida, reclama, demonstrando certa sensibilidade ecológica em tempo onde a discussão não era sedimentada como atualmente. Faz isso construindo uma narrativa poética, elencando elementos mitológicos e poetas da cidade que beberam da água para tomarem inspiração.

Clodoaldo Freitas, Nogueira Tapety, Luiz Carvalho, Pedro Brito, Vidal de Freitas, Gaudêncio Carvalho, José Expedito, e outros, domaram Pégaso e foram a Castália, só para beber daquela água miraculosa, a fim de cantarem com precisão, as excelências de outra água, hoje desprezada, malsinada, asquerosamente poluída. [...] O Mocha está morrendo. Os homens o transformaram num depósito de lixo, bem em frente à cidade. E mais além, o arrasaram, cortaram-lhe o curso, achataram seu leito. O Mocha não tem mais leito. E para que a depredação fosse completada, tiraram-lhe a roupagem, isto é, destruíram as árvores que o protegiam<sup>327</sup>.

O poeta Gaudêncio de Carvalho, citado no texto do Possidônio, fora, juntamente com este último na casa do então prefeito Juarez Tapety, reivindicar soluções para a depredação pela qual passava o riacho. Em carta ao poeta Possidônio relembra:

Fiz nova remessa do O COMETA. No último número, umas palavras sobre o velho Mocha. Como sabe o riacho continua recebendo o pior tratamento. Ainda há uns três anos atrás, fomos, nós dois, à casa do ex-prefeito Juarez Tapety, fazer um apelo por que o nosso riacho fosse objeto de atenção por

<sup>325</sup> PIAUÍ. DIÁRIO OFICIAL. Estatuto do Instituto Histórico de Oeiras, Teresina, 16 nov. 1972.

<sup>326</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes. O Mocha. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n. 03. Oeiras:1980, p.76.

<sup>327</sup> Ibidem, p. 76 – 77.

parte do governo municipal. Promessas, e[...] o riacho continua imundo, acabando-se<sup>328</sup>.

Os conflitos inerentes às práticas humanas não se desvinculam dos sentimentos desenvolvidos pela impossibilidade de alcançar algo, sejam eles: impedimentos, contrarreação, controle social e relações de poder que se dão na sociedade. Esses sentimentos, por vezes, sobrecarregam sujeitos de reações como rancores, desejos de transformação etc. (sentimentos que não apagam as “maldades<sup>329</sup>” aplicadas, mas que se dão, talvez, como neutralização, continuidade e descontinuidade de vidas e experiências).

Neste sentido, Pierre Ansart afirma que a memória que entrelaça os indivíduos é promotora dos sentimentos de saudosismo anacrônico. Sente-se saudades do que não foi vivido, sente-se saudades como reflexo do medo causado pelo fim de uma identidade produzida ao longo dos anos<sup>330</sup>.

Na revista nº 07, de 1985, Possidônio publica duas crônicas. Uma narrativa autobiográfica, que contempla a memória que viveu *Lembrando a “Coluna Prestes” no Piauí*, e outra intitulada *Sesquicentenário do Relógio da Matriz*. Sobre a primeira, já comentamos anteriormente a respeito dos “homens barbados, que portavam lenço vermelho ao pescoço e tinham, na fala, um sotaque diferente dos nordestinos.” Descreve a rápida recepção, após alguns sustos do primeiro contato, e a narrativa da relação que cria com os músicos – cantores, violonistas e flautistas. “Gaúchos, soluçavam com seus violões, a nostálgica, típica e conhecida canção: - “Eu nasci naquela serra/ num ranchinho a beira-chão/, todo cheio de buracos/ onde a lua faz clarão, / quando chega a madrugada/ lá, na mata a passarada/ principia um barulhão”<sup>331</sup>.

Sua noção de história, memória e biografia é inspirada nos moldes que confundem um misto de pensamento Heródoto<sup>332</sup> a positivismo histórico, no qual “a única maneira de penetrar na intimidade do passado era se interessar pelo homem”<sup>333</sup>. Com o recurso da

<sup>328</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [Carta] Dr. Gaudêncio Carvalho. Oeiras, 21 de junho de 1974. O poeta Gaudêncio Carvalho é tio do escritor Rogério Newton. Este último possui vasta literatura em crônicas e poesias, que narram as diversas cidades que visualiza sobre Oeiras. Cf. NEWTON, Rogério. *Grão*. Teresina: Ed. do autor, 2011, 186 p.

<sup>329</sup> Conceito traduzido na ideia sobre o bem e o mal por Friedrich Nietzsche. Sobre verdade e mentira. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barros. – São Paulo: Hedra, 2008. (Estudos libertários).

<sup>330</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Stella Bresciani e Márcia Naxara (Org). 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>331</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Lembrando a Coluna Prestes no Piauí**. Revista do INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS N.º 07, 1985, p. 65.

<sup>332</sup> Por várias vezes citava o historiador grego parafraseando-o: “A História é a mestra da vida”.

<sup>333</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 232.

biografia, descreve Benedito Amônico de Freitas e situa a importância da história como mecanismo de produção de uma catarse social:

[...] é o passado, o tempo por excelência. Dele, nos vem, às vezes embrionárias, as grandes lições que recebidas, estudadas, ampliadas, constituem hoje o esplendor das ciências e da arte. Em qualquer província do saber humano na pintura, nas letras, na música, na estatuaría, etc., temos, dele, lições a aprender, exemplos a seguir. Não se poderá, por isso, afirmar que somente o passado é positivo?<sup>334</sup>.

Esse recorte reforça a análise feita por Francisco Alcides Nascimento sobre os textos escritos do Possidônio indicando que “Oeiras aparece na memória de Possidônio através de pequenos acontecimentos, pequenos em minha avaliação, mas que fazem sentido para o cronista, uma vez que provocam a rememoração e desta uma narrativa”<sup>335</sup>. Isto se dá através de sua metodologia e sua forma de representar o mundo, que fazem os textos publicados no jornal, nas revistas, em almanaques, estarem “relacionados a acontecimentos históricos dos quais Oeiras teve participação ou foi personagem principal, considerados relevantes pelo articulista”<sup>336</sup>.

As experiências do narrado pela cidade são produtoras de “subjetividade individual e coletiva”<sup>337</sup>. A complexidade da relação entre o narrador e seus objetos de experiência contempla a necessidade de contar, de guardar, para depois “dizer” e, nessa perspectiva, escreve numa carta ao presidente do IHO, Ferrer Freitas, em fevereiro de 1984:

UMA CONSULTA – que acha da minha crônica: - “O homem que dava leite”? O nosso Dagoberto rindo, fez objeções a ela. A nossa revista é séria. Mas a crônica referida, nada tem de amoral. Registra um fato biológico meio raro. Aqui em Oeiras vivem muitas pessoas que conhecem o protagonista. Mário Freitas, Joel Campos e muitos. Todos falam dele. A crônica revive um fato aqui passado há poucas décadas. Por bondade consulte o provector e bondoso, A. Tito Filho. Abraços<sup>338</sup>.

Para Alcides Nascimento, Possidônio era um cronista que “gostava de narrar suas impressões sobre os acontecimentos históricos lembrados a cada ano em Oeiras”<sup>339</sup>. Assim,

<sup>334</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Benedito Amônico de Freitas - Burane. Revista do Instituto Histórico de Oeiras, Nº 08, COMEPI, Teresina, 1986, p. 24.

<sup>335</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides Nascimento. **As cidades de Possidônio**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. UFPI, 2013, p. 10.

<sup>336</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides Nascimento. **Oeiras nos rastros do Cometa**. IN: BOTELHO, Denílson. História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos. Rio de Janeiro: Multifoco/ EDUFPI, 2015. p. 85.

<sup>337</sup> GUATARRI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 172.

<sup>338</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Ferrer Freitas**. Oeiras, 04 fev. 1984.

<sup>339</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides Nascimento. **As cidades de Possidônio**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. UFPI, 2013, p.4.

capturava um fato como esse narrado pela crônica que cita na consulta ao presidente do IHO, entendendo-a como digna de um registro, um evento raro.

Fugiria, portanto, nesse momento, o cronista, da regra de escrita da história positivista para pensar, na sociedade, alguns elementos efêmeros? Na concepção de Alcides Nascimento, o fato de Possidônio Queiroz ser uma amante da cidade, ter sido jornalista, escritor, orador, músico e leitor compulsivo, não é suficiente para afirmar que ele foi um grande cronista, mas que, no entanto, “não se pode afirmar do mesmo modo que não tivesse as ferramentas para sê-lo”<sup>340</sup>.

---

<sup>340</sup> Idem. p.06.

### Capítulo III – Cartografia das trajetórias

Nesta parte da pesquisa, daremos atenção especial para as possibilidades de articulação das correspondências, incluindo, entre elas, os bilhetes e alguns telegramas que se apresentam como formas de viabilizar e dinamizar *táticas* e projeções de ideais.

Aqui traremos, em um primeiro momento, uma articulação extremamente importante entre três amigos que sonharam com uma cidade progressista, entre os anos de 1930 e 1950. Em um segundo momento, avançaremos no tempo (década de 1980), olhando para o Possidônio octogenário que precisa *recordar para viver* e que faz das lembranças a maneira de continuar se inserindo na vida, encaixando os últimos tijolos identitários, representando a si mesmo enquanto ator nas memórias e autor daquilo que construiu sobre si e sobre a cidade.

As cartas, ricas em conteúdo, são importantes para montar a rede de sociabilidade que insere Possidônio Nunes Queiroz em espaços mais amplos, mas, também, são instrumentos de fortalecimento das relações que atuam contra as barreiras geográficas impostas pela distância.

#### 3.1 – Entre amigos: táticas cordiais pensando a cidade

Raimundo da Costa Machado e Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos são personagens que, repetidas vezes, foram citados nesta dissertação e que, juntamente com Possidônio, constituíram um grupo de amigos, *intelectuais mosqueteiros*<sup>341</sup>, mediadores culturais<sup>342</sup>. Estiveram envolvidos desde a Revolução de 1930, Possidônio e Machado, quando foram convidados a participar da administração pública a convite do primeiro prefeito pós-revolução. Cônego Cardoso chega a Oeiras no ano de 1932, como pároco da cidade, permanecendo até o ano de 1951<sup>343</sup>, quando vai embora para Teresina.

---

<sup>341</sup> “Intelectuais mosqueteiros” é compreendido aqui no sentido de que usaram os princípios ideológicos em que acreditavam para, a partir deles, geralmente inspirados nas ideias de ciência e literatura para fortalecimento intelectual, alcançarem o progresso espiritual e social; assim como no entendimento de Nicolau Sevcenko. Cf. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>342</sup> Para Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen, uma categoria delimitada de atores sociais é estudada por uma gama de novos pesquisadores das ciências humanas e sociais como operadores de práticas de mediação cultural. Esses atores, esclarecem as autoras, são denominados, a níveis de estudos e esclarecimento, *Intelectuais Mediadores*. Estes são “homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social”. Ver GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 10.

<sup>343</sup> Foi nomeado pelo bispo Dom Severino Vieira de Melo (1932). Foi homenageado dia 04 de março de 1951, por motivo da sua transferência. No Almanaque do Cariri, Possidônio afirma que após o Cônego entender ter

As impressões registradas na correspondência entre Possidônio e Costa Machado dão conta de que eles colaboravam muito um com o outro. Percebemos que a amizade entre os dois representa um enorme desejo de demonstrar erudição e pertencimento a uma categoria sócio - profissional do “meio intelectual”<sup>344</sup>. A dinâmica da correspondência ancorava-se, entretanto, na leitura que faziam do acervo bibliográfico que cada um conseguiu amear ao longo de suas vidas.

Num bilhete enviado por Machado, em 1935, os dois amigos compartilham leituras. As cartas registram aquilo que marca e se torna importante. Três livros são emprestados por Possidônio ao amigo Raimundo da Costa Machado que, no bilhete, encaminha a devolução comentando “gostei muito do *Professor Jeremias*”<sup>345</sup>. Após a leitura, promete uma apreciação através de versos, mas que só será possível depois de uma visita do amigo<sup>346</sup>.

Raimundo da Costa Machado nasceu em 1900, no Estado do Maranhão, mas ainda criança foi morar em Oeiras. Seu pai foi operador-técnico do Telégrafo por três décadas na cidade. Estudou odontologia na Bahia, profissão que Dagoberto de Carvalho Jr. chamou de “não vocacionada”<sup>347</sup>, talvez propondo que as letras e o trabalho intelectual teriam sido suas atividades desenvolvidas com mais prazer. Foi o primeiro presidente da União Artística Operária Oeirense, bem como do Instituto Histórico de Oeiras.

O pai de Costa Machado veio de Rosário<sup>348</sup>, cidade maranhense, e era, como afirmou em bilhete para Possidônio, um mestiço casado com uma mulher branca. Aproveitamos para

concluído sua obra na cidade de Oeiras, pediu para o Bispo Dom Severino, “desligação” da Paróquia, para residir em Teresina. QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis**. Almanaque do Cariri. Crato: 1952. Embora tenha solicitado o desligamento e se transferido para a capital do Estado, Possidônio também afirma, que “O seu amor à nossa gleba, levou-o a não pedir excardinação do nosso clero. Morreu como a ele pertencente”. Ver QUEIROZ, Possidônio. **No monumento a Cardoso de Vasconcelos**. In: Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Nº 10. Oeiras, 1988.

<sup>344</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>345</sup> A primeira edição dessa obra foi publicada em 1920, pela Revista do Brasil, quando era de propriedade e dirigida por Monteiro Lobato. A obra foi reeditada algumas vezes e chegou a alcançar a tiragem de 45.000 exemplares devido à boa recepção da crítica que afirmava ser Leo Vaz, seu autor, comparável à Machado de Assis pela escrita primorosa, e ironia mordaz. Em publicação ao jornal *O Estado*, em Niterói, de 13 de fevereiro de 1920, Lima Barreto descreve a obra da seguinte forma: “É uma obra toda ela escrita com uma candura aparente, animada de um meio sorriso, constante e permanente, mas da qual se extrai uma filosofia amarga da vida e da sociedade”. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/o-professor-jeremias>>, acesso em: 03 de julho de 2017.

<sup>346</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete enviado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 30 jul. 1935.

<sup>347</sup> CARVALHO JUNIOR, Dagoberto. Oeiras sem Costa Machado. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 08, 1986, p.70. Na mesma crônica ainda afirma sobre Costa Machado: “Os anos quarenta, foram-lhe sem dúvida, menos monótono. Por aquele tempo, sua atividade intelectual encontrara maior ressonância na amizade que o prendia a Possidônio Queiroz e a Cardoso de Vasconcelos, o Cônego”.

<sup>348</sup> CARVALHO JUNIOR, Dagoberto Ferreira de. Oeiras sem Costa Machado. **Revista do IHO**, nº 08, 1986, p.69.

fazer uma observação acerca da ideia de raça e dos comportamentos “democráticos raciais” que a sociedade oeirense distinguiu (ou ainda distingue).

Em nenhum momento encontramos qualquer anotação, documento ou carta que descrevesse a condição de Possidônio, enquanto homem negro, convivendo em meio a uma sociedade elitista e que se considerava branca. Não encontramos nenhuma informação construída de próprio punho que fizesse essa distinção. Nem ao menos uma nota biográfica do seu pai ou da sua mãe, embora tantas notas biográficas tenham sido escritas sobre “vultos oeirenses” e não oeirenses.

Ronaldo Sales Júnior afirma que, durante o Estado Novo, a inserção do “negro” era parte de uma política de inclusão, mesmo que subordinada, que aproximava as classes populares e que destituía classes oligárquicas racistas<sup>349</sup>. De caráter oculto e silencioso, essa política inclusiva propagou e sustentou a ideologia da “nacionalidade morena” do ‘povo mestiço’, que sustentava o populismo nacionalista de Vargas, o ‘pai dos pobres’, quebrando parte do poder das oligarquias regionais que se sustentava, também, sobre o domínio racial<sup>350</sup>. Pelo menos no que diz respeito ao Estado do Piauí, talvez tenha havido foi um descolamento momentâneo destas oligarquias, entretanto continuaram ocupando lugares e espaços bastante privilegiados<sup>351</sup>.

Talvez esse silêncio de Possidônio faça parte do que Ronaldo Sales Jr. chamou de *cordialidade racial*. Esse fenômeno que se dá no âmbito das práticas sociais cotidianas, produzindo uma relação frágil, pois não se configura como uma supressão das hierarquias raciais e sociais, mas somente amortece o peso das tensões. Dessa forma, analisamos aqui essa cordialidade, assim como proposto por Ronaldo Jr, como um mecanismo “de ascensão social dos grupos subordinados, de redução das distâncias sociais”<sup>352</sup>.

Analisaremos algumas condições que poderiam por em risco essa cordialidade e o possível início de reações como a “suspensão do trato” ou adoção de práticas violentas. Em primeiro lugar, não se trata somente de uma imposição de poder dos dominadores sobre os dominados, mas, sim, das relações de poderes espalhadas pela sociedade que atestam os acordos de tolerância em forma de *silêncio*. Entendemos essas relações de poder a partir dos pressupostos foucaultianos:

---

<sup>349</sup> SALES JR, Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2. São Paulo, novembro, 2006, 229-258.

<sup>350</sup> Idem. p.230.

<sup>351</sup> Ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A revolução de 1930 no Piauí: 1928 – 1934**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994

<sup>352</sup> Ibidem. p. 231.

A coisa é mais cotidiana e mais partilhada; há poderes na família, entre dois amantes, no escritório, no ateliê e nas ruas de mão única. Milhões de pequenos poderes formam a trama da sociedade, cujo liço é formado pelos indivíduos. Daí resulta que há liberdade em toda parte, uma vez que há poder em toda parte: constata-se que alguns se insurgem enquanto outros se deixam levar<sup>353</sup>.

Em bilhete de Costa Machado enviado a Possidônio, percebemos uma intriga que se desenrola a partir de uma provocação feita através de um soneto escrito pelo primeiro, ao analisar a conduta de uma figura que, também não oeilense, aparece na cidade e, logo após prosperar, “dá mostras de querer exhibir-se demasiado”<sup>354</sup>. O poeta Machado sugere que os motivos que inspiraram o soneto-crítica são de cunho político, pois afirma nas duas primeiras estrofes do terceiro soneto:

Agora quem o vir todo faceiro,  
-, gordo, quase bonito, encadernado,  
De novo, a passear, o dia inteiro  
Risonho e forte, bendizendo o fardo,

Expondo em canto ou verso improvisado  
O eleitor ou político matreiro...  
Usos, clima, serões, professorado,  
Nada ligando, a tudo sobranceiro, [...] <sup>355</sup>.

Os versos foram publicados e respondiam a uma pessoa que havia feito comentários que afetaram Machado e Possidônio. O primeiro, ao escrever para Possidônio, reclama da extrema falta de qualidade da expressão poética do acusado que se chamava Romualdo Pessoa. Na carta que envia ao amigo, descreve erros de concordância, equívocos no uso de expressões (a troca de “portanto” por “no entanto”) e reclama de ter sido caluniado no seguinte verso: “Que o tal Doutor de condição mesquinha/ É sujo... e cousa suja infelicit, / Pois cabra que não pula sempre berra!”<sup>356</sup>.

O espírito de corpo, ou seja, a lealdade dos dois intelectuais oeilenses é demonstrada através da crítica demolidora de Machado ao registrar que o poeta Romualdo Pessoa não sabia escrever. Irritado com a expressão “cabra”, Costa Machado faz associação à condição “racial” de não-branco. Assim, pretendemos analisar o seguinte trecho:

<sup>353</sup> VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Tradução Marcelo Jacques de Moraes – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 168.

<sup>354</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz. Oeiras 10 out 1935.

<sup>355</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras 10 out 1935.

<sup>356</sup> Resposta de Romualdo Pessoa. Cf. MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras 20 out 1935.



Eu sou filho legítimo de um mulato com uma branca, que Oeiras toda conheceu. Nunca lamentei minha condição. Meu pai apesar de morto, continua sendo meu mais justificado motivo de orgulho. Manteve sempre a família com seu trabalho e sua honradez proverbiais. E foi com impecável dignidade que serviu durante trinta e cinco anos o Telegrafo Nacional, do qual ao falecer era auxiliar-técnico[...] Não sou branco, mas... o autor estava longe do espelho quando me classificou de cabra? Conheço-o de pouco tempo e todos nessa cidade o conhecem como eu, mas não o acho branco, desconfio mesmo de que gire em suas veias maior doses de sangue africano, que nas minhas. Si nom é vero...<sup>357</sup>

As expressões “sujo” e “cabra” provocaram maior indignação em Costa Machado, tanto que tratou de se explicar a Possidônio, a quem pareceu somente assistir o duelo e, explicando, inclui nas descrições suas origens e ascendência mestiça. Parece mesmo não se considerar de todo negro, já que acredita possuir menos sangue africano que Romualdo.

O fato de não encontramos as respostas encaminhadas por Possidônio impossibilita indicar sua posição em relação ao acontecimento. No entanto, tentando observar algumas nuances desse silêncio, que envolve *cordialidade racial*, e verificar alguma possibilidade de risco ou tensão, encontramos somente situações de vantagens impostas pela condição social. É o caso do diálogo a seguir em que a troca de missiva relata problemas de disputa jurídica. Trata-se de uma representação perante um processo em que Possidônio representa a causa a favor de Anísio Maia<sup>358</sup>. Relata, ainda, as influências que um advogado em Oeiras<sup>359</sup> tenta utilizar através do poder político familiar, como se pode observar a seguir:

Mas é assim mesmo: ontem esse advogado, tão cheio de si, escrevia-me pedindo que evitasse a renovação da provisão de vocês ai, e agora, depois de haver Laurentino e o seu tio Firmino e o seu próprio pai feito pedidos para que procurasse amparar recurso do mesmo, dependente de julgamento no Tribunal, volta-se contra mim, supondo que isso aqui é a Comarca de Oeiras, onde ele pontifica e vale pela posição política do seu sogro. Puro engano[...] que lhe sirva a lição recebida de corretivo e de advertência<sup>360</sup>.

Apesar de não ter citado o nome do advogado que luta em causa contrária à do Dr. Anísio Maia, o documento sugere que em Oeiras alguém, que se vê ameaçado pelos trabalhos realizados por Possidônio e outros provisionados, como era o caso de Hipólito Reis, tenta

<sup>357</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz. Oeiras 20 out 1935

<sup>358</sup> Jurista Oeirense que residia em Teresina, nesta época.

<sup>359</sup> Evitam citar o nome. O advogado defendia a causa contrária a do Anísio Maia.

<sup>360</sup> MAIA, Anísio. **Carta enviada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Teresina, 28 out 1957.

fazer-se da influência política para impedir a renovação da autorização que é dada pelo Tribunal de Justiça aos advogados provisionados, que foram aprovados em concurso público.

A licença para advogar como provisionado (rábula) foi conquistada por aprovação em concurso realizado em 1953. No entanto, tal licença teria sido cancelada ou necessitava de renovação. Possidônio escreve a Anísio Maia para agradecer novamente os esforços realizados por este para que fossem renovadas, tanto as licenças do Costa Machado e as do Hipólito Reis, quanto as do próprio missivista, embora a sua renovação parecesse ter demorado um pouco mais, sendo aprovada numa das sessões da OAB/PI:

Depois da satisfação experimentada, com a renovação da licença para os nossos distintos Amigos Costa Machado e Hipólito Reis, mais uma grata emoção, com a notícia bondosamente dada pelo ilustre Conterrâneo Amigo, de que a Ordem dos Advogados, em sessão plena, resolvera, por decisão unânime, renovar a minha provisão para esta Comarca de Oeiras<sup>361</sup>.

Os anos cruzaram a década de 1950 recheados de eventos que exigiram de Possidônio Queiroz esforços para contorná-los. As dificuldades foram diversas. Talvez a principal tenha sido a gestão de filhos encaminhados para estudar em cidades distantes: uma em Teresina, outro saindo de Salvador para o Rio de Janeiro, isso sem contar com a baixa nos preços da cera da carnaúba e as dificuldades para administrar, dividindo a atenção entre o cargo público<sup>362</sup>, o comércio e a produção do carnaubal e a família.

Daí o destaque para a descrição cheia de “emoção” da carta de agradecimento encaminhada a Anísio Maia. Apesar da alegria relatada nesta última correspondência, uma informação que vem da pasta de cartas a *Familiares* contrapõe-se. Seu filho mais velho, que tinha recentemente chegado ao Rio de Janeiro para estudar e tentar vestibular em medicina, demonstrava ser o seu maior confidente. Em carta de 15 de outubro de 1953, Raimundo Queiroz Neto narra:

Como disse, quando escrevi ao Senhor para aquela capital<sup>363</sup>, não me preocupava, nem de leve, quanto a sua aprovação; tinha-a como certa e merecida. A questão da influência, do conhecimento e do prestígio político é duma valia absoluta em casos dessa natureza. Intimamente estou convicto de que o primeiro lugar, deveria ter sido do Senhor; mas honestidade e a injustiça dos homens tem dessas cousas, e dai ficar o Senhor como o segundo classificado. Todavia, todos quanto tem privado com o Senhor, meu Pai, estão seguros do seu valor, de sua capacidade, da sua inteligência, e mais ainda, os seus próprios colegas de concurso, se fizerem uso dum pouco

<sup>361</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta enviada a Anísio Maia**. Oeiras, 03 nov. 1956.

<sup>362</sup> Nesta época era diretor da Secretaria da Câmara Municipal de Oeiras.

<sup>363</sup> Refere-se à Teresina.

de decência e probidade, dirão em voz alta que o julgamento do exame não foi feito com absoluta justiça. Mas esqueçamos isto e caminhemos estrada a fora levando a maior soma de otimismo possível, e a certeza de que venceremos, mais hoje ou mais amanhã. De futuro, se Deus quiser, seremos uma família que se respeita a si própria, obrigando o respeito alheio. Quero dizer, galgaremos pelo estudo, uma posição estável, forçado aos que se julgam fortes por terem os cofres cheios, a nos respeitar, por termos a paz que eles não tem<sup>364</sup>.

As descrições que pairam na memória social dos cidadãos sobre “seu Queiroz” (pai de Possidônio) é de que era “financista, rico proprietário”<sup>365</sup>, o jornal de partilha descreve diversas propriedades, casas e terrenos pela cidade. A descrição acima, feita por Queiroz Neto, segue indicando, um mascaramento da condição negra pela condição socioeconômica ou talvez a junção da condição racial e uma imposição social pela qual se distingue pela cor branca. Assim, entendemos aqui a distinção feita sutilmente pela exclusão do que se achava ser mérito conseguir alocar-se em primeiro lugar no concurso para provisionado a *estigmatização pelo não dito*, pois “marca-se e demarca-se o corpo sem o uso da violência física [...]”<sup>366</sup>.

Talvez, no aglutinar de tantos fragmentos, acabamos por desfrutar da reflexão elaborada por Paul Veyne, indicando que “a banalidade do passado é feita de pequenas particularidades insignificantes que, ao se multiplicarem, acabam por compor um quadro bem inesperado”<sup>367</sup>. Talvez o caso da cordialidade racial tome proporções mais profundas, quase imperceptíveis, e suas nuances ressignificadas mascaram-se de *estigmatização pelo não-dito* racial.

Descrevendo cenas do cotidiano e do contato quase diário entre Possidônio Queiroz e Raimundo da Costa Machado, um grupo de correspondências trocadas entre estes registra fragmentos das articulações que proveriam algumas realizações. Destas, grande parte é formada por bilhetes enviados por Machado a Possidônio, sendo que as respostas, raras exceções, possuem cópia ou foram arquivadas.

Provavelmente para o discurso pronunciado na cerimônia da inauguração da energia elétrica na cidade, Costa Machado escreveu para Possidônio pedindo que lhe arranjasse o soneto ou livro de Bilac.

<sup>364</sup> QUEIROZ NETO, Raimundo Nunes. **Carta encaminhada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 15 out 1953.

<sup>365</sup> SOARES FILHO, Antônio Reinaldo. *Aquarelas de um tempo*. Teresina, 2016, p.342.

<sup>366</sup> SALES JR, Ronaldo. **Democracia racial**: o não-dito racista. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2. São Paulo, novembro, 2006, 233.

<sup>367</sup> VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª ed., reimpressão – Trad. De Alba Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p.20.

Manda o livro de Bilac se tiveres aí, ou então o soneto do mesmo denominado “Benedict”, se não me engano, e que começa “Bendito o primeiro o que o texto fez, etc.”<sup>368</sup> Arranja-me de qualquer forma estes versos. Tenho de cita-los e não os sei decorados. Estou emparedado [...] <sup>369</sup>.

Estiveram os três - Queiroz, Machado e Cardoso – envolvidos em diversos eventos que legaram à cidade de Oeiras instituições que tinham como objetivo intervir na sociedade, orientando seus sócios e a comunidade no sentido de promover a instrução, caridade e progresso social. Dentre elas podemos tratar aqui da União Artística Operária Oeirense e Rotary Club de Oeiras.

A União Artística Operária Oeirense foi criada em 1938 e tinha como objetivo ser uma associação que deveria ir “dilatando a fraternidade cristã, chegar das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade”. Nesse sentido, acreditava, ainda, considerar as obras efetivadas por ela como sendo “genuinamente oeirense e ao património moral de Oeiras, incorporadas todas as vitórias por ela conseguidas” – tinha como lema: União, Trabalho, Cultura e Justiça<sup>370</sup>.

---

368 **“Benedicite” – Olavo Bilac:** Bendito o que na terra o fogo fez, e o teto  
E o que uniu à charrua o boi paciente e amigo; E o que encontrou a enxada; e o que do chão abjeto,  
Fez aos beijos do sol, o oiro brotar, do trigo; E o que o ferro forjou; e o piedoso arquiteto  
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo; E o que os fios urdiu e o que achou o alfabeto;  
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo; E o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o pano,  
E o que inventou o canto e o que criou a lira, E o que domou o raio e o que alçou o aeroplano...Mas bendito  
entre os mais o que no dó profundo, Descobriu a Esperança, a divina mentira,  
Dando ao homem o dom de suportar o mundo! Disponível em < <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-olavo-bilac/>> , acesso em 04 de julho de 2017.

<sup>369</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. Bilhete enviado a Possidônio Nunes de Queiroz. Oeiras, 07 set 1937.

<sup>370</sup> Relatório da Diretoria da União Artística Operária Oeirense para ser apresentado à Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940, p.01.



**Figura 11:** Raimundo da Costa Machado posando em frente à sede da União Artística Operária Oeirense.

**Fonte:** Acervo pessoal de Carlos Rubem Campos Reis.

De acordo com Amada de Cassia Campos Reis, a U.A.O.O foi criada sob um agrupamento de oitenta e um trabalhadores de diversas profissões, reunidos no dia 18 de dezembro de 1938, com antigos sócios que compunham a extinta União Artística Oeirense, antecessora, fazendo parte do quadro da nova instituição, “além dos artistas e operários de ambos os sexos, compreendidos na faixa etária de 15 a 60 anos, independentemente de suas nacionalidades e crenças religiosas, não tendo limite de sócios”<sup>371</sup>.

Em primeiro de janeiro de 1938, encaminhando seu discurso a Possidônio para ser transcrito em Ata, juntamente com o do Cel. Miguel Oliveira, Costa Machado pede ao destinatário que consiga o resumo do discurso do Cônego Cardoso, para ser também registrado. E promete: “Amanhã acertaremos isso e provavelmente iniciaremos a redação da Ata”<sup>372</sup>. Não sabemos ao certo de que instituição estão tratando<sup>373</sup>, no entanto, podemos supor que algum evento de passagem do ano deve ter acontecido e a isso devia a atenção dada à

<sup>371</sup> REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006, p. 175.

<sup>372</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz. Oeiras, 01 jan 1938.

<sup>373</sup> Talvez a Associação de Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense, nesta época uma das mais utilizadas para a atuação desses intelectuais, antes da criação da U.A.O.O.

importância do registro. A última informação do bilhete dá informações sobre a intenção de se criar a entidade operária: “Acabo de telegrafar ao José de Abreu pedindo que me remeta pelo correio aéreo informações sobre tudo que se relacione com uma sociedade operária perante a lei. Pedi também sugestões para o desenho do diploma”<sup>374</sup>. Certificamos daí que, das reuniões de uma dada agremiação, fizeram a proposta da criação de outra.

A aproximação dos amigos unia-os também às principais causas ilustradas para a cidade. Ainda na década de 1930 tem início um diálogo que vem de fora da cidade. E que vem colaborar com algumas dessas causas. Bugyja Britto nascera em Oeiras, mas, ainda criança, transferiu-se com a família para Teresina e depois de tentar estudar direito em Recife, encaminha-se para o Rio de Janeiro a fim de concluir o curso iniciado na capital pernambucana. Na então capital do país, na condição de Presidente do Centro Piauiense do Rio de Janeiro (1939-1945), promovia suporte para aqueles que chegavam à grande cidade e operava, também, a divulgação das ações do Estado. Aproveitando a posição privilegiada, colaborou com a cidade natal enquanto pode.

Articulou com o Instituto Nacional do Livro para que a U.A.O.O recebesse livros da sua distribuição

O Instituto forneceu-me impressos juntos (ficha, registro de biblioteca e minuta de atestado); você depois de prontos, (os impressos) encaminhará ao mesmo Instituto. Fora isso, estou diligenciando pessoalmente para que essa nossa sociedade adquira livros, por doação de particulares. Um presente feito por mim à União: esta irá receber, por 12 meses, a revista *Chácaras e Quintais*, pois providenciei uma assinatura sob registro nos correios, da mesma, que será assim remetida mensal e diretamente para ai<sup>375</sup>.

Na carta de agosto de 1945 informa:

Como lhe comuniquei anteriormente, na citada carta do mês de abril, providenciei assinatura da Revista *Chácaras e Quintais*, a começar, essa assinatura foi paga pelo Centro Piauiense, de janeiro do corrente ano. Pergunto-lhe assim se a *União Operária Oeirense* – a assinante – está recebendo regularmente aquela publicação mensal<sup>376</sup>.

Essas remessas de livros ajudaram a compor o acervo da biblioteca da União que fazia parte de um projeto maior: a Instrução. O estatuto da instituição previa a criação de uma

---

<sup>374</sup> Idem.

<sup>375</sup> BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 07 abril 1945.

<sup>376</sup> BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 04 ago 1945.

escola para os operários, cujos objetivos eram qualificar melhor seus associados e possibilitar “a preparação para o trabalho através de oficinas; desenvolvimento da consciência cívica e moral por meio de conferências patrióticas e incentivo às virtudes e combate aos vícios; fundação de jornais, bibliotecas e gabinetes de leitura; além da propagação da higiene”<sup>377</sup>.

Em 13 de maio de 1939 foi inaugurada a escola “Domingos Afonso Mafrense” que, solidarizando-se com o problema nacional da educação, tanto quanto de Oeiras<sup>378</sup>, a U.A.O.O inseriu o nível de ensino primário, noturno, acudindo “associados e familiares destes que já tendo ultrapassado a idade de 15 anos não eram mais aceitos nas escolas públicas primárias”<sup>379</sup>. Essa atitude alinhava a União Artística à campanha deflagrada, em 1932, chamada Cruzada Nacional da Educação. No quadro de professores, nos cargos de efetivo e adjunto, estavam: Possidônio Nunes de Queiroz e Hipólito Constâncio da Silva Reis.

Complementando as atividades educacionais e instrutivas, a criação da biblioteca e a realização de conferências foram atividades que os membros conseguiram, também, viabilizar. Em 1º de maio de 1939, o Cônego Cardoso proferiu uma conferência que intitulou *O operário em face da igreja*. Na dita conferência, publicada pela gráfica Esperança, em Teresina, talvez para divulgação entre os operários alfabetizados, o Cônego construiu um discurso que alinhava o associativismo do operariado, a consolidação das leis trabalhistas e o perigo rubro (comunismo), dividindo assim o documento nas seguintes partes, que se classificam por temas abordados: 1 - o papel do operário no desenvolvimento da arte nas cidades; 2 - a necessidade de sindicalização, conceito de justiça social seguindo os preceitos do Estado, maior defensor da classe trabalhadora, melhor forma de lutar com os riscos da doutrina rubra – o Comunismo; 3 - Celebração do dia do trabalhador, do trabalho em si com seus benefícios para a humanidade como remédio para a indolência; 4 - dos vícios que atingem o operário: a jogatina e o álcool<sup>380</sup>.

Para Marilu Alves de Oliveira, alguns grupos forjaram uma memória coletiva negativa sobre o comunismo organizando, mesmo que com interesses diferentes, um coro de combate ao comunismo - o anticomunismo. Assim,

<sup>377</sup>REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006, p.175.

<sup>378</sup>Oeiras possuía um Grupo Escolar “Costa Alvarenga” (1929) e uma Escola Agrupada “Armando Burlamaqui” (1938), escolas públicas que não davam conta da demanda formada pela população em idade escolar. Ver: REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006.

<sup>379</sup>REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006, p.177.

<sup>380</sup>VASCONCELOS, Cônego Antônio Cardoso de. **O operário em face da igreja**. Conferência realizada a 1º de maio de 1939, na sede da União Operária de Oeiras. Gráfica Esperança, Teresina- Piauí, 1939.

[...] grupos dentro da Igreja Católica, na política nacional e local, em parte da corporação militar, no meio rural e em parcelas da sociedade civil organizada, representaram o comunismo como um mal que precisava ser contido. Cada grupo recusou-o como uma possibilidade de regime econômico político para o Brasil, no entanto, cada segmento enfatizava o aspecto negativo que era mais importante no seu combate. Apesar da multiplicidade de interesses que cada grupo possuía nas formulações das representações, estabeleceu-se na memória coletiva uma espécie de “homogeneidade” sobre o comunismo, - e quando nos referimos a uma homogeneidade, estamos apontando para uma adesão afetiva de determinados segmentos sociais ao anticomunismo<sup>381</sup>.

Marilu Oliveira ilustra essa ideal anticomunista no qual a Igreja é uma das grandes combatentes contra esse perigo eminente. No caso em tela, a orientação feita pelo Cônego entra em ressonância, pois sua fala para os operários instruída noções do papa Pio XI, o qual afirma que o comunismo tenta utilizar-se de suas várias formas e táticas para mascarar "toda a sua perversidade" para continuar agindo e atraindo as multidões<sup>382</sup>.

Uma ideia de rico e pobre pode ser vista novamente quando retomamos os diálogos entre Machado e Queiroz, pois em bilhete datado de fevereiro de 1940, Machado felicita o sucesso da festa de Carnaval organizada pela União e a paz que reinou mesmo misturando, em um mesmo espaço, as duas classes sociais.

Felicitemo-nos pelo sucesso do carnaval, em grande parte devido à maneira sensata como se portaram nossos companheiros. Ao meio dia irei pessoalmente abraça-lo e ao Joel. Não era possível desejar-se festa melhor, segundo me informaram. Essa cordialidade veio marcar época em nossa terra, destruindo muitos inúteis preconceitos e mostrando que o rico e o pobre podem entender-se perfeitamente dentro da sinceridade. Isto é mais um estímulo para a obra social que estamos procurando realizar<sup>383</sup>.

O relatório da diretoria lido para os membros, na Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940, relata a organização de bailes carnavalescos, nos dias 4 e 6 de fevereiro, tendo como encarregado geral José Rodrigues de Araújo e fiscais Benedito Alves dos Reis, Ismael Farias e Manoel Rodrigues da Silva.

<sup>381</sup> OLIVEIRA, Marilu Alves de. **A cruzada antivermelha – democracia, Deus e terra contra a força comunista**: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960. Dissertação de Mestrado - UFPI. Teresina, 2008, p.19.

<sup>382</sup> VASCONCELOS, Cônego Antônio Cardoso de. **O operário em face da igreja**. Conferência realizada a 1º de maio de 1939, na sede da União Operária de Oeiras. Gráfica Esperança, Teresina- Piauí, 1939, p.92.

<sup>383</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 07 fev 1940.



O relatório registra que a sociedade operária, quando da sua constituição, não possuía membros que fizessem parte da elite, mesmo assim, informa que tudo correu bem nos bailes, sem registrar “nenhuma anormalidade” (se referindo à violência). Foi anotado, também, ser uma feliz coincidência “nossos bailes e os da elite oeirense” se efetuarem “em edifícios fronteiriços, à Praça das Vitórias. Isto ocasionou mais uma edificante demonstração da atual cordialidade reinante entre todos os filhos de Oeiras”<sup>384</sup>.

Toda essa descrição, que parece preparar uma possível zona de conflito, revela, do contrário, que a convivência festejeira foi “dentro da mais elegante cortesia e dominados pelo contentamento mais intenso”<sup>385</sup>, pois foram feitas visitas de um “clube” para o outro demonstrando “exemplo de fraternidade e uma ausência de preconceito sem precedentes [...]”<sup>386</sup>.

Anunciar tal acontecimento digno de dois parágrafos – dos quatro de que trata sobre o carnaval – parece relatar um evento que, até então, era possível de se verificar tensão e conflito – ricos e pobres num enfrentamento mútuo. Se houve ausência de “preconceito sem precedentes” é porque na sociedade em que viviam tal manifestação era, talvez, impossível e, portanto, de acordo com o relator a União Artística, estava apresentando um novo caminho para a sociedade. Tal afirmação, constante no relatório e em bilhetes, do Costa Machado para Possidônio, embora manifeste apresentação da ausência de conflito, não nos permite afirmar que foi possível, a partir daí, numa extinção completa de rivalidades e preconceitos.

### 3.2 – Notas sobre o Rotary<sup>387</sup> Club de Oeiras

Como relatamos no primeiro capítulo, o Rotary Club de Oeiras foi responsável pela manutenção do nome de Oeiras. Em Oeiras, o Rotary foi organizado em 23 de maio de 1943 e integrado ao Rotary Club Internacional em 21 de julho do mesmo ano, sob o número 5.650.

<sup>384</sup> Relatório da Diretoria da União Artística Operária Oeirense para ser apresentado à Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940, p.08.

<sup>385</sup> Idem. p.09.

<sup>386</sup> Ibidem. p.09.

<sup>387</sup> O Rotary Club é uma sociedade civil organizada pelo advogado Paul Harris, em 1905, na cidade de Chicago, Estados Unidos. A primeira reunião foi composta por este e 3 amigos seus que tentavam reavivar o “espírito de amizade conhecido em suas cidades natais”. Convidando novas pessoas a participarem, fecham o ano de 1905 com 30 membros. Em 1910 realizaram a primeira convenção com a participação de 16 clubes. O primeiro da América Latina foi criado em Havana, Cuba, em 1915 e foi durante a primeira guerra que viu seus conceitos expandirem por meio de arrecadações que ajudavam na assistência e auxílio em serviços de emergência. Em 1927 foi criado um distrito com os Rotary Clubs da Ibero-América que incluía o Brasil até que, a partir de 1938, o Brasil necessitou de um distrito especial para abranger todo o território devido a expansão intensa. De 1939 a 1943 o único distrito se dividiu em outros cinco para comportar os novos clubes. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/542737.pdf> > Acesso em: 26 de abril de 2017.

Desde o primeiro momento, Costa Machado e Possidônio são encarregados pela coordenação das atividades de escritores e trabalhadores intelectuais da instituição. Em bilhete, Machado avisa a Possidônio:

Boa tarde.

Xé pediu que nós três nos reuníssemos hoje à noite ai para combinar escrita rotariana, dele. Assim peço que me diga a hora que lhe convém e que receba do Xé a carta de Alderico sobre fornecimento dos papeis para o referido Rotary<sup>388</sup>.

A primeira direção foi composta por Miguel Pereira Diaz de Oliveira, Presidente; Laurentino Pereira Neto, Vice-Presidente; Raimundo da Costa Machado, 1º Secretário; Possidônio Nunes de Queiroz, Segundo dito; Artaxerxes Martins de Sá (conhecido também como Xé), Tesoureiro; Nelson Fialho Reis, Diretor de Protocolo; Mario de Alencar Freitas e Augusto Rocha Neto, Diretores sem pasta. A antiga *Pensão Portela* foi o local escolhido para realizarem as reuniões.

Em carta ao então vice-presidente do Rotary Club de Oeiras, o médico Laurentino Pereira Neto, Possidônio faz uma densa descrição da criação da instituição, logo após os anos de trabalho e encorajamento que possuíam nos primeiros momentos, e indica que antes de criada já fazia parte como sócio por conta de convites feitos de amigos da cidade de Floriano.

Em maio de 1943, quando se fundou o Rotary Club de Oeiras, alvoroçado, cheio de entusiasmo, dei o meu nome para o quadro de sócios fundadores. Mais de um mês antes, havia sido distinguido com um convite honroso, por parte do Dr. Flávio Marcílio, e Srs. Antônio Anísio e Alderico Guimarães, convite esse para o fim que se alude acima, de vez que, o nosso fora fundado pelo Rotary Club de Floriano<sup>389</sup>.

Para além da mobilização de criação do Rotary em Oeiras, por oeirenses, Possidônio demonstra já tomar parte da instituição por conta do seu interesse pelos “postulados da benemérita, altruística, instituição, através de leituras de jornais e revistas, onde se falavam, ora bem, ora mal, da entidade que Paul Harris esboçara e criara”<sup>390</sup>.

Demonstra-se decepcionado com os caminhos traçados nos últimos anos pela instituição, pois o ideal que unia os homens dedicados ao altruísmo e que vislumbravam a boa vontade de ajudar ao próximo parecia ter esmorecido. Nesse sentido, entende que seria

<sup>388</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 13 jul 1943.

<sup>389</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Laurentino Pereira Neto**. Oeiras 07 jul 1949.

<sup>390</sup> Ibid. id.

obrigação do Rotary “augurar um futuro brilhante [...] capaz de tornar mais engrandecida a nossa terra natal”, pois se fosse composta de homens da mais “elevada posição em nosso meio”<sup>391</sup>.

A missiva possui o caráter de despedida, já que há anos sente o “esfriamento” do grupo que compunha a entidade e que o havia contagiado também. Esse contágio que toma conta de Possidônio é narrado como algo que o encaminha para fora do Rotary, motivado por um “desejo de sinceridade” para consigo mesmo. Antes da despedida final, descreve, no parágrafo que transcrevemos abaixo, a sua compreensão de altruísmo, acompanhada de explicação de caráter metafísico:

Corporação de finalidades mais altruísticas e filantrópicas não pode haver. Bem compreendido será o Rotary, um liame benfazejo a prender amistosamente todas as criaturas. Se é certo que existe, no éter, invisível, uma grande e gigantesca corrente, ligando todos os seres humanos, e que uma compreensão, um grosseria, um ataque a qualquer, determina uma pulsação dolorosa nessa corrente que é como que o coração do universo, que se compõe dos corações de todos os homens; se isto é certo, e se enquanto os fragmentos que forma esse órgão gigantesco, não se afinarem, harmoniosamente, não terá a vida a beleza para que Deus a fez, então, não há, como se considerar o Rotary uma instituição necessária, porque trabalha, e sua finalidade precípua é essa – trabalha para trazer à humanidade, dias melhores, mais felizes, mais dignos<sup>392</sup>.

A correspondência atinge sua função máxima, carregada de sensibilidade, levando profundamente o destinatário a refletir sobre os rumos que tomou o Rotary na cidade de Oeiras. Assim, o ofício de narrador na sua grandeza só é possível porque existe e quando existe sabedoria, pois, como afirma Walter Benjamin “A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”<sup>393</sup>. Podemos pensar essa escrita como uma narrativa “no campo da subjetividade, dos sentimentos expostos, sem nenhum pudor, das lembranças que desabafam os ressentimentos guardados por longos anos”<sup>394</sup>. Assim como Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante presume, encontramos fragmentos que permitem reconhecer, e digo ainda, mais a fundo, os sujeitos históricos a partir do campo da subjetividade, na revelação de sentimentos e ressentimentos<sup>395</sup>.

<sup>391</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Laurentino Pereira Neto**. Oeiras 07 jul 1949.

<sup>392</sup> Idem.

<sup>393</sup> BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987, p. 201.

<sup>394</sup> CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Lembranças, ressentimento e história. Em, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.250.

<sup>395</sup> CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Lembranças, ressentimento e história. Em, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

### 3.3 – Cartas que são crônicas: relatos sobre o caso Ginásio Municipal e o Banco do Brasil

*A arte alheará da mente humana a criatividade bélica*<sup>396</sup>.

A carta acima, em que narramos o ressentimento de Possidônio relacionado aos comportamentos humanos dentro do Rotary, faz parte de um momento de atividade constante que envolve um trabalho de constituição de uma melhor maneira de acomodar, em Oeiras, uma instituição pública que desse conta da educação secundária e de qualidade na cidade.

Na obra publicada em 1995, *Memórias Piauienses*, o maestro Emmanuel Coelho Maciel divulgou parte da produção musical de Possidônio Queiroz e aproveitou o ensejo para compilar, juntamente com sua monografia e partituras harmonizadas para piano, outros textos que descreveriam e legitimariam a trajetória do intelectual que atuou durante grande parte do século XX em Oeiras.

Dentre esses textos verifica-se, além da monografia já citada, a memória de Conceição Tapety, José Expedito Rêgo, M. Paulo Nunes, Ferrer Freitas e as crônicas, as mensagens e as cartas do próprio homenageado. Uma das crônicas Possidônio intitulou de *Arte e Educação*. A última frase dela compõe a epígrafe deste item e demonstra a severa preocupação do autor com o problema da educação.

O texto, publicado na década de 1990, não restringe essa preocupação apenas ao período que circunda sua publicação, mas vem de longe, talvez desde o início de sua formação. Nesse sentido, podemos pensar que sendo homem do seu tempo, considerava escrever como “arte, e arte no seu mais excelso significado”<sup>397</sup>.

Acreditamos que arte ajuda o homem a crescer sempre, tornando-o mais humano. Isto porque a arte dá ao indivíduo uma visão universal, identificando-o com o que há de maior e de melhor na face da terra. Ainda quando exercite ou desenvolva um tema de ordem pessoal, um tema de caráter ambiental, a sua inteligência, - a do artista, o projeto para além de seu meio; daí que a sua arte quando conhecida alhures, até mesmo em latitudes opostas do globo, encanta e comove<sup>398</sup>.

Quando afirmamos ser Possidônio homem do seu tempo estávamos nos referindo ao fato de que, enquanto indivíduo nascido no início do século XX, foi orientado e influenciado

<sup>396</sup>QUEIROZ, Possidônio Queiroz. *Arte e Educação*. IN: **Memórias Piauienses**. Fundação Jet: Teresina, 1995, p.31.

<sup>397</sup>Idem. p.31.

<sup>398</sup>Ibidem. p.31.

por significações inspiradas da época. Isso é o que caracteriza o *campo intelectual*, sob a perspectiva de Pierre Bourdieu, quando afirma que os elementos que indicam que o pensador pertence a sua época “são antes de mais nada as problemáticas e as temáticas obrigatórias nas quais e pelas quais pensa”<sup>399</sup>.

Assim, a questão da instrução e educação era tema de assuntos tratados por Olavo Bilac, Miguel Couto, entre outros literatos que tinham, nesse momento, a literatura como expressão mais real da sociedade, pois de acordo com Mônica Pimenta Veloso, “as mais diferentes correntes de pensamento tenderam a conceituar a literatura enquanto instância portadora e/ou refletora do mundo social”<sup>400</sup>. Também pensavam os intelectuais dessa época que através da literatura teríamos a constituição de nação mergulhada no patriotismo e seguindo os rumos do progresso. É no início do século XX, inspirado nas concepções positivistas e ancorado pelos discursos de verdade científica, indo até os anos de 1930 e a instauração do Estado Novo, que o Brasil vai viver um aprofundamento da busca pela identidade nacional, forjando o ideal de *Nação e Pátria*.

É com a criação da revista *Cultura Política*, pelo DIP, em pleno Estado Novo, que as elites intelectuais ganham força com as ideias salvacionistas sobre a nação. Tinham em mente que “à literatura caberia a função de documentar e registrar nossa história pátria”<sup>401</sup>. No entanto, mesmo sendo uma publicação que estivesse direcionada a divulgar o pensamento do governo Vargas, o editorial abriu campo para que diferentes cortes político-ideológicos pudessem colaborar com representações da realidade social brasileira<sup>402</sup>.

Ainda sobre a questão da instrução, entendemos que Possidônio Queiroz, enquanto leitor assíduo da obra de Olavo Bilac, deve ter recebido contribuições literárias quanto a esse problema. Neste sentido, Thiago Roza Ialdo Montilha compreende que, tendo como referencial de pensamento moderno as ideias desenvolvidas pelo modelo europeu do século XIX, no conceito burguês de “civilização” e “progresso”, Olavo Bilac “reconhecia não somente os potenciais da expansão da instrução, mas também os nefastos efeitos que sua ausência, em determinados níveis e aspectos havia causado ou poderia causar às mais diversas esferas da vida social”<sup>403</sup>.

<sup>399</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean. Et. al (orgs.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 141.

<sup>400</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 239-263, 1998.

<sup>401</sup> Idem. p. 249.

<sup>402</sup> GOMES, Ângela de Castro. O Estado Novo e a recuperação do passado brasileiro. IN: GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>403</sup> MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. Olavo Bilac e a questão da instrução no Brasil (1987-1908). **Revista Intellêctus**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, 2015, p. 61.

A cidade até final da década de 1920 não possui instrução pública. As escolas eram em casas de família como, por exemplo, as que Possidônio estudou (dona Quininha Campos e o Externato Oeirense, do farmacêutico João Carvalho). O discurso de cidade decadente parece não envolver o grupo dominante de oeirenses no sentido de transformar essa realidade. Somente em 1929 é criado o Grupo Escolar Costa Alvarenga, mantido pelo estado e município.



**Figura 12:** Grupo Escolar Costa Alvarenga (1929).

**Fonte:** Arquivo Particular de Carlos Rubens Reis.

Em cartas, Cônego Cardoso faz questão de deixar claro para Possidônio como a cidade o marcou e que despenderá de si forças para trabalhar enquanto puder pela Velhacap: “Mantendo sempre o meu propósito, tenho aproveitado o tempo em benefício d’essa velha cidade pois, conheço, de perto, a necessidade de seu problema máximo, continuando sempre sem solução”<sup>404</sup>.

Num bilhete enviado por C. Cardoso, em 09 de setembro de 1949, pede que, no estourar dos foguetes que antecedem a sua fala no alto-falante sobre a comemoração das festas da padroeira e do vaqueiro, Possidônio se faça presente. Um dos primeiros serviços de alto-falante que surgiu na cidade foi o da União Artística Operária Oeirense. A característica

<sup>404</sup> VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Carta encaminhada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, fev. 1945.

de cidade pequena é percebida pelo fato de que o cômico pode enviar um bilhete a Possidônio tão próximo do momento, pois anuncia: “Daqui a 15 minutos estarei na estação [...] vá comunicando ao povo. Ao estrugir dos foguetões quero ter o amigo como ouvinte, o que é uma honra para mim”<sup>405</sup>. Possidônio faz-se cordialmente poético intuindo:

Para o anacoreta o plácido reconhecimento do deserto; para o andarilho a contemplação embevecente de panoramas que mudam a cada dia; para o alpinista, a mágica estesia em que envolve a vertigem das alturas; para o amante da palavra falada ou escrita a audição de uma voz autorizada. A honra de ouvi-lo será toda minha. À hora marcada estarei a postos levando alguns companheiros. Tenho avisado a muita gente. Do crº admirador. Possidônio Queiroz<sup>406</sup>.

Transcrevemos todo o texto do Possidônio para chegar até a expressão que destaca o encerramento da carta. Expressões como “do Crº amigo” (do criado amigo) e *ex-corde* são constantes nas cartas e bilhetes. Percebe-se o uso de *ex-corde* a partir das cartas enviadas por Possidônio de 4 de janeiro de 1951. *Ex-corde*, do latim, significa “que vem do coração, que saiu do íntimo da pessoa”, o que pode representar íntima relação e demonstração de amizade.

Possidônio narra notícia sobre criação do Ginásio de Oeiras, já em fase de exame de admissão. Entretanto, lembra que essa luta vem de tempos mais remotos e que uma dessas lutas tinha sido sete anos antes, quando os dois amigos foram à casa do prefeito com presença de Juiz de direito e autoridades. Porém, nada fizeram para dar celeridade ao problema que a falta desse tipo de ensino na cidade acarretava.

Bem me lembro. Em fevereiro de 1944, realizávamos uma reunião importante em casa do Mário Freitas, reunião a que compareceu o que tem Oeiras de mais alto na sua sociedade, pois que ali se encontravam Juiz de Direito, autoridades, os mais destacados comerciantes, etc. Convocada por vossa Revma., e por mim tinha a dita reunião a finalidade única de lançar no seio de nossa gente, através dos seus elementos representativos, a ideia da criação do ginásio de Oeiras. Coube ao prezado amigo, não só pela destacada posição, mas pelo fulgor da inteligência, relatar o motivo da reunião memorável. A ideia de criação do ginásio, ventilada por seu verbo fulgurante e sincero avultou imperiosa. Mas [...] os homens a deixaram esfriar. Muito depois, o prezado amigo, tal como já fizeram antes consegue por esforço próprio a vinda do Prof. Chagas para Oeiras, e abre uma casa de instrução, mobiliada toda à sua custa. O cometimento, infelizmente, por falta de compreensão dos maiores interessados, não consegue medrar. V. Rema., porém nunca esmoreceu. E,

<sup>405</sup> VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz. Oeiras 9 de set de 1949. No mesmo documento escreve C. Cardoso e Possidônio Queiroz responde.

<sup>406</sup> VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras 9 de set de 1949.

amiúde, em qualquer oportunidade, estava sempre a advogar a necessidade que aos olhos de todos avultava cada dia maior<sup>407</sup>.

A intimidade dos dois missivistas permite-lhes, sintonizados pelo interesse comum, revelar um diálogo que transparece, mesmo que de forma opaca, a mobilização de tipos reacionários que desarmonizam a vontade dos intelectuais que se alinham à Possidônio. Eles acreditam que a educação é o melhor instrumento para dar vazão ao desenvolvimento e colocar a cidade no rumo do “progresso” que todo o país atravessa<sup>408</sup>.

Nas cartas que se seguem, após a saída do Cônego da paróquia, em direção à capital Teresina, os debates sobre educação e vontade de ver o ginásio de Oeiras funcionando a todo vapor continuam. Cônego Cardoso, em carta de novembro de 1951, relata: “Passei em Campo Maior<sup>409</sup>, na ida e na volta. O Ginásio continua em franca prosperidade. O de Valença vai marchando bem”. Mais adiante, em dezembro do mesmo ano, comenta sobre a passagem pela cidade de Crateús/Ce. Surpreende-se, pois:

Além da instrução primária a progressista cidade tem escola de comércio, escola normal rural [...] Veja, prezado amigo, que diferença da “Invicta Oeiras”<sup>410</sup> que já devia ter tudo isto, e mais o seu Ginásio! Entretanto, meu caro, resta-nos a esperança de, depois de uma luta titânica, inaugurar-se o seu estabelecimento de ensino secundário<sup>411</sup>.

Nessa época, Possidônio não fazia as cópias das correspondências remetidas para o Cônego. Fato que deixa uma lacuna em algumas informações sobre decepções com as instituições. É abordada em carta enviada para o Cônego, situação que se contrapõe aos desejos desses dois missivistas. O Cônego comenta de forma rápida que, em carta de 16 de janeiro de 1952, Possidônio remete informações sobre o “célebre caso Associação Comercial” de Oeiras e completa dizendo: “Sim, meu caro e prezado amigo, infelizmente chegamos ao tempo de nada mais nos causar admiração”. Dessa forma, entre o que é dito e o que é

---

<sup>407</sup> VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Carta encaminhada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 04 jan. de 1951.

<sup>408</sup> Os discursos da década de 1930 e 1940 indicam alinhamento ao governo do Getúlio Vargas. Discurso de inauguração da energia elétrica, em 1937, por Costa Machado e o discurso de inauguração do Cineteatro Oeiras, em 1940, por Possidônio Queiroz. Ver: ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900-1945)** – Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015. 145f.

<sup>409</sup> Cidade do norte do estado do Piauí. Dista 84 km da capital.

<sup>410</sup> Expressão que compõe o Hino de Oeiras. Faz alusão ao *status* da capital que possuía e, mesmo perdendo o título, continua “Invicta”. Também lembra a luta acampada pelo Rotary Club de Oeiras, mobilizada por Possidônio, pela manutenção do nome da cidade, pois, por decreto de 1937, o governo de Getúlio proíbe duas cidades na federação com o mesmo nome. Entram na disputa Oeiras/PI e Oeiras/PA. Oeiras/Pi sai vitoriosa.

<sup>411</sup> VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Carta encaminhada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, dez. de 1951



silenciado, entre revelações e esquecimentos, cabe a nós a verificação do emaranhado tecido entre o íntimo e o social, entre o público e o privado, pois aí parece haver consonância com a reação misoneísta de grupos oeirenses que não viam com bons olhos a instrução pública.

Última correspondência do C.C. para Possidônio Queiroz foi escrita em 13 de maio de 1967. Nela, descreve com emoção a saudade que sente da cidade de Oeiras, das amizades que deixara na velha capital tanto como as imagens que se constrói nas lembranças quando a memória o faz voltar e viver novamente os vinte anos que trabalhou como pároco, percorrendo os povoados que constituíam a paróquia<sup>412</sup>. Todo o percurso era feito de burro ou a cavalo. Assim, rememora os anos de juventude, as lembranças do período que viveu em Oeiras e que representam para ele anos de força jovial.

Já na década de 1980, Possidônio Queiroz, vivendo seus octogenários anos de vida, relembra o passado em grande parte das missivas que trocava e, sempre que provocado, fazia das cartas verdadeiras crônicas pela profundidade do conteúdo das lembranças, elaborando um denso trabalho de memória. Assim, desde a criação do Instituto Histórico e, mais precisamente após darem início às publicações das Revistas do IHO, as correspondências entre Possidônio Nunes de Queiroz e Antônio Bugyja de Sousa Britto dão-se de forma mais intensa. Nesse acervo, vários eventos da história da cidade são lembrados.

Um destes eventos é sobre o caso da proposta de criação de uma agência do Banco do Brasil, provocação feita por Bugyja Britto, quando era ainda presidente do Centro Piauiense do Rio de Janeiro. Notamos esse acompanhamento de propostas de melhoramentos para a cidade ainda numa carta de 1944, quando Possidônio, em resposta a Bugyja escreve:

Acabo de receber seu telegrama de ontem à noite. Ciente de todos seus dizeres, em nome dos que estamos trabalhando pela ideia de criação do ginásio e agencia do Banco do Brasil, levo-lhe aqui os nossos desvanecidos agradecimentos pelas animadoras, sinceras palavras que mencionou [...] Por isso, os que trabalhamos por esse alevantado ideal – a criação de um ginásio aqui, - não lhe dispensaremos, ao querido conterrâneo o sublime concurso, breve lhe bateremos a porta. O Sr. Prefeito Municipal, ouvido a respeito, hipotecou solidariedade ao movimento, prometendo tudo fazer pela vitória do mesmo<sup>413</sup>.

As lembranças, já na década de 1980, são ressentidas, pois ao olhar para trás verificam o tempo perdido na cidade. Perdida também foi a causa da abertura da agência do Banco do Brasil, pois como narra Bugyja Britto, entre os anos de 1940 e 1942, queria ele ter

<sup>412</sup> Estes eram povoados de Oeiras. Já, na época da carta, tinham se emancipado do município sede.

<sup>413</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 29 mar. 1944.

aproveitado o projeto de alargamento do crédito nacional levando para o interior do país melhores movimentações econômico-financeiras que pudessem beneficiar o trabalho local.

Neste sentido afirma:

Eu – então Presidente do Centro Piauiense, aqui no Rio – que era na ocasião a metrópole do País – entendi de beneficiar a nossa Oeiras, e para isso, em caráter oficial, fiz um *memorandum* acompanhado de dados específicos (exportação e importação, produção e vida social, etc.) tudo com o fim de ser encaminhado à direção central do Banco do Brasil S.A., como o foi. O Banco, logo que foi possível, enviou um seu funcionário para testar as minhas referências, que eram, acima de tudo, de feição comercial. E o que aconteceu? O funcionário, [...] enviado, recebeu péssimas informações do meio através de duas pessoas locais que dispunham de gabarito para dá-las. Basta saber-se que os informantes principais chegaram a dizer que a criação da agência bancária tinha de ter caráter político [...] E você sabe a razão de tais malévolas informações? Os dois informantes principais eram emprestadores de dinheiro a juros e, estavam, assim, com receios de terem prejuízos monetários, na praça [...] <sup>414</sup>.

Do ressentimento descrito sobre o caso do Banco do Brasil, promovido pelo misoneísmo dos que não queriam a instalação da agência, escreve resposta em que acusa o recebimento da carta com a triste história em que se toma conhecimento do fato de que “homens de dinheiro, filhos da invicta Oeiras, zelando egoisticamente, interesses próprios, tudo fizeram por obstar a vinda do Banco do Brasil para Oeiras <sup>415</sup>”.

Partindo da lembrança de Bugyja Britto, as memórias de Possidônio são provocadas e ele passa a lembrar também, já que na cidade, envolvido com meios políticos estruturantes, participou de tudo quanto pode. Lembra que na época o prefeito Laurentino Pereira Neto teve de se ausentar da cidade e que, por isso, encaminhou Possidônio, então diretor da secretaria da Câmara Municipal, para representá-lo, pois tinha chegado à Oeiras um senhor chamado Rüter Martins, encaminhado pelo Banco do Brasil para conversar com representantes da cidade.

Marcou-se uma audiência dos comerciantes e chefes, inclusive com o Rüter Martins, a realizar-se na Prefeitura à noite, em determinado dia. Convidei todo mundo. No dia e hora aprazados, compareceu apenas o Sr. Miguel Oliveira, exportador, ex-prefeito, ex-presidente da Associação de Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense, ex-deputado estadual, e mais ninguém. Esperamos por mais de uma hora e ninguém apareceu. O Rüter saiu decepcionado. Uns dois meses depois encontrei-me com Rüter, em Teresina e ele me disse: “Na sua tórrea não se quer o B. do Brasil. Já

<sup>414</sup> BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 29 jul 1988.

<sup>415</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 07 ago. 1988.

apresentei o relatório narrando o ocorrido”. Guarde mais esta. Eu me dei muito com o Ruiter, aqui. Cidadão inteligente, amante de boas leituras<sup>416</sup>.

O encadeamento das lembranças sobre os anos que marcaram as décadas de 1940 e 1950 pelos dois missivistas enriquecem os olhos do leitor. Aos olhos dos autores um impulso se desenvolve. As cartas chegavam a quatro ou cinco páginas em um diálogo que durou mais de um mês, ininterrupto, percorrendo uma escrita elaborada em seis cartas, três de cada escritor.

Ao citar o nome do prefeito municipal na última carta em apreço, Bugyja envolve-o num episódio que se passa ainda no início dos anos quarenta, quando ventilaram a ideia de criação do Ginásio e esta ainda era animada. Antes da inauguração do Ginásio, haveria o exame de admissão, teste para indicar os que estariam aptos a ingressar no antigo ensino ginasial.

Bugyja afirma que se pôs à disposição para adquirir material necessário para o funcionamento da escola. Empolgado com o acontecimento e imbuído do compromisso que arcara com os administradores da cidade, envia telegramas e cartas pedindo informações e cobrando papelada obrigatória para apresentar perante o Ministério da Educação e Saúde Pública, através do Departamento de Ensino e, de acordo com o missivista, era necessário “certo material de História Natural e de Geografia na instalação de ginásios”<sup>417</sup>. Após várias cartas, que descreve como súplicas, e depois de criado o Ginásio, escreve ao prefeito:

[...] logo que chegue o material, ai confira-o com a lista que vai em apenso, visada pelo Departamento de Ensino; se faltar alguma peça do material mande-me dizer imediatamente. É que eu tinha receio de que um empregado qualquer – o da embalagem ou encaixotamento, por exemplo – pudesse extraviar alguma peça do material. O Dr. Laurentino dai a 3 anos escreveu-me uma carta para dizer que faltou uma lagartixa (peça de Hist. Natural) e que tomasse providencia reclamando a falta<sup>418</sup>.

Em dezembro de 1952, com a obra paralisada e faltando grande parte para concluir, Possidônio escreve ao conterrâneo José Vidal de Freitas, juiz na Comarca de Picos, pedindo auxílio no entendimento dos procedimentos legais para tratar de recebimento de apoio financeiro para terminar a obra, já que além do Ginásio Municipal, o prefeito tinha se dedicado a construir também um Hospital. Tais obras não poderiam prosseguir porque o

<sup>416</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 07 ago. 1988

<sup>417</sup> BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1988.

<sup>418</sup> Idem.

Município não possuía mais verbas para arcar com as construções. Depois de muita luta, afirma, e contando com parceria da Diocese, que a prefeitura faria o prédio funcionar. Acontece que:

Ambas as construções vêm recebendo auxílio do Governo Central. Sucede, porém, do que se deduz, de uma carta do Dep. Vitorino Correa ao Dr. Laurentino, [...] os auxílios não serão mais pagos a Municípios e Estado, e sim a uma sociedade civil que se proponha fazer funcionar os citados estabelecimentos. [...] Sobre o assunto em tela, precisamos ouvir uma opinião abalizada. Lembrei ao Dr. Laurentino o nome do eminente conterrâneo e amigo, cujo saber e amor à Oeiras, o põem em condições relevantes para a Velha Terra lhe ir bater à porta<sup>419</sup>.

Tantos empecilhos para a construção e funcionamento desse objeto de transformação desejado por Possidônio Queiroz parecem ter marcado profundamente sua memória. Mas sua memória, como vimos em outros trechos desta pesquisa, não é construída apenas por lembranças. Seu acervo é seu lugar de memória, lugar de produção do eu, lugar que guarda marcas e representações de como quer ser lembrado, também, “ultrapassando a esfera do íntimo e referindo-se a determinações da esfera pública”<sup>420</sup>.

Contraditoriamente, Possidônio afirma que “meu antigo Professor Des. Pedro Sá, de saudosa memória, era um oráculo aqui. Era a voz mais alta e certamente seguida. Ele sempre combateu com todas as forças a ideia de criação de um ginásio em Oeiras”<sup>421</sup>. É contraditório que um professor deseje que não se abram escolas. Mesmo assim, é dessa forma que ele reinicia e conta a última parte sobre o caso do Ginásio Municipal.

Explica a situação encontrada em âmbito político, que na época da ditadura do Estado Novo, o prefeito era o Cel. Orlando Carvalho e foi nesse período que se ventilou a ideia de se criar um ginásio. E depois de uma reunião na casa de Mário Freitas saiu uma comissão para debater com o prefeito, a quem os recebeu muito bem a comissão e a ideia.

Possidônio e Costa Machado eram adversários políticos do grupo que compunha a política nesse momento, liderada pelo Coronel, e que tinha o apoio do Interventor Leônidas de Castro Melo. Assim, Costa Machado reverberava, em bilhetes, “devaneios” políticos estruturantes para Possidônio:

<sup>419</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a José Vidal de Freitas**. Oeiras, 11 de dez 1952.

<sup>420</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.37.

<sup>421</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago. 1988.

Soube ontem (notícia trazida de Floriano pelo demarcador Rocha<sup>422</sup>) que o Leônidas avisou para (trecho rasgado) que voltará o Rio habilitado para reformar a magistratura piauiense. Já vê que Brás continuará sendo tesoureiro [...] Soube também que o Cel. (certamente baseado no trombete ante prestígio leônido desse aviso), declara desejar apenas que as energias não lhe diminuam até 1945 para ele poder promover diversas obras de utilidade pública para a velha terra. Tudo muito bom e cheiroso, heim? Ah! Se a velha terra tivesse a sorte de ver o Cel. Transformado: sincero nos seus propósitos de bem servi-la, integrado na boa ordem de cousas, esquecido do carrancismo, do egoísmo e da politiquice! Como ele poderia aproveitar o prestígio que atualmente desfruta e está parecendo se prolongar, como ele poderia ainda – realizando boas obras – transformar a antipatia que, apesar de tanto prestígio oficial, o cerca como uma maldição! Mas que tolíce a minha, aumentar meu modesto recado com esses devaneios (trecho rasgado) e até ridículo!  
Até amanhã<sup>423</sup>.

Costa Machado sugere que o Cel. Orlando Carvalho, convencido de que possuindo prestígio com o Interventor Federal, deseja aproveitá-lo para realizar as obras que possuam utilidade para Oeiras. Lembramos que foi na sua administração que se realizaram importantes intervenções no centro da cidade, marcadamente o Cineteatro Oeiras, a sede da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária Oeirense, Café Oeiras, Castelo d'Água, reforma do Mercado de Cereais e Passeio Leônidas Melo.

Em meio aos devaneios, Machado parece tentar descrever características de como percebe o Coronel-prefeito e suas formas de tratar a política, desejando ele que o prestígio ante o interventor pudesse “transformar a antipatia que [...] o cerca como uma maldição!”<sup>424</sup>. É certo, então, que “os homens cultos de uma época determinada podem estar em desacordo quanto aos objetos que disputam, mas estão pelo menos de acordo em disputar certos objetos”<sup>425</sup>. Objeções políticas à parte, a ideia do ginásio foi bem acolhida pelo então prefeito:

Ele recebeu muito bem a comissão e tomou todas as providencias para que se criasse o educandário desejado. Obteve a aprovação do crédito vultoso por parte da Diretoria dos Municípios; foi ao Rio de Janeiro e trouxe bonita planta para a construção de prédio para o ginásio, planta de autoria do Prof. Carvalho Neto, filho dele Orlando, adquiriu terreno e muito material para construção. Sucede que logo veio o movimento de 29 de outubro de 1945, que derrubou a ditadura Vargas, e a ideia do ginásio esfriou de tal ponto que

<sup>422</sup> Augusto Rocha Neto, ex-prefeito de Oeiras.

<sup>423</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 13 jul 1943.

<sup>424</sup> MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 04 nov 1939.

<sup>425</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean. Et. al (orgs.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 141.

todo o material foi retirado local para outras construções. Não se falava mais em ginásio, senão vagamente<sup>426</sup>.

No Almanaque do Cariri, Possidônio afirma que quando forem estudar a história da cidade, ocupando-se dos fatos oeirenses, “estudando-os à luz fria da verdade, há de, forçosamente, reservar uma página em que dirá da obra do Sr. Cônego Cardoso, em nosso meio”<sup>427</sup>. Essa preocupação, com a memória do amigo, refere-se ao companheirismo de causa, pois batalhou sem tréguas “predicando a necessidade da abertura de escolas e da criação do Ginásio Oeirense”<sup>428</sup>.

Na carta, Possidônio continua a narrar a *via crucis* da criação. E com apoio do Cônego passou a utilizar a rádio amplificadora católica para em todos os domingos fazer “palestra, ventilando a coisa, palestra que era irradiada para a Praça da Bandeira”<sup>429</sup>.

Com a chegada do primeiro Bispo de Oeiras, o movimento retomou ânimo. Tão logo chegou<sup>430</sup>, Dom Expedito Lopes ficou sabendo do movimento pró-ginásio. Em fevereiro, o prefeito<sup>431</sup> e comitiva composta por vereadores e membros da Câmara Municipal fizeram visita e lá o bispo indagara o assunto do Ginásio. “E o prefeito e vereadores, mostraram-se na ocasião, desejosos de resolver o tão ambicionado sonho de Oeiras”<sup>432</sup>.

Como diretor da secretaria da Câmara, Possidônio assistiu o tempo transcorrer em silêncio, passando os dias que finalizaram o mês de fevereiro, assim como os dias de março. Desapontado e até “aborrecido”, Possidônio escreveu um Memorial e saiu a busca de apoio lendo-o para o Bispo, para o Pe. Otalício, para o Cônego Cardoso e para “antigo Companheiro de campanhas pró-Oeiras, Dr. Costa Machado, e outras pessoas”<sup>433</sup>. O documento fechou com 12 páginas, a ser revisado e datilografado pela Professora Eva Feitosa e o amigo Machado. Este último escrevera para Possidônio:

Há tempo não se escreve assunto sério como esse aqui. Deixe que eu assine como um dos relatores, embora não tenha posto nem uma vírgula no

<sup>426</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago. 1988.

<sup>427</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Oeiras: seu passado pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis**. Almanaque do Cariri. Teresina, 1952, p. 521.

<sup>428</sup> Idem, p. 521.

<sup>429</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago. 1988.

<sup>430</sup> No dia 05 de janeiro de 1949.

<sup>431</sup> Augusto Rocha Neto, no seu segundo mandato.

<sup>432</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago. 1988, p.02.

<sup>433</sup> Idem, p. 03

trabalho. Quero partilhar da sua glória, no caso de se criar o ginásio e também da minha aversão que vai cair sobre você<sup>434</sup>.

A notícia corria rápida. Depois de aborrecimentos, ameaças de que Machado perderia o cargo de tesoureiro da Prefeitura, boatos de que o memorial enaltecia a figura do Cel. Orlando Carvalho e fazia ataques à administração do momento fizeram com que as pessoas da cidade ficassem receosas em assinar. Disso resultaram apenas vinte e oito assinaturas de cidadãos oeirenses que apoiaram o memorial:

Assinaram-no, no entanto: dez (10) professoras; o Presidente da Associação de Comércio, Indústria e Agricultura Oeirense; o Presidente do Rotary Club de Oeiras; o presidente da União Artística Operária Oeirense; por procuração telegráfica: o Dr. José Vidal de Freitas e o Sr. Raimundo Clementino Siqueira Moura; assinaram também, autoridade fiscal do Estado; comerciantes, proprietários, etc., vinte e oito (28) assinaturas. [...] Tudo pronto esperava eu apenas o dia da primeira sessão da Câmara (sessão de abril de 1949) para apresentar o petição aos Pais do Município. A má vontade contra o ginásio não se arrefecera. Soube, então, que um vereador, aliás, portador de diploma de uma faculdade, gente de prol na velha urbe, teria dito que tal documento (memorial) não deveria ser concebido. Não me importei com a história. Como Diretor da Secretaria da Câmara de Vereadores, fui à sessão sobraçando o pedido assinado pelos vinte e oito (28), e na incerteza se ainda voltaria como funcionário da mesma Câmara. Disse comigo mesmo: - se não receberem o memorial, deixo-o em cima da mesa e me retirarei, não mais como funcionário, mas como cidadão oeirense. Felizmente, o Presidente Dr. Laurentino Pereira Neto, mandou ler o pedido, tendo sido o mesmo protocolado sob o nº 17, na Secretaria da Câmara, no dia 04 de abril de 1949<sup>435</sup>.

Os textos das cartas trocadas por Possidônio Queiroz são documentos e, assim como qualquer outra fonte histórica, são representações de elementos imbuídos das projeções simbólicas. Essas projeções sobrecarregam a sociedade com vestígios de valores, *habitus*<sup>436</sup> e visões de mundo plurais.

Queiroz, Machado, Cardoso e Britto, durante grande parte de suas vidas, utilizaram a fórmula destacada por Sandra Jatahy Pesavento em que “a combinação da memória/lembrança com a sensação/vivência re-apresenta algo distante no tempo e no espaço

<sup>434</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago 1988, p.03.

<sup>435</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta encaminhada a Antônio Bugyja de Sousa Britto**. Oeiras, 18 ago 1988, p.04.

<sup>436</sup> BOURDIEU, Pierre. A gênese do conceito de *habitus* e de *campo*. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.59 – 73. p .61.

e que se coloca no lugar do ocorrido”<sup>437</sup>. E, dessa forma, o império das missivas aqui citadas demonstra como os autores fazem “uso do eu e, como que por uma mediação entre o ego e a linguagem, as palavras são utilizadas para descrever as pessoas a serem representadas pelo autor”<sup>438</sup>.

---

<sup>437</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 280-279).

<sup>438</sup> DARNTON, Robert. História e Literatura. In: \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourette**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.161.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possidônio Nunes de Queiroz foi um arquivador da vida (Philippe Artières, 1998). Organizou suas trajetórias em pastas classificadoras, escrevendo cartas, textos, artigos, peças jurídicas, músicas, crônicas, memórias, relatórios, discursos, etc. Deu publicidade a uma parte dessas informações; outras, guardou. Não podemos dizer que guardar seja intencional com objetivo de se fazer esquecer. Acreditamos através desse trabalho que ele guardou a memória, no entendimento de Philippe Lejeune (1997), para se apresentar para outras temporalidades.

Através de seu arquivo privado registrou traços do cotidiano, das experiências que resultaram dos anos vividos nas primeiras décadas de vida, principalmente quando considera que “Recordar a década de novecentos e vinte é viver traços emocionantes do cotidiano oeirense”<sup>439</sup>. Os tempos em que Oeiras era uma “cidade pacata”, não possuía luz elétrica, mas era encandeada pela luz da lua, que, nos anos lembrados, ainda era “virgem navegadora da amplidão, celênica, imensurável, redonda hóstia de luz”<sup>440</sup>

Sua inserção no cargo público de secretário do prefeito municipal, depois diretor da secretaria da Câmara e, sempre atento aos problemas sociais, educação principalmente, auxiliou na aquisição de referências sobre o domínio de outros setores estruturais da sociedade oeirense.

O contato com essas realidades e diante da sensibilidade literária, não somente como um atributo técnico, mas como uma visão mais holística e profunda de mundo, colabora para os arranjos das narrativas que fez da cidade, para todos aqueles que se corresponderam com ele e que solicitavam informações sobre Oeiras.

Possidônio constituiu sua condição de intelectual ao longo de quarenta anos, juntamente com seus pares Raimundo da Costa Machado, Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, Bugyja Britto. Ao tempo que trabalha ativamente como mediador cultural na Oeiras que deseja para si e para a sociedade, enfrenta desafios, desafetos, constrói identidades e uma produção historiográfica que consequentemente marca a memória social.

Essa memória nem sempre é condizente exatamente com a que quis apresentar<sup>441</sup>, mas foi confirmada por seus pares e conduzida ainda por alguns anos após seu falecimento como professor receptivo, mestre dos conhecimentos gerais, servidor incansável do município

<sup>439</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Recordações III**. Oeiras, s/d.

<sup>440</sup> Idem.

<sup>441</sup> Embora tenha elaborado por várias vezes uma memória principalmente sobre a Oeiras do século XX e dos eventos que participou. Na maioria das vezes de forma didática como, por exemplo, a coluna do jornal *O Cometa* (1970 a 1976) chamada *História de Oeiras* e o programa de rádio *Memórias de Oeiras* (1984).

e que no fim da vida parecia estar *esquecido* como afirmou o amigo e ex-diretor do jornal *O Cometa*, José Expedito Rêgo<sup>442</sup>.

Tivemos também a oportunidade de imergir sob seu universo epistolar. Consideramos, talvez, que grande parte da documentação manuscrita e datilografada do acervo constitui-se de correspondências. Pudemos observar como produziu uma organização cronológica para esses materiais. Seu cuidado ao catalogar as correspondências enviadas e recebidas era efetivado através da cópia que passou a fazer de cada uma, por volta da década de 1940 a 1950 com papel carbono.

Ao datilografar uma carta fazia-a com duas folhas de papel almaço e no meio destas o papel carbono. Assim, emitia a primeira via assinada ao destinatário e arquivava a segunda via, como cópia, também assinada e devidamente datada. Aliás, essa preocupação da noção cronológica não é exclusiva para cartas, mas também para bilhetes, telegramas (nem sempre vinham datados pelos correios), anotações, diários e rascunhos.

Vimos, através das cartas, tanto dos anos quarenta como dos anos oitenta, como articulou e registrou informações que deram condições para ajudar a criar a União Artística Operária Oeirense, o Rotary Club de Oeiras e provocar a construção do Ginásio Municipal. A União Artística também foi uma sociedade organizada que fez uso para pensar a educação como forma de melhoramento humano.

No final da década de 1940, escreveu um memorial dialogando com outros intelectuais que analisavam a falta de educação como o maior problema nacional. Aliás, tinha a arte como instrumento da educação, pois, para Possidônio, esta “tem predomínio sobre todas as almas. E isso em qualquer das manifestações”. Acredita que “Pela educação, pelo aprimoramento do espírito, através do estudo, em que desenvolvem as potencialidades do indivíduo, tanto da criança quanto como do adulto”<sup>443</sup>, assim, se preparam as criaturas para perceber o mundo.

Mas para conseguir demonstrar isso e provocar a sociedade, enfrentou espíritos misóginos da cidade. Encontrou obstáculos em setores da classe política. Encontrava, no entanto, repouso e acolhimento através de amigos já citados nestas considerações, como Costa Machado, Cônego Cardoso e Bugyja Britto – os dois primeiros residentes na cidade e o último no Rio de Janeiro.

---

<sup>442</sup> RÊGO, José Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995, p.14-15 (Coleção Memórias Piauienses)

<sup>443</sup> QUEIROZ, Possidônio Queiroz. Arte e Educação. In: **Memórias Piauienses**. Fundação Jet: Teresina, 1995, p.32.

Assim como essas dificuldades de realização de um projeto que tem a pretensão de pensar uma sociedade menos desigual, através da educação, tentamos descrever como percebemos as barreiras impostas por preconceitos de cor. Não traçamos aqui um profundo debate sobre o tema. Propomos, no entanto, uma provocação acerca de uma marca sutil da sociedade brasileira, mais especificamente oeirense, que mascara as diferenciações e delimitações sob esse aspecto ou através dos *stigmas* de cor.

Possidônio Queiroz não é representação da perfeição do espírito humano, muito menos é nossa tarefa fazer julgamentos. Mesmo assim, acreditamos ser útil, enquanto conclusão de um trabalho de pesquisa, verificar os desafios que um homem negro, filho de pais negros nascidos no final do século XIX, enfrentou, e em que medida utilizou de muita cordialidade no sentido *buarquiano* para conseguir fazer-se ver, fazer-se escutar. Sua cordialidade, queremos deixar claro, não se sobressai a todo esforço, em se tratando de consumo de leituras, desenvolvimento da arte, música, a prática da oratória, conferencista, historiador, entre outras que o impuseram como referência intelectual para Oeiras e para o Piauí.

Esse foi nosso entendimento disso, pois transitou por setores da política mesmo não tendo sido eleito ou empossado em cargos de representatividade pública. Nesse sentido, insere-se nessa análise o fato de mesmo sendo reconhecido como homem de letras, não publicou nenhuma obra em vida como sistematização do seu pensamento.

Esperamos apenas que possamos ter provocado algumas reflexões, não isentando Possidônio Queiroz de suas responsabilidades. Como narrador, carrega “a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1987), mesmo que, soterradas de poeira, guardadas em caixas e pastas, escondidas dos olhares públicos, no alforje da memória que se tornou seu arquivo privado.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Pedagogias da saudade**: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. Revista História Hoje, v. 2, n° 4, p. 149-174 – 2013.

\_\_\_\_\_. **De amadores a desapaixonados**: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. Trajetos – Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

\_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru(SP): Edusc, 2007.

ALVES, Rubem. **Pimentas**: para provocar incêndio não é preciso fogo. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2012.

ANDRADE, José Maria Vieira. **Entre Narrativas e Fragmentos**: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rego de Carvalho. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina: 2009.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In, Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Org: Stella Bresciani e Márcia Naxara. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

ARAÚJO, Johny Santana de. Os caminhos da interação entre história, historiografia e teoria. **Revista de Teoria da História**, ano 7, n. 13, Universidade Federal de Goiás, Abril/2015.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e Pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARNAUT, Luiz; MOREIRA, Renata. História e ficção: notas para uma abordagem não dicotômica. CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; MONTEIRO, Jaislan Honório (Org). **Historia, arte e invenção**: narrativas da história. – São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPQ; Teresina: EDUFPI, 2012.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n° 21, 1998. pp. 9-34.

ASSUNÇÃO, Rosângela. **A política trabalhista na era Vargas e a construção da Memória dos portuários de Teresina (1930 – 1954)**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina: 2005.

BADINTER, Elisabeth. **As paixões intelectuais**: desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARROS, Natália Conceição Silva. **Arquivos da vida, arquivos da história**: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História – Recife: O autor, 2012.

BARROS, Elimar Barbosa de. *Mímesis em Malhadinha, de José Expedito Rêgo*: representação irônica de um sistema social em decadência. Teresina, - 2015. 159f (Dissertação de Mestrado - Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – PROLETRAS – da Universidade Estadual do Piauí).

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: o pintor da vida moderna [organizador Teixeira Coelho]. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. — (Coleção Leitura).

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre; CHATIER, Roger. *Habitus e campo*. In: \_\_\_\_\_. **O sociólogo e o historiador** – Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 59-68.

BOURDIEU, Pierre. A gênese do conceito de *habitus* e de *campo*. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.59 – 73.

\_\_\_\_\_, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean. Et. al (orgs.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 105-45.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Escrita dos movimentos interiores**: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992). Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

\_\_\_\_\_, Ana Cristina Meneses de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Entre Manoel de Barros e Mía Couto: a produção de uma escuta sensível. In: **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras** – Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010.

BRASIL. Lei Nº 161, de 31 de dezembro de 1935.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Apresentação, In: **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Stella Bresciani e Márcia Naxara. (Org.). 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi – São Paulo: companhia das letras, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1e.d., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUSA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos escalas e desafios. 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Luisa Maria Delgado de. Um acervo como ponto de partida. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.14, p. 217 - 234. jan./abr. 2015.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Lembranças, ressentimento e história. Em, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. 1º tomo - Artes de Fazer. 3 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo, 2 ed. Algés: DIFEL, 2002.

\_\_\_\_\_. A história hoje; dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97 -103, 1994.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n. 11, abril de 1991.

COORD, Marcelo Mac. **A União Artística**: construção e legitimidade de classe, Recife, década de 1870. Revista Perseu, Nº 04, Ano 03. Fundação Perseu Abramo, 2009.

COSTA, F. A. Pereira. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí**: desde seus tempos primitivos até a proclamação da República. Volume II. Editora Artenova, Rio de Janeiro. 1974.

DARNTON, Robert. História e Literatura. In: \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourette**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiográfica contemporânea. **Revista Projeto História**, São Paulo, vol. 17, novembro 1998 – p.223 – 258.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FRAIZ, Priscila. A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Augusto Capanema. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº21, 1998. pp. 50 – 87.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUERELLUS, Natália de Santana. Novacap e Velhacap: Raquel de Queiroz e a mudança da capital federal nos anos 1950. In: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia; SANTOS, Ricardo Augusto. **Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

GOMIDE, Bruno Barretto. Monte Castelo em dezembro: a guerra em surdina de Boris Schnaiderman. In: GOMES, Ângela M. de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria/ Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Nação e Civilização nos trópicos**: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5 – 27.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Letras em Série).

\_\_\_\_\_. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. História e historiadores. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_ (org.). **Regionalismo e centralização política**: partidos e Constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4ª edição. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1992.

KARNAL, Lenadro; TATSH, Flávia Galli. A memória evanescente. In, PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. 1.ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. [et. al]. – 5ªed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEJEUNNE, Philippe. O guarda-memória. **Revista Estudos Históricos**, Vol. 10, nº 19, 1997, p. 111 a 119.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo/ – 1. ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. – (Coleção História e Historiografia).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**; prefácio de Antônio Cândido – 26. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5. Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. Cultura letrada, intelectuais e memórias populares. In: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia; SANTOS, Ricardo Augusto. **Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

MACIEL, Emmanuel Coelho. Possidônio Queiroz: sua vida, sua arte. In: **Memória piauiense – Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In, PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes**. 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015, p.197.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. Como deve cuidar do seu filho: a puericultura no Piauí no período de 1930 a 1945. Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, 2. 2014, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: UECE, 2014, p.2. Disponível em:  
< <http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos.html> >. Acesso em: 27 jun. 2017.

MATOS, Maria Izilda Santos. Cultura, sonoridade e musicalidades na metrópole dos italianos: a São Paulo de Adoniram Barbosa. IN: BOTELHO, Denilson (org.). **História e cultura urbana**: A Cidade como arena de conflitos – Rio de Janeiro: Multifoco/ EDUFPI, 2015.

MENDES, Felipe. Formação Econômica. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Piauí**: Formação - Desenvolvimento – Perspectivas. Teresina, Halley, 1995.

MEYER, Marlyse (org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia e memória**. 1ª ed. 1ª impressão – São Paulo: Contexto, 2010.

MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. Olavo Bilac e a questão da instrução no Brasil (1987-1908). **Revista Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, 2015

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937 a 1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.



\_\_\_\_\_. Cidade e memória: “cidades invisíveis”. **Revista Outros Tempos**. ISSN 1808-8031, volume 03, número 3, 2006. p. 197-209.

\_\_\_\_\_. As múltiplas portas da cidade no centenário de Teresina. IN, NASCIMENTO, Francisco Alcides (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras** – Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010.

\_\_\_\_\_. Sentimentos e ressentimentos: amor e desamor, territorialização e desterritorialização na cidade contemporânea. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. – Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010.

\_\_\_\_\_. As cidades de Possidônio. **VI Simpósio Nacional de História Cultural**. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. UFPI, 2013.

\_\_\_\_\_. Oeiras por meio das cartas de Possidônio. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 10, Ano X, nº 1, 2013.

\_\_\_\_\_. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937 a 1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2015, p.40.

\_\_\_\_\_. Oeiras nos rastros do Cometa. IN: BOTELHO, Denilson. **História e cultura urbana**: a cidade como arena de conflitos. Rio de Janeiro: Multifoco/ Edufpi, 2015.

NEGREIROS, Vanessa Soares. **Em busca da “geração perdida”**. Dissertação (mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2011. 225 fls.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, vol. 10, novembro 1998 – p.07 – 28.

OLIVEIRA, Marilu Alves de. **A cruzada antivermelha** – democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960. Dissertação de Mestrado - UFPI. Teresina, 2008

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2007, vol.27, n.53, pp. 11-23. ISSN 1806-9347.

\_\_\_\_\_. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos, arte e história**, Vol. 02, nº 30, 2002, p. 56-75.

\_\_\_\_\_. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 280.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social, **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n.10, 1992, p.200-215.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade”! Arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, Nº 21, 1998.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tirantias do Tempo. 3. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2011.

\_\_\_\_\_. Imagens de Oeiras. In: \_\_\_\_\_. **Do Singular ao Plural**. Recife: Bagaço, 2006.

\_\_\_\_\_. **História, Literatura e Sociabilidade**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. **Economia Piauiense** – da pecuária ao extrativismo. Teresina: APeCH/ UFPI (Coleção Curto Circuito), 1993.

REIS, Amada de Cassia Campos. **História e memória da educação em Oeiras – Piauí**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí - UFPI. 2006.

REZENDE, Antônio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

REZENDE, Antônio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e a experiência da volta. IN: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. **Desencantos Modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte – Recife: FUNDARPE, 1997. 204p.

\_\_\_\_\_. Itinerários da solidão: registros históricos da solidão no Recife dos anos 20. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003.

ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação**: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900-1945) – Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 4ª edição – São Paulo: brasiliense, 2012.

SAID, Edward. **Representações intelectuais**: as conferências de Reich de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES JR, Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 18, n. 2. São Paulo, novembro, 2006.

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. 2ª edição; Ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina.

SANTOS, Antonio Carlos Marques. Entre a destruição e a preservação: notas para o debate. In: SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (Org). **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

SCHARTZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, intuições e questão racial no Brasil – 1870-1890**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *MÉTIS: história & cultura*. V. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha – 2 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472p.

SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **Historia e Identidade: as narrativas da piauiensidade**. Teresina: EDUFPI, 2010.

SVICERO, Thais Jeronimo. **Construindo um lugar na história: o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996)**. 2012. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93311>>.

TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. Conversa entre amigos: correspondências trocadas entre Possidônio Queiroz e Bugyja Brito. **III Seminário Internacional História e Historiografia/ X Seminário de Pesquisa do Departamento de História da UFC**, outubro de 2012.

TOSCH, John. **A busca da História: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 28, 2001.

\_\_\_\_\_. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FONTES

### **Literatura Oeirense**

BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Narrativas autobiográficas**. Folha Carioca Editora LTDA, Rio de Janeiro, RJ, 1977.

CARVALHO, O. G. Rêgo. **Como e porque me fiz escritor**. 2ª Ed. – Teresina: Quimera Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Somos todos inocentes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

CARVALHO JR. Dagoberto Ferreira de. **Passeio a Oeiras**. 5ª ed. – Recife: Editorial Tormes, 2004.

RÊGO, José Expedito de Carvalho. **Os caminhos da loucura**. Teresina, Júnior, 1995.

NEWTON, Rogério. **Grão**. Teresina: Ed. do autor, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ruínas da Memória**. Teresina 1994.

### **Revistas do Instituto Histórico de Oeiras**

CARVALHO JUNIOR. Dagoberto de. Tempo de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 02, 1980.

\_\_\_\_\_. Oeiras sem Costa Machado. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 08, 1986

CARVALHO. Fátima. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n.3, 1980.

QUEIROZ, Possidônio. No monumento a Cardoso de Vasconcelos. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 10,1988.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Benedito Amônico de Freitas - Burane. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Teresina/COMEPI, n. 8, 1986.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Lembrando a Coluna Prestes no Piauí. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 7,1985.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Saudação a D. Carmine Rocco. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 3, 1980.

QUEIROZ, Possidônio Nunes. O Mocha. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras n. 3, 1980.

### **Fontes impressas, manuscritos ou datilografadas do acervo privado**

CAMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. Ata da sessão solene realizada em homenagem ao Diretor da Secretaria da Câmara Municipal, Possidônio Nunes de Queiroz ao ensejo de sua aposentadoria. Oeiras, 22 de maio de 1976.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Depoimento do Professor Possidônio Queiroz** – Oeiras, Piauí, julho de 1989. Revista Oeiras. Edição Gabinete da Presidência – BNB – Coordenadoria de Divulgação e Promoção – CODIV, Fortaleza, setembro de 1990.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Discurso. Sessão solene realizada pelo IHO, em homenagem ao Sr. Antônio Bugyja de Sousa Britto. Oeiras, 21 de maio de 1987.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **MEMÓRIAS DE OEIRAS VI** (Programa de Rádio). Oeiras, 22 de outubro de 1983.

QUEIROZ, Possidônio Nunes. **Breve notícia sobre criação de escolas no Município de Oeiras**. Oeiras, 22 de agosto de 1967.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Oeiras: seu passado, pleno de glórias – o presente cheio de realizações úteis. **Almanaque do Cariri**. Crato: 1952.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Livro Conta corrente**. Oeiras, 27 de julho de 1940.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **João Ribeiro de Carvalho** – Notas fornecidas por Possidônio Queiroz. s/d.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Recordações** – III. Oeiras, s/d.

Relatório do Instituto Histórico de Oeiras. Ano 1974.

Relatório do Instituto Histórico de Oeiras. Ano 1975.

Relatório da Diretoria da União Artística Operária Oeirense para ser apresentado à Assembleia Geral ordinária, em 17 de novembro de 1940.

RÊGO, José Expedito de Carvalho. **História do Jornalismo em Oeiras**. In: CADERNOS DE TERESINA: revista informativa e cultural da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Ano III, nº 09 - Teresina, dezembro de 1989.

RÊGO, José Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Memórias Piauienses – Possidônio Queiroz**. Fundação José Elias Tajra – Teresina, 1995.

VASCONCELOS, Cônego Antônio Cardoso de. **O operário em face da igreja**. Conferência realizada a 1º de maio de 1939, na sede da União Operária de Oeiras. Gráfica Esperança, Teresina- Piauí, 1939

## Cartas

BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 7 abr. 1945.

BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 4 ago. 1945.

BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 29 jul. 1988

BRITTO, Antônio Bugyja de Sousa. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1988.

FALCI, Miridan Brito. **Carta encaminhada a Possidônio Queiroz**. Rio de Janeiro, 1 jun. 1989.

MAIA, Anísio. **Carta enviada a Possidônio Nunes de Queiroz**. Teresina, 28 out. 1957.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado para Possidônio Queiroz**. Oeiras, 25 out. 1952.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete enviado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 30 jul. 1935.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras 10 out. 1935.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete enviado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 7 set 1937.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 01 jan. 1938.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 7 fev. 1940.

MACHADO, Raimundo da Costa. **Bilhete encaminhado a Possidônio Nunes de Queiroz**. Oeiras, 13 jul. 1943.

MELO, Antônio Neves de. **Carta endereçada a Possidônio Nunes Queiroz**. Teresina, 7 jul. 1927.

QUEIROZ, Possidônio. **Carta endereçada a Emmanuel Coelho Maciel**. Oeiras, 10 nov. 1994.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Emmanuel Coelho Maciel**. Oeiras, 18 dez. 1991.

QUEIROZ, Possidônio Nunes. **Carta endereçada a Miridan Britto Falci**. Oeiras, 23 nov. 1990.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Arimatéa Tito Filho**. Oeiras, 8 mai. de 1988.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Arimatéa Tito Filho**. Oeiras, 18 jan. de 1984.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Ferrer Freitas**. Oeiras, 4 fev. 1984.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada à Fábrica Weril**. Oeiras, 18 nov. de 1982.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada ao Dr. Gaudêncio Carvalho**. Oeiras, 21 de jun. 1974.

QUEIROZ, Possidônio. **Carta endereçada a Antônio de Pádua Francis Kalume.** Oeiras, 4 abr. 1976.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Antônio Bugyja de Sousa Britto.** Oeiras, 7 ago. 1988.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Antônio Bugyja de Sousa Britto.** Oeiras, 18 ago. 1988.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Anísio Maia.** Oeiras, 3 nov. 1956.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Laurentino Pereira Neto.** Oeiras 7 jul. 1949

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a Antônio Bugyja de Sousa Britto.** Oeiras, 29 mar. 1944.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Carta endereçada a José Vidal de Freitas.** Oeiras, 11 de dez. 1952.

QUEIROZ NETO, Raimundo Nunes. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz.** Oeiras, 15 out. 1953.

VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz.** Oeiras, fev. 1945.

VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Bilhete endereçado a Possidônio Nunes de Queiroz.** Oeiras, 9 set. 1949.

VASCONCELOS, Antônio Cardoso de. **Carta endereçada a Possidônio Nunes de Queiroz.** Oeiras, 4 jan. 1951.

### **Periódicos**

CORREIO DE OEIRAS. Oeiras, 28 jan. 1909.

CORREIO DE OEIRAS. Oeiras, 15 mai. 1909.

DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 16 nov. 1972.

Jornal *O Cometa*. Oeiras, mar. 1971.

Jornal *O Cometa*, Oeiras, nov. 1971.

Jornal *O Cometa*. Oeiras, set. 1971.

Jornal *O Cometa*. Oeiras, jan. 1973.

Jornal *O Dia*. Teresina, 26 fev. 1996.

Jornal Gazeta, Teresina, 19 set 1943.

Jornal Gazeta, Teresina, 31 out 1943.

Revista Oeiras. Edição Gabinete da Presidência – BNB – Coordenadoria de Divulgação e Promoção – CODIV, Fortaleza, setembro de 1990.

### **Depoimento Oral**

AMORIM, Petronília Rêgo. **Entrevista concedida a Francisco Alcides Nascimento e Rodrigo Marley de Queiroz Lima**. Oeiras, 20 mar. 2016.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. **Entrevista concedida a Elpídio de Sá Cavalcante Júnior**. Oeiras/PI. 17 mai. 1986.